

Dr. Joaquim Manoel de Macedo

A
NAMORADEIRA

ROMANCE

TOMO III

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

DO INSTITUTO HISTORICO DO BRASIL

69 — RUA DO OUVIDOR — 69

OBRAS QUE SE ACHÃO EM VENDA NA MESMA CASA

Dr. J. M. de Macedo

NINA, romance, 2 vol. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
A LUNETTA MAGICA, romance. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS VICTIMAS ALGQZES, quadros da escravidão. 2 v. br.....	3\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$500
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$000
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.....	5\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc.....	5\$000
MOCO LOURO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 v. enc.....	3\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.....	5\$000
ROSA. 2 v. enc.....	5\$000
VICENTINA, 3ª edição. 3 v. br.....	5\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA. comedias, 1 v. in-8º br.....	2\$000
LUSBELIA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8º br.....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$000

J. M. de Alencar

IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.....	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª ed. 1 v. br. 2\$000, enc. 3\$000	
O GUARANY, 3 edição, 2 v. in-8º. enc.....	6\$000
A mesma obra, 2 v. in-4º, enca- dernados.....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance his- torico, complemento do prece- dente. 6 v. in-8º. br. 12\$000, en- cadernado.....	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v. 1\$500	
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em um prologo, 4 actos e um epilogo. 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.....	1\$000

Senio

O GAUCHO, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.....	6\$000
PATA DA GAZELLA, romance brasi- leiro. 1 v. in-8º br. 2\$000, enca- dernado.....	3\$000

O TRONCO DO IPÊ, romance brasilei-
ro. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc. 6\$000

G. M.

DIVA, perfil de mulher, 2ª edição. 4 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher, 2ª ed. 1 v. enc.....	8\$000

Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contend : Miss Dollar, Luiz Soares, A mu- lher de preto, O segredo de Au- gusta, Confissões de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc.....	3\$000
CHRYSALIDAS. Poesias. 1 v. in-8º br. 2\$, enc.....	2\$600
PHALENAS. Poesias. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
RESSURREIÇÃO, romance, 1 v. in-8º (no preto).	

Bernardo Guimarães

O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a his- toria da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombolas, a Gargania do	

A NAMORADEIRA

OBRAS DO MESMO AUTOR

NINA, romance. 2 vol. br. 4\$000, enc.	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico, 2 vol. br. 4\$000 enc.	5\$000
A LUNETTA MAGICA, romance. 2 vol. br. 4\$000, enc.	5\$000
A MORENINHA. 1 vol. enc.	3\$000
A NEBULOSA. 1 vol. enc.	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 vol. enc.	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO, romance. 2 vol. enc.	5\$000
MOÇO LOURO. 2 vol.	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 vol. enc.	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.	3\$000
ROSA. 2 vol.	5\$000
VICENTINA, romance. 3ª edição. 3 vol. br.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES. Quadros da escravidão, 2 vol. br.	5\$000
LIÇÕES DA HISTORIA DO BRASIL. Obra adoptada pelo CONSELHO SUPERIOR DA INSTRUÇÃO PUBLICA para uso das escolas do en- sino primario. 1 vol. in-4, enc.	3\$000
THEATRO. 3 vol. in-8, nitidamente impressos e enc.	3\$000
Vol. 1º Luxo e vaidade, Primo da California, Amor e Patria.	
Vol. 2º A torre em concurso, O cego Cobé, Abrahão.	
Vol. 3º Lusbella, Fantasma branco, Novo Othello.	
O 1º volume vende-se separadamente. br.	2\$000

As seguintes peças também vendem-se separadamente :

A TORRE EM CONCURSO.	1\$500
LUSBELLA	1\$500
FANTASMA BRANCO.	1\$500
NOVO OTHELLO	8\$500

A NAMORADEIRA

ROMANCE

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

III

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR
DO INSTITUTO HISTÓRICO DO BRASIL
69 — RUA DO OUVIDOR — 69

A NAMORADEIRA

QUINTA PARTE

I

O quadro da visão do Tasso não fôra sómente ufanoso triumpho para a vaidade de Rosina : rompia delle a revelação eloquente do amor magnifico e indomito de Angelo, que fugindo pondunoroso e nobre já donzella condemnavel por seo procedimento irreflectido e pelo menos equivoco, adorava ainda a sua imagem e a reproduzia na figura da princeza, objecto do mais infeliz e do mais poetico dos amores.

Angelo nem se arreceiara de expôr o seo quadro : dir-se-ia tão offendido pela amada, e della

por isso esquivado, como orgulhoso da pureza do seu amor.

Esta mesma contradicção de sentimentos, a condemnação da amada, e o zeloso culto do amor, dera ainda mais viva animação e esperanças á Rosina, a quem não pareceo difficil a reconquista de Angelo, em cujo coração sua imagem tinha um altar.

A filha de Ursini experimentára de sobra as passadeiras excitações de fingidas e reaes ternuras que haviam enchido a sua vida de alguns annos de incontinente namoradeira: nas cartas que lhe escrevião, nos juramentos que prodigalisavão, nos ciumes que mostravão, na explosão das paixões, nas tentativas audazes, nas confusões dos desenganos, nos diversos episodios emfim dos seus apaixonados, se parecião todos mais ou menos uns com os outros. Ella tinha escapado á dez laços de seducção, e havia inspirado outras tantas verdadeiras paixões, mas naquellas como nestas encontrara sempre commoções, sentimentos, flammias, que se assemelhavão aos da vespera, e que se ião assemelhar aos do dia seguinte: era um tropel de amantes, fallando a mesma lingua, empregando os mesmos gestos, cantando paixões na mesma clave: alguns querendo poetisa-las, mas sem

poesia, quasi todos materializando-as na impetuosa e sensual manifestação do affecto.

Angelo se distinguira unico no meio de tantos : desde o primeiro dia o seo culto causára impressão á Rosina pela originalidade ; contemplativo, timido, como que religiosamente respeitoso, parecendo receiar, em cada palavra, no mais doce olhar, offender a innocencia da amada, homem e amando como as crianças amão, levado com arte á confessar-se amante, e já considerando-se noivo, e ainda e sempre delicado e contido até o extremo quasi ascetico da adoração que se tributa aos anjos, o joven pintor começara por parecer mais do que menino tibio, mancebo demasiado novel e ridiculo aos olhos da loureira.

Depois, e quando Rosina mais interessada contava mover á seo arbitrio aquelle animo debil, aquelle coração captivo para realisar de improviso o seu casamento, Angelo, embora commovido e afflictio, soubera mostrar firmeza na resistencia, e vontade forte na decisão tomada, como alguns dias mais tarde ainda senhoril e generoso se ostentara, retirando seos compromissos de noivo sem envergonhar e abater a donzella amada com a exposição dos seos erros, e tomando pelo contrario sobre si a culpa de involuntario perjurio.

Tudo isso era novo para Rosina na serie numerosa de seus namoros, galanteios e amores platonicos ; mais excepcional, mais bello, mais lisongeiro e seductor, porém era ainda essa religião de amor que Angelo cultivava solícito nos sacrarios de sua alma, essa pureza de terna flamma que só lhe sabia do coração para acender sua palheta de artista, e derramar seo fogo na tela consoladora, no quadro da visão do poeta, apaixonado e delirante, quadro que se expunha ; *mas não se vendia*.

Rosina, que á principio zombara do sentimento de Angelo, que por capricho e vaidade almejava vê-lo outra vez de rastos á seus pés, que demasiado esquecida ou desestimada por elle, ora o lembrava resentida, ora o olvidava occupada com as suas lides de conquistadora immodesta, e com a culpavel intriga interesseira em que enredava o commendador Ernesto, ora emfim, tornava á encontra-lo em sua memoria realçado em seos dotes, e mais apreciado pela propria esquivança, Rosina, que por vezes já sentira-se inclinada por doce e triste pendor para Angelo depois que elle lhe fugira, que por vezes já tinha chegado á pensar que o amava, experimentara extraordinario e delicioso abalo, contemplando-

se no quadro da visão do Tasso, e no dia seguinte exultara de orgulho, e transbordara de gratidão indesivel, quando após a declaração presumçosa de Ernesto, de que por todo preço possuiria o quadro, lera o glorioso letreiro de amor delicado e altivo : « *Não se vende.* »

Desde esse momento o coração de Rosina foi de Angelo.

Mas encanto do orgulho, mimoso filho da gratidão, talvez suave desenvolvimento de fraco germen que já existia no seio, o amor de Rosina começava sereno, e bello como aurora, desejoso e tímido como esperança dubia. Ainda era cedo para os impetos violentos da tempestade.

Nas jovens e senhoras loureiras, quando o verdadeiro amor lhes rompe franco e perfeito nos corações esterelizados, sêcos pelo fingimento, pelo artificio, e pelo abuso da falsificação dos sentimentos, exagera-se indomito, e ao primeiro obstaculo torna-se logo paixão desabrida, e muitas vezes fatal. Dir-se-ia que é amor-deos castigando assim com incendio infernal as sacerdotisas sacrilegas.

O amor de Rosina era pois ainda nascente sentimento no berço do coração, doce affecto á embalar-se entre o desejo e a esperança ; quasi que

ainda não era amor... era a gratidão em metamorphose á completar-se, a estima á elevar-se em calor... o capricho vaidoso á atizar o fogo...

Rosina ainda não tinha deixado de ser loureira: continuava, como dantes, á aninar o cortejo de sua phalange de namorados, ou de thurificadores de sua belleza, que em cartas, em flores, em requiebros, em protestos de paixão eterna, em pedidos de entrevistas que ella fingia desejar e não concedia, em guerra de ciumes, e em criminações ás vezes offensivas, lhe pagavão os tributos de vassallagem á soberania dos seus encantos.

E, mil vezes peor, a filha de Ursini consentia sempre em prestar-se ao galanteio indecoroso e petulante de Ernesto, que cada dia mais abraçado em paixão, e cada vez mais illudido por falsarias esperanças, prendia-se á Rosina, e pobre velho mariposa, queimava-se em um fogo que para elle nunca seria de amor.

Ainda presumindo-se de astuto e de consummado seductor, Ernesto, depois da doação do *chalet*, refreara a ardidez de seus extremos e de suas exigencias inflammaveis: apaixonado, mas então contido, empenhava-se em tranquillisar a donzella á quem suppunha desorientada por elle,

e poupava erupções de sensualismo contagioso e insano para occasião propicia e de antemão preparada, que cauteloso e paciente estava delinheando.

Mas em seos contumazes namoros, com que explorava a credulidade e apaixonado incendimento de Ernesto, Rosina não era mais a delirante leviana que exclusiva se abandonava á febre ou ao traiçoeiro encanto desse vicio da vaidade que assenhorea a mulher, como o jogo ou o vinho assenhoreão seos habituados. Muitas vezes, no mais vivo fervor de um galanteio, ou ao receber da janella o successivo cortejo, e esgares ternos dos seos namorados que passavão, ella suspirava melancolica, e por minutos scismava silenciosa e triste, lembrando-se de Angelo que a amava, e que todavia não procurava encontra-la nem ve-la.

Rosina chegava á duvidar de tanto poder de razão sobre tanta grandeza de amor; havia momentos em que hia até á pensar que Angelo vinha ás occultas ve-la, adora-la de longe. A noite, ella observava cuidadosa á estatura e o andar dos vultos que paravão á distancia de suas janelas, ou que parecião passar acolhendo-se á sombra; mas debalde o fazia, em nenhum desses vultos lhe apparecia o mancebo desejado.

Longos dias tinham decorrido depois que Rosina se reconheceu na Eleonora do quadro de Angelo: o anno de 1870 havia já começado, e não se modificára o resentimento ou a rigidez severa do joven pintor. Esta contrariedade, e a certeza de que era amada, impellirão a impetuosa donzella á um alvitre que até então lhe repugnára.

Rosina determinou encontrar Angelo e obriga-lo á ve-la.

O meio se lhe offerecia facil: era ir á casa de sua madrinha ás horas em que o sobrinho de costume acompanhava a tia.

Havia nesse alvitre primeira prova de fraqueza; Rosina porém sophismava, dizendo á si propria que Angelo não queria ve-la, porque não saberia resistir-lhe. Demais uma visita á sua madrinha era explicavel cumprimento de dever.

É claro que Joanna approvou com fervor a resolução de sua filha.

A visita á Clotilde era um empenho arriscado, quasi um combate de exito duvidoso: a adestrada namoradeira armou-se inspiradamente: ageitou seo penteado, deixando soltos e ondeantes seos cabellos tanto quanto podia ser admissivel,

e ordenou e compoz seo fino vestido branco com arte subtil, e com phantastica independencia da moda, de maneira tal que sem ser a copia fiel, reproduzião bastante, e obrigavão á lembrar os cabellos, e o vestido da Eleonora da vizão do Tasso.

O modelo queria embevecer o pintor com a ostentação de Eleonora viva.

Angelo achava-se na sala e conversava com sua tia, quando Rosina e Joanna entrarão : ao ver a sua Eleonora estremeceo e apenas pôde abafar um grito de surpresa.

Rosina estava bella, como o anjo de uma vizão ascetica.

Joanna e Clotilde tinham-se abraçado.

Angelo em pé e apoiando-se com a mão direita no encosto do sophá contemplou enlevado a apparição de Eleonora...

No seo embevecimento o pintor condemnava o seo quadro : Rosina lhe apparecia mais candida, mais formosa, mais celeste do que a imagem da princeza de Ferrara que elle tinha realisado na sua vizão do Tasso.

Mas era preciso descer do embevecimento á cortezia.

Angelo beijou a mão que Joanna lhe ofere-

ceo e respeitoso tocou com os dedos na de Rosina.

A banalidade da conversação que foi encetada augmentava os embaraços da situação do modesto mancebo que, não contando com a visita daquella á quem considerára sua noiva, e á quem tanto amava, e ainda menos com a caprichosa imitação dos cabellos e das vestes da Eleonora do seo quadro, vacillava aturdido, e passava instantaneamente da admiração ao constrangimento e afflictivo vexame, de arroubos de amor á cahida em degradantes suspeitas. Quasi que não fallava; era incerto se ouvia; era positivo que estava vendo, e soffria.

Rosina mostrava-se como de leve contrariada, docemente melancolica, e lutando com enleio invencivel: parecia não querer encontrar os olhos de Angelo; tinha-os porém encontrado por vezes, e corára, perturbando-se, ao mutuo choque de temerosas vistas.

Clotilde aggravou a penosa confusão de Angelo, dizendo á afillhada:

— Rosina! estás na verdade arrebatadora! mas que phantasia de toilette!... usa-se isso agora?...

A afillhada fez-se vermelha de vergonha e de turbação e respondeo tremendo:

— Não se usa... não... nem eu vi nunca... foi... capricho...

Angelo passou o lenço pela frente e pelas faces para esconder a commoção que devia estar denunciando-se em seo rosto.

Joanna e Clotilde reatarão sua conversação: Rosina abysmou-se em melancolia; mas Angelo nem por isso serenou: parecia-lhe que Joanna e sua tia o observavão furtivamente, e que notavão maliciosas o confrangimento da filha e afillhada.

De subito e como vencendo com esforço potente um encanto doloroso, mas ineffavelmente embriagador, o amante, porém honesto e escrupuloso mancebo, levantou-se, e balbuciando confuso mal imaginado pretexto, despedio-se e retirou-se.

Joanna e Clotilde olharão-se, parecendo interrogar-se e pedir explicação.

Rosina ficou pensativa.

II

Angelo não se retirara tão cedo que não houvesse dado á Rosina tempo bastante para examinar e estudar solícita a impressão que lhe havia causado e o que devia esperar da luta evidente do poder do seo amor e da força da sua vontade.

A impressão fôra profunda e manifestada involuntaria, mas ampla e veementemente.

A vaidade da loureira não poderia ter ambicionado mais.

O resultado da luta entre o amor e a razão se annunciára duvidoso no quadro vivo dos estragos já produzidos.

Angelo tinha emagrecido notavelmente, e sua pallidez natural, ainda mais pronunciada, era contrastada pelas olheiras roxas que se desenhavão sob as palpebras inferiores, denunciando vigílias acabrunhadoras; havia nas

suas faces sulcos cavados pela magreza, que se indiciavão leitões de correntes de lagrimas, e na contracção de seo rosto, no brilho febril de seos olhos, em seo respirar difficil, se adivinhava fundo e abafado padecimento gastador da vida.

Rosina vendo-o assim, tinha-o achado bello.

Naquellas ruinas estava ostentoso um monumento de amor.

Mas tambem nellas se revelava a potente resistencia da vontade: havia ali a razão esmagando o coração.

A retirada de Angelo, que apenas cedera um quarto de hora ao dever da cortezia, e que pudera triumphar do prestigio e do encantamento da presença da sua amada, marcava as altas proporções do sorprendente dominio que elle exercia sobre si mesmo, sobre os seos mais ardentes affectos.

Esse homem que amava tanto, que dentro em si parecia excitar o fogo do seo amor, que o expandia em suas obras de arte, e que fugia da mulher amada, e a reprovava, era um arcano indecifrável pela extravagancia e contradicção dos sentimentos.

Rosina não comprehendia esse culto de

requintada ternura de mistura com a regeição da amada; presentia porém no apparente absurdo uma subtil delicadeza de alma superiormente distincta, de sensibilidade exquisita, sublime, que ella encontrava pela primeira vez.

A dôr, a offensa, sempre imperdoavel para a mulher, de um desdem á sua belleza, não a revoltava mais: Angelo era o fiel, ostentadamente confesso, inspirado adorador de suas graças, soffria, atormentava-se, arruinava a saude, annuviava a vida por não poder deixar de ama-la, e a propria incoherencia desse affecto tão fatal e tão zelado com o proposito renitente de não busca-la, nem quere-la, amotinavão Rosina e a fazião sentir o que ella nunca tinha sentido.

A donzella loureira tocava a hora do seo castigo. Pobre sacrilega de amor!... pobre namorada por passatempo e vaidade!... pobre fingida amante de comedia e pantomima!... Rosina tinha ido á casa de Clotilde já com suave e grato pendor para o mancebo de quem por muito tempo zombara; encontrara-o abatido e desfigurado, devera acha-lo mais feio do que d'antes, reconhecera-se muito amada, mas evidentemente desestimada, e, peor do que isso, evitada, e voltara

da visita feita á madrinha, trazendo o coração em ancioso e inexprimivel abalo, a alma em captivo anhelante do senhor, e a imaginação em sonhos doudos.

Rosina pensou que emfim acabava de sentir amor: sentia-o com effeito; mas o que ella não pensou foi que o seo amor hia degenerar em paixão.

E á semelhança de Ernesto, que ainda depois de allucinado pelas artificiosas fascinações de sua garridice, continuava á presumir-se de abalitado seductor, contando apanha-la por fim nas redes lascivas calculadamente tecidas, Rosina que já amava Angelo, e que por isso mesmo tinha já perdido a seguridade e a frieza para medir, exagerar, e retrahir os invites, provocações, e tentadoras armadilhas de namoradeira, ainda se lisonjeava com a idéa de combinar o sentimento com a arte de agradar e enfeitiçar, de modo á destruir a reluctancia do amante offendido e agastado.

Com effeito alguma rasão tinha Rosina para esperar que elle acabasse por se confessar submetido: não era natural que o seo amor tão generoso e inexcedivel sendo assim tam estimulado pelas ternuras, e pela amorosa compunção da amada, pudesse resistir altivo e rancoroso.

E pois que ella já havia dado o primeiro passo, não lhe custava mais ir alem.

Ir alem era simplesmente voltar á casa de Cloilde: para isso apenas contrariava um pouco á Rosina a confissão de seo quebrantamento á Joanna; mas no seio materno ha sempre indulto e justificação para as filhas.

A afilhada sob a protecção e na companhia de sua mae amiudou visitas á madrinha, e em resultado o seo amor, posto em prova na adversidade e nos contrastes, encandeeo-se, e transpoz os limites dos affectos suaves e contidos pela razão.

Angelo desertára da casa da tia, ou se mostrava somente á horas em que Joanna e sua filha não costumavão apparecer.

Rosina tinha já perdido assim cinco visitas. Era patente o proposito de Angelo em evita-la.

A filha de Ursini metamorphoseava-se: tinha dias de raiya, mas na sua raiva crepitava a paixão: sempre inconsequente e exaltada, levava o espirito contradictorio, e as sorpresas das extravagancias da sensibilidade até o extremo: de ordinario, triste, irascivel, quando chegava á janella, e chegava muitas vezes anciosa, e com olhar ardente de anhelos á investigar á rua, era

de incrível indiferença, ou de desprezo enfezado para quantos de costume lhe haviam merecido requiebros; e recebendo o infallível Ernesto, havia momentos em que dava a aspereza da repulsa proporções de descortezia.

Em uma tarde, na qual desnorteado, apprehensivo e sobresaltado pelos desabrimentos e rigores de Rosina nos tres ultimos dias, o misero velho, para abrandar-lhe a inclemencia, lhe offerecera de presente um medalhão com o seo retrato cercado de magnificos brilhantes, Rosina ainda mais intratavel do que nas tardes precedentes, e ultrajando todas as conveniencias, recebeu o medalhão com movimento febril, e indo precipitada para dentro, voltou logo depois, trazendo em uma das mãos os brilhantes da cercadura desengastados, e na outra o retrato maltratado pela violencia do processo.

— Repartamos o presente !... exclamou ella em pé diante de Ernesto estupefacto; leve o seo retrato que desdenho; eu fico-me com os brilhantes que tem valor!

— Rosina! tu me insultas !...

— Não entende isto?... é em um apologo a historia toda dos nossos amores. Que lhe aproveite o apologo.

E voltando ás costas, foi passar junto da cadeira onde estava o chapéo de Ernesto, e atirou dentro d'elle o retrato e os brilhantes.

Mas logo, no dia seguinte, os aturdidos namorados de Rosina a encontrarão á janella mais do que expansiva e fagueira, e a saudarão galanteadora, radiosa de provocações, atrevida nas modas, insensata no esquecimento do decóro.

E o velho que provára descomedida offensa, Ernesto que se não fôra a mania amorosa, sensual, e dominante dos velhos ridiculamente mettidos á seductores, não ousaria tornar á apparecer á Rosina, perfeitamente tranquillizado por Ursini que explicara desbriosamente o proceder da filha por susceptibilidade excepcional e morbida com certeza serenavel, voltou paciente á expôr-se á experiencia, e maravilhado exaltou suas esperanças, e de novo teve por segura a seducção da donzella que fervente e delirante de amor entregou-lhe as mãos aos labios, disse-lhe loucuras, e mil vezes mais seductora que o seductor, quasi se prosternou escrava, e fez-se perdoar o ultrage insolito da vespera pela tempestuosa explosão de affectos apaixonados na tarde immediata.

Mas ainda no outro dia a susceptibilidade que

Ursini declarara excepcional, morbida e com certeza serenavel, voltava em reacção fervente que exasperava Ernesto.

Rosina tornara-se incomprehensivel para Ursini que debalde a interrogava, coçando a cabeça.

Albino não era mais recebido pela familia de Ursini : Rosina se negara á simples tolerancia da sua presença.

O pae começava á fazer concessões aos tardos escrupulos da filha no empenho de conseguir della mais prolongada condescendencia em fingir-se amorosa do seo compadre rico.

Mas para Rosina hia avultando em casa outro motivo de contrariedade e de irritação que aliás em outro tempo, bem poucas semanas antes, lhe teria sido fonte de entretenimento e de variedade de distrações.

Propicio se inflammava de paixão pela sobrinha, e inspirado á seo modo, e namorado conforme sua educação, e seos impetos de má companhia, tinha uma giria que escabrosa arranhava os ouvidos de Rosina, e explosões de ciumes em que a rudeza da palavra era apenas igual á insolencia dos pensamentos e das suspeitas.

Observação inaudita, ou pelo menos inesperada, Propicio, o brutal ostentador de seu odio aos *ricos aristocratas*, o orgulhoso propagador da sua dignidade pessoal, e de sua condição de tio, que o levára á declarar á Joanna que faria Ernesto descer á ponta-pés a escada da casa da familia, esquecera em seus ciumes o *rico aristocrata*, e, adivinhando a verdade, lançava em rosto á sobrinha o seu amor *pelo mais miseravel e indigno dos pintores*, e exagerando a inconveniencia, que elle chamava escandalo publico, da exposição do quadro da *visão do Tasso*, que, dizia, provocára a murmuração de toda cidade, jurava tomar contas á Angelo e impedir a sobrinha de se *encanahar*, casando com elle.

Rosina despresava soberanamente Propicio; mas impacientava-se com as suas teimosas e exigentes pretenções de affeição e de casamento, e ainda mais com as inexplicaveis apprehensões e temores vagos de sua mãe que procurava induzi-la á illudir o tio, ouvindo-o sem excitar-lhe furor e desespero pelo menosprezo do seu affecto e do seu empenho.

Essa luta domestica se aggravava de dia em dia, porque Propicio tinha já desconfiado do ver-

dadeiro motivo das visitas amiudadas á Clotilde, e as estorvava, quanto podia, voltando muitas vezes para casa pouco antes de anoitecer, e disputando a sahida á sua pobre e fraca irmã.

Joanna não sabia explicar como o irmão d'antes tão justamente revoltado contra a frequencia de Ernesto junto de Rosina, não mais se preoccupava disso, e a deixava em inconveniente abandono ás horas em que de costume chegava o commendador e *rico aristocrata*, ao mesmo tempo que vinha logo depois embarçar as visitas á Clotilde.

A irmã estava perdendo o unico pretexto que zelara para exaltar um traço ao menos do caracter do pervertido mancebo: já emfim ella propria punha em duvida o orgulho brutal, á que chamava dignidade e nobreza de Propicio.

Rosina acendia-se em ira, vendo-se como que guardada á vista e prisioneira do tio, e obrigada á ceder á sua imposição pela fraqueza e temerosa condescendencia de sua mãe.

Este novo obstaculo excitava muito mais os seus desejos de tornar á encontrar-se com Angelo.

O cuidado de vigiar a sobrinha, e de obstar que ella sahisse com Joanna, tambem contrariava extraordinariamente á Propicio que assim perdia

horas de billiar, de orgias, e de actividade viciosa.

Um dia, era quasi noite, e Propicio carrancudo e enfesado ralhava com a irmã para desforrar-se dos despresos e dos colericos arrebatamentos da sobrinha, quando toldou-se aos poucos a atmospherá e principiou á choviscar.

Chegando á janella o calaceiro sorrio-se, saudando a negridão do horisonte prenhe de borrasca imminente.

O ar estava pesado, e ouvião-se trovões longiquos.

— Boa noute !... exclamou Propicio, tomando o chapéo.

E sahio á rir, deixando a chuva e a trovoadá de sentinella á sobrinha.

Mas quasi logo Rosina levantou-se do sophá e disse á Joanna

— Vamos, minha mãe !...

— Menina !... com este tempo !...

— Hoje ou nunca.

— Mas... teo pae...

— Só voltará pela madrugada ; minha mãe o sabe.

— Já chove... é uma loucura !

— Hoje ou nunca, repetio Rosina.

Pouco depois a mãe e a filha sahirão, aproveitando um momento em que apenas cahião das nuvens gotas intermitentes da chuva que morosa se preparava á romper das cataratas do céo.

III

Rosina obedecera á dous impulsos ; ao prazer de praticar o contrario do que Propicio calculára e a esperanza de achar Angelo em companhia de sua madrinha, exactamente porque elle não poderia pensar que duas senhoras sahissem de passeio ou em visita com semelhante noute.

Quando Joanna e sua filha chegarão á casa de Clotilde, já outra vez choviscava mais forte, e trovejava menos longe, amiudando-se os relampagos.

Rosina muito medrosa de trovoada fôra até então quasi indifferente á essa que começava á ribombar ; mas entrando na sala, mal pôde beijar a mão da madrinha, e deixou-se cahir abatida na cadeira mais proxima.

Era um raio que a tinha quasi fulminado : era Angelo que não estava lá...

Clotilde ou enganou-se ou fingio-se enganada, e procurou tranquillisar a afillhada, á quem considerou possuida de terror pela tempestade.

Joanna guardava silencio, olhando tristemente a filha.

Rosina, a vaidosa, chorou...

E a chuva augmentava, e a trovoada francamente rugia já, avesinhando-se terrivel.

As tres senhoras começavão á tremer.

Ninguem mais passava na rua...

Alguns minutos se arrastarão pezados e aparentemente longos como se fossem horas e de repente ouviu-se o ruido da agoa que cahia sobre um chapéo de chuva: a porta da casa abriu-se, e Angelo entrou.

Duas vozes o saudarão com ardente gratidão, as de Clotilde e Joanna. Rosina não pôde fallar; mas convulsou, e em nervoso abalo, estancou-se-lhe o pranto, e por momentos ella ficou, como estatua.

O mancebo sacudio de mais o manto que trazia, e que emfim depoz sobre uma cadeira: surprehendido pelo inexperado encontro de Rosina, e incapaz de dominar no primeiro momento sua commoções, puzéra-se tontamente á cuidar do manto para cuidar de si.

Angelo, ao presentir a tremenda borrasca tinha lembrado sua tia tão só, tão sem amparo, e com a certeza de acha-la sem companhia em noute de tempestade, correrá para seo lado.

Rosina reflectira, adivinhára por tanto com esse dom de videncia subtilissima, de intuição admiravel que na melhor é um instincto.

Angelo não podia retirar-se em prompto nessa noute : havia de ficar ali prezo pela borrasca, e pelo dever de protecção, ou de cuidados á que tinham direito tres senhoras.

— Ainda bem que vieste !... foi Deos que te mandou ; disse Clotilde.

— Foi Deos !... repetio Joanna.

— Foi... ; murmurou Rosina.

Angelo acabava de notar a pallidez e o tremor da douzella, objecto do seu primeiro e unico amor, e de todo esquecido de dolorosas offensas, tomou-se daquella suprema compaixão, daquelle immenso interesse piedoso, em que ás vezes se expande disfarço do e impune o mais terno dos sentimentos.

Clotilde impellio o sobrinho para a afilhada, dizendo-lhe :

— Vê o terror desta menina !...

Angelo foi sentar-se junto de Rosina, e falou-lhe com doçura e segurança :

— Porque treme, minha senhora?... a trovada está longe... não ha perigo...

— Tenho medo!... disse Rosina.

E nesse instante rebentou pavoroso trovão.

A joven senhora soltou um grito, e com ambas as mãos segurou apertada e nervosamente o braço de Angelo.

— Já passou!... disse este que estremecera ao toque e ao aperto das mais bellas mãos prezas ao seo braço.

Rosina retirou as mãos e balbuciou :

— Perdão... foi medo...

E abaixou os olhos, corando.

Angelo obrigado á dirigir palavras de animadora consolação á formosa joven, á quem tanto amava, e de quem tão resentido fugia, olhava-a commovido, e olhando-a, admirava sua esplendida belleza, suas formas graciosas, opulentas e de harmonica perfeição que se ostentavão sem artificio nos descuidos e na desordem do terror.

Com effeito Rosina, gasta a nervosa energia que a fizera arrostar a tempestade proxima á desfechar-se, e tendo passado da dolorosa contrariedade que experimentara por não encontrar Angelo ao subito alvoroço causado pela

sua chegada, recebia com a sensibilidade já superexcitada as impressões da borrasca na mais viva agitação e desmesurado susto.

Á cada relampago, á cada trovão ella instinctivamente fazia um movimento para socorrer-se á Angelo, e instinctivamente tambem recuava logo, torcendo as mãos com ancia e afflicção.

Já não era a loureira de algumas semanas antes: se ainda o fosse, teria aproveitado o medo para no soccorro explicavelmente buscando inflammam o protector, tocando-lhe o braço com suas mãos e talvez pousando em seo hombro a cabeça.

Já anava, e com os terrores da tormenta se misturavão os seus anhelos, duvidas, e tristes apprehensões de amor: estava ao pé de Angelo, e tremia ao mesmo tempo de dous medos crueis, do medo do fogo do céu, e do medo do gelo da razão do homem amado.

Mas a chuva cahia á cantaros e a trovoadá tornara-se pavorosa: as descargas electricas se succedião deslumbrantes, horriveis quasi sem intervalo, e quasi simultaneamente com o ribombar dos trovões.

Clotilde e Joanna resavão em meia voz.

Rosina nem rezar podia.

Angelo procurava debalde animar as tres senhoras; mas tambem elle dentro de si lutava com a mais vehemente turbação do animo: quasi que só pelo terror das senhoras tinha consciencia da medonha borrasca; o que porém se estava passando em sua alma era outra e bem diversa, angustiosa e deliciosa tormenta de affectos em attracção e repulsão. em relampagos, chammas electricas de amor, e em trovejar reprovador, com que a razão rugia.

— Oh, minha mãe!... exclamou Rosina, erguendo-se e deixando-se outra vez cahir na cadeira á um trovão espantoso.

— Foste tu que quizeste vir; respondeo Joanna sem pensar no que dizia; eu me oppuz e teimaste... foste tu!...

— Ah!... perdoe-me!...

— Já choviscava e trovejava... e quizeste vir por força... eis ahi! eis ahi agora!...

Rosina apezar do seo medo vio um raio de luz suavissima no rosto de Angelo.

— Minha mãe, disse ella: a trovoadá estronda lá em casa, como aqui; e lá em casa estariamos só e ao desamparo, quando aqui...

E Rosina ia completar o seo pensamento,

olhando para Angelo ; mas rebentou horroroso trovão, e a flamma que fulmina pareceo por breve instante incendiar a casa e o espaço.

Tres gritos soarão, como se fossem um só grito :

— Meo Deos !...

O proprio Angelo vacillara ; logo porém, observando a prostração e o assombro em que ficara Rosina, apiedado, e, sem o suppôr, ternamente impellido e cheio de temeroso cuidado, tomou-lhe as mãos, que estavam geladas, e em vez de inquietar ainda mais as outras duas senhoras com o annuncio do soffrimento da joven quasi desmaiada, aqueceu-lhe as mãos, contendo-as entre as suas, e murmurou-lhe ao ouvido :

— Reanime-se !... a trovoadã vae passar... ouve-me?... estou á seo lado... nada receie...

Rosina soltou um gemido.

— Estou á seo lado, repetio Angelo, apertando-lhe de leve as mãos ; estou á seo lado... reanime-se !...

Rosina voltara á si do assombro passageiro, e sem retirar as mãos que o seo amado lhe tomára, murmurou com voz gemente :

— Mas o raio... se vier outro raio...

— Não virá, graças á Deos ; mas se vier outro raio... tranquillise-se... estou á seo lado...

Angelo acabava de dizer uma banalidade que nem tinha senso commum.

Rosina lh'o fez notar, perguntando :

— E que póde o senhor contra o raio?...

— Nada, respondeu Angelo; mas á seo lado, se um raio a fulminasse, morreríamos ambos de uma só morte.

Rosina volveo as mãos ainda prezas e apertou agradecida as do joven pintor.

— Obrigada!... disse; o senhor me livra do medo do raio.

E reagindo sobre si mesma, em nervoso transporte, que o amor esperançado acendia, pareceo banir o terror, que a prostrava pavida e perguntou :

— E se morressemos assim?...

Angelo perdia-se :

— Ah!... respondeu elle; eu abençoaria o raio.

Rosina recolheo as mãos, cruzou-as sobre o peito, encostou-se na cadeira, e fechando os olhos pareceo dormir embebida no sonho daquella morte, que era, embora lugubre, um enlace de dous corações.

Relampejava e trovejava ainda fortemente e Angelo, irreflectido, inclinara-se para Rosina e

embebia-se na contemplação de seo rosto, aspirava o ar que de seos labios de leve entre-abertos sahia respirado, sentia as palpitações de seo seio, e as contracções e sobresaltos que á cada troar do raio convulsavão subita e passageiramente todo o seo delicado e formoso corpo.

O vento que tambem sobreviera, juntando o seo zunir ao ruido da chuva e ao bramar terrifico da trovoada, penetrando vigoroso na sala, impellio algumas madeixas desatadas do penteado de Rosina, que ião muitas vezes revolver-se pelo rosto de Angelo, e roçar por seos labios, deixando-lhe e renovando-lhe no rosto e nos labios a impressão do mais delicioso contacto, e o perfume suave que derramavão.

A alma de Angelo, engolphada em dulcissima embriaguez, estava toda em seos olhos que vião e em seo coração que amava, e nem podia medir o tempo que passava, nem as graduações da tormenta que aliás começára emfim a abrandar.

Com effeito a borrasca declinava, parecendo afastar se aos poucos, a atmosphera refrescava, compensando com a sua pureza os perigos e os terrores de uma hora afflictiva.

Clotilde e Joanna já respiravão reanimadas e sem fallar, mas attentas observavão a attitudo

immovel de Rosina, e o extasis do mancebo que lhe estava ao lado.

Mas de repente Angelo fez um movimento de surpresa seguido logo de seria reflexão.

Elle acabava de sentir na respiração franca e livre de Rosina, no abandono de suas mãos, que lhe tinham cahido inertes do peito para o collo, o que menos pudera esperar naquellas circumstancias.

Rosina tinha adormecido.

Voltando ás prevenções do seo animo, Angelo foi cruelmente injusto: era explicavel aquelle somno ao ar fresco e puro da bonança depois de tantas e tão diversos abalos em uma donzella susceptivel e cuja sensibilidade se exaltára exageradamente nessa noute.

Angelo porém, que supuzera Rosina em embevecimento de ternura, e em uma expansão immensa de confiança que lhe fechava os olhos para que ella não visse o relampago que á força deslumbra, mas não temendo mais morrer do raio, morrendo com o amado, Angelo enxergou naquelle tranquillo somno o desmentido claro do medo excessivo da trovoada simulado á principio, e nesse desmentido a probabilidade de artificio imaginado e posto em pratica para mistifica-lo e

prende-lo escravo de encantos que se ostendião calculadamente.

A injustiça era castigo da loureira. Rosina abusára tanto de fingimentos de amor, que bem podia ser suspeita de artificio e simulação, quando verdadeiramente amava.

Mas o joven pintor ainda a olhava, e a pobre moça adormecida, sem consciencia de si e toda e só preocupada do seo terno sentimento, sonhou com elle, sonho feliz, porém mudo, Rosina sonhou-se amada, e sorriu-se, dormindo, sorriu-se jubilosa...

Foi mais que nunca formosa, sorrindo assim... foi como um anjo radiante de graça divina...

Coitada! fôra-lhe melhor ter chorado.

Angelo vio-lhe no riso saudação de triumpho, vangloria de namoradeira, zombaria feita á borrasca, de que Rosina não se temera, e á elle, á quem enebriára com fementidas expansões de amorosa fiusa, e de destemor do raio pelo sublime consorcio da morte.

Tão susceptivel, como Rosina o estivera, desconfiado porque prevenido suspeitava da lealdade e dos sentimentos della, Angelo criminou por indicio de embuste bem succedido o rir festivo do amor sonhado ditoso, e passando do ex-

tasis á tristeza, levantou-se e dirigio-se á Clotilde e á Joanna.

— A trovoadá acabou ; disse elle ; foi horrivel, confesso-o agora...

— Ainda troveja ; murmurou Joanna.

— Longe... já está longe... e aqui a bonança se ostenta : veja, minha senhora !... sua filha dorme tranquilla...

— Dorme?... oh !... como pode adormecer!...

Angelo sorrio-se com ironia pungente lançada á si mesmo, e tornou, dizendo com intenção desculpôsa, mas com voz involuntariamente estremecida :

— Ás vezes... o medo... faz dormir...

E foi tomar o chapéo e o manto.

— Já?... perguntou Joanna.

— Ainda chove muito !... disse Clotilde ; tu não podes sahir d'aqui com este tempo... seria loucura !...

— Eu gosto da chuva ; respondeo estonteadamente Angelo ; é um banho immensos nas agoas do céo que apagão os calores malignos da terra...

E tendo beijado a mão da tia, e apertado a de Joanna, Angelo surdo á rogativas e protestos das duas senhoras, e manifestamente com-

pellido por tempestuosos affectos, sahio, atirando-se á inundação das agoas que enchião as ruas, e que ainda cahião em torrentes das nuvens que afogavão a terra.

E Rosina ainda dormia, e sonhava felicidade e jubilos á sorrir, sonhando com Angelo á beija-la fervoroso e apaixonado em sua noute de noivado, e ella á corar ás suas caricias, e á bemaventurar-se no amor bemaventurado pela benção de Deos.

Joanna não teve animo de despertar a filha ; esta porém alguns minutos depois exhalou um suspiro, e abrindo os olhos volveo-os para o lado, onde estivera Angelo, e em seguida por toda sala.

A pobre mãe disse :

— A trovoada acabara : tu dormias ; elle deixou-nos.

Rosina tornou á cerrar os olhos e confrangeo-so tristemente.

Passára do mais lisonjeiro sonho á realidade mais desconsoladora.

Adormecera com jucundas esperanças para despertar ante cruel desengano.

A desilluzão era acerba e féra.

IV

O commendador Ernesto que desde muitos dias andava triste e mostrava-se desconfiado de estranha e indecifrável alteração nos sentimentos de Rosina. entrou inquieto e com visível perturbação na officina de Ursini.

— Bom dia, compadre! disse de máo modo e sem offerecer-lhe a mão.

Ursini saudou-o reverente, e logo perguntou :

— Compadre... senhor compadre!... que tem vossa excellencia?... parece-me contrariado...

— E muito. Venho fallar-lhe franco : estamos sós?... ninguem poderia ouvir-nos?...

— Póde fallar ; não ha risco.

— Compadre, ou você me engana, ou somos ambos enganados.

— Eu?... pela Madona!... eu sou do senhor compadre em corpo e alma.

— Ainda o creio ; mas então...

— Quem nos engana ?...

Ernesto tirou o lenço e enxugou o suor que lhe banhava a fronte : depois disse :

— Franqueza : sabe que amo sua filha...

— E que ella o ama tambem ; mas...

— Eu queria torna-la feliz... enriquece-la... casa-la...

— Ah ! já sei... é a repulsa do Albino... capricho de moça... arranjarei outro noivo...

— Já está arranjado ; disse Ernesto com rispidez e colera.

— Já ?... sem eu o saber ?... ah, senhor compadre !... dê-me licença para duvidar uma vez da sua palavra honrada.

— É mais que certo.

— Então quem é o feliz ?...

— Temos um inimigo dentro de sua propria casa...

— Como ?... que diz ?... inimigo em casa ?...

E em movimento instinctivo e irreflectido Ursini exclamou :

— Propicio !...

— Elle mesmo ; respondeo Ernesto.

O italiano coçou a cabeça por alguns momentos : depois tornou, dizendo :

— Propicio é capaz de tudo ; mas juro que minha filha o despresa.

— Sua filha!... e a crueldade com que ella me trata desde algumas semanas?...

— Eu supponho que é delirio de paixão e atropello de pudor e de honestidade; disse aquelle pae immoral e escandaloso.

E accrescentou immediatamente :

— Em todo caso Propicio é birbante conhecido em casa. Rosina o iguala á Albino: tenho certeza disso.

— Sim?... e eu que estou em horriveis apuros?

— Porque?...

— Um tormento do inferno!... uma scena conjugal!... minha mulher que é imperiosa, activa, e de um genio... aqui para nós... diabolicamente vingativo e absoluto, declarou-me hontem que sabia de nossas intimas relações, e da protecção que eu dispensava á sua familia.

— Oh, diabo!... senhor compadre...

— E sem indiciar suspeita alguma, nem ciumes; porque em sua soberba nunca se abaixa á isso; mas evidentemente ciumenta e furiosa até ás pontas dos dedos, disse-me que o compadre tinha um cunhado de nome Propicio, que amava Rosina e desejava desposa-la; que esse Propicio procurara a sua protecção, e ella lh'a

promettera, concluindo enfim por declarar-me que me encarregava de promover o casamento e de dotar a noiva.

Ursini conteve um impeto de colera.

— Tem razão, disse; eu guardo um inimigo dentro de casa; mas hoje mesmo...

— Que quer fazer?...

— O que é indispensavel; pô-lo fóra...

— Não faça tal, compadre!... exclamou Ernesto; você não conhece minha mulher!

— Perdão... mas não ha hypothese em que eu convenha em semelhante casamento.

— Entretanto minha mulher exigirá de mim que o faça realisar: eu não me engano... ella me suppõe... apaixonado de dona Rosina... e quer vingar-se, obrigando-me á casa-la com seo cunhado.

— Propicio é vadio, esbanjador, corrompido: aborrece-me tanto, quanto eu o aborreço; Rosina o tem em pessima conta: o casamento é impossivel.

— E por ventura o desejo eu!...

— Que pretende então o senhor compadre?...

Ernesto hesitava em confessar claramente o imperio absoluto que Amelia exercia sobre elle, e a posição mesquinha que pela sua

soberba e pretensões de superioridade jerarchica de nobreza ella lhe impunha na sociedade conjugal; mas obrigado á explicar-se, foi confessando tudo entre desculpas, e reticencias, e acabou sem ainda dizer o que de Ursini queria.

— E em resultado?... perguntou este.

— Em resultado... não sei... minha cabeça já não governa. Compadre!... haverá meio de me tirar deste embaraço?...

Ursini encolheo os hombros.

Ernesto proseguio, disendo desasocegado:

— Eu trazia duas angustias no coração: julgava que dona Rosina e Propicio estavam combinados; o compadre livrou-me dessa suspeita cruel!... mas a exigencia de minha mulher!...

— Ah! nada posso eu; disse Ursini.

— Amelia está habituada ás minhas condescendencias...

— Resista uma vez, senhor compadre.

— Oh!... e o que ella pensará de D. Rosina e de mim? e o que fará em seo arrogante furor?... e todavia que injustiça! tenho sido tão desgraçado!...

E o velho amoroso e ridiculo sem ao menos

poupar-se e poupar o, embora infame, pae de Rosina, á repugnante expansão de seo accordo, apertou com ancia as mãos do compadre e repettio :

— Ainda tão desgraçado... tão desgraçado!...

Ursini, o miseravel, teve vontade de rir; mas contendo-se, disse com incrível desbrío.

— Como?... desgraçado?... e Rosina que endouceceo pelo senhor compadre, e que está com um genio intoleravel!...

— Eu que o diga! murmurou o velho.

— E porque?... desespero por não poder ser esposa de quem ama!...

— Ella lh'o disse?...

— Mais de cem vezes o tem dito; mas é tão honesta!... senhor compadre, não a acha mais magrinha e abatida?... eu tenho medo de ve-la adoecer.

Ernesto, o velho namorado, acreditava em tudo que lhe lisonjeava a paixão. Inebriado pelo que ouvira á Ursini, alentou-se, sorrio á esperanza, e mais calmo voltou á sua grave questão.

— E a maldita intervenção de minha mulher!... que casamenteira importuna! compadre, recebi a primeira abordagem esta manhã...

— E que respondeo?...

— Que havia de responder á minha mulher?... que suppunha ser facil effectuar o casamento, desde que eu me prestasse á dotar a noiva.

- Ah, senhor compadre!...

— Ainda não tive socego para reflectir : se eu suspeitava da bella Rosina !... mas agora... reflectamos ambos... procuremos uma sahida... ajude-me...

— O caso não é desatado... temos tempo...

Ernesto disse de máo modo :

— Engana-se: minha mulher desata logo todos os casos...

E poz-se á passear ao longo da officina.

Ursini acompanhava Ernesto com os olhos, e esperava o resultado de suas reflexões.

O piano soou nesse momento : Rosina tocava uma musica triste, severa, e cheia de expressões de dôr acerba.

— Aquillo inspira ! atrevo-se á dizer o pae desnaturado, disfarçando no tom serio a mais vil zombaria.

O velho tinha já estacado, e escutou immovel a musica até o fim.

Quando Rosina acabou de tocar, elle deo um passo para Ursini e disse :

— Sim... inspira...

— Concebeo alguma idéa ?... foi mais feliz do que eu.

— Compadre, positivamente seo cunhado é vadio, vicioso, e esbanjador?...

— Positivamente.

— Amará elle devéras sua filha ?

— É incapaz de amor honesto : sentio cheiro do *chalet*, e de esperança de dotæ : estou prompto á jura-lo.

Ernesto chegou-se para Ursini, e sorrindo-se perguntou :

— Não põe duvida em ajudar-me á representar uma comedia ?...

Ursini teve outra vez de vencer a vontade de rir.

— Eu adoro as comedias ; respondeo.

— Compadre, tornou-lhe o velho ; eu, você, e D. Rosina estamos desde este momento inteiramente entusiasmados pelo casamento proposto e exigido por minha mulher.

— Conforme : vejamos o mais...

— Você em vez de despedir de sua casa, agrada, seduz, e domina seo cunhado...

Ursini começava á adivinhar, e á fazer conta de lucros.

— E o meio?... Propicio é intratavel...

— Ha de tornar-se submisso...

— Como?...

— Letra aberta : dê-lhe dinheiro, e prometta-lhe mais sob a condição expressa de mudar de paixão e de intenções : faça-o tomar outra noiva, e garanta-lhe dote igual ao de sua filha : seja elle quem nos ultrage com a sua inconstancia e desprezo, e quem revolte minha mulher com o seo estouvamento, e a sua indecorosa extravagancia. Que diz?...

— Que é de mestre ; mas deve custar caro.

— Que me importa a despeza !...

— É que o senhor compadre só se lembra de Propicio !... isso é facil : por dinheiro elle fará tudo...

— E além de Propicio ?...

— Rosina se prestará á entrar na comedia ?...

— E de que serve a influencia do pae ?...

— Ah !... já está gasta de mais !... mal pensa os trances em que me vejo ; mas emfim... eu não recuo... entretanto...

— Diga...

— O senhor compadre deve ser mais paciente... e mais solícito... não tome tão ao serio as impertinencias. os enfados, e as horas de esca-

broso tratamento, com que Rosina o exaspera ; coitada !... quem mais padece é ella !...

— Ainda bem que me consola, dizendo-me isso !...

— Teime em ser amavel ápezar da acerbidade dos modos da menina... não a esqueça, nem se esqueça de lisonjea-la com alguns signaes de sua lembrança e cuidado... ah ! eu vejo como ella fica adorando qualquer enfeite ou prenda, que do senhor lhe vem... é um delirio... não me convem dizer mais... todavia... é segredo... Rosina não quer que se saiba...

— Diga-me !...

— O dia de seos annos chega... é... depois de amanhã... finja que o não sabe... mas depois d'amanhã... por acaso... traga-lhe uma flor... um ramalhete de amores-perfeitos... um simples botão de rosa... faça de conta que adivinha...

— Obrigado !... obrigado, compadre !... eu hei de saber adivinhar...

— Desse modo minha influencia de pae mais facilmente se fará sentir...

— E Propicio ?...

— Havendo dinheiro á dar-lhe, favas contadas.

— Assim a comedia que imaginei...

— Ali, senhor compadre ! a sua comedia não tem nada de original : é o poder do dinheiro resolvendo as difficuldades da vida : salvos os episodios, no fundo a comedia é trivial.

— E o seo successo ?...

— Segurissimo : o ouro puro ainda não falhou.

— Compadre, você me dá alina nova ! posso contar com o seo concurso dedicado ?...

— Sem reservas : ajude-me á dar juizo á Rosina, e eu respondo por Propicio.

Ernesto apertou ambas as mãos de Ursini e sahio da officina esperançoso e encorajado.

Levava o coração com um peso de menos, e com uma esperança de mais : já não pensava que Rosina o repellia inconstante, desdenhosa e procedendo de accordo com Propicio ; e embalava-se com a doce expectativa de zombar impune-mente de sua mulher, fazendo-a desapontar com o logro petulante em que a deixaria o seo protegido.

Mas Ernesto estava longe de esperar a estranha, diversa e sorprendente ordem de idéas á que seria levado nessa mesma manhã.

V

Com toda a sua dureza o ferro é gasto, destruído pela ferrugem : do mesmo modo as melhores disposições naturaes, o character mais inclinado ao bem não resistem á corrupção dos vicios.

Propicio podia ter sido homem nobre e distincto na sociedade : em sua infancia recebera, da irmã sómente, lições de virtude e em extremos de amor germens de presumpção do seo merecimento e de boa opinião de si : tivesse a educação dos ultimos annos da segunda infancia e dos primeiros da adolescencia desenvolvido as noções da virtude, e dirigido prudentemente a presumpção de maneira á corrigi-la e é torna-la simplesmente dignidade, Propicio teria honrado sua familia, e merecido a estima geral.

Mas, repugnando o estudo e o trabalho, como acontece á quasi todos os meninos, e achando para essa repugnancia protecção irreflectida e

nociva no amor cego, no amor involuntariamente máo de Joanna, provou muito cedo os traçozeiros e doces venenos da vida sem deveres e sem tarefas de obrigação : as primeiras condescendencias tornarão obstinada a reluctancia do menino vadio, e o menino malcreado, dominando de todo sobre quem o malcreava, exaggerou os abusos, não estudou ; não aprendeo a trabalhar, e chegado aos annos perigosos do ardor dos prazeres, lançou-se á elles, e abysmou-se na ociosidade.

Em pouco tempo a logica produzio as suas consequencias.

Dispondo de minguados recursos que arrancava á irmã, Propicio não podia engolphar-se na depravação doirada dos mancebos ricos e viciosos, na qual ha um certo matiz, que elles trazem da boa sociedade que frequentão, e com que mascarão a licenciosidade, disfarçando-lhes a brutal torpesa. Elle procurou pois a companhia dos depravados pobres, e della tomou a giria, e amestrou-se no jogo ruidoso, e desordeiro, em suas orgias de hediondos phrenesis, e nos expedientes vis para haver dinheiro.

Todavia Propicio, enganando-se nas perversões de sua antiga presumpção, ainda tinha para si que era orgulhoso, e chamava nobreza de character esse pretendido orgulho.

O orgulho não é, nunca será virtude ; mas é ao menos, embora reprehensível, sentimento activo, consciencia alterosa de qualidades que se tem, e que se reputão estimaveis e distinctas.

Não pôde haver orgulho, altivez de sentimentos, e menos ainda nobreza de character no devasso que apodrece mergulhado na ociosidade e na depravação : se elle teve orgulho, a ferrugem do vicio venceo-lhe a rigeza, gastou-o, destrui-o.

Não ha quem se possa ostentar em alturas, tendo descido até afundar-se no paul.

Propicio é a prova.

Um dia a perspectiva de um dote de origem inconfessavel, o calculo dos gozos enbanjadores, da vida larga e dispendiosa, que por algum tempo lhe proporcionarião as doações e os presentes que um velho rico fizera com suspeitosa intenção e equivocos motivos, á uma joven pobre e formosa, levarão Propicio á olhar cobiçoso para essa moça, sua sobrinha, á quem podia *ver* todos os dias, e á quem até então mal concedera passageiras e indifferentes saudações.

Rosina era bella : obrigado a olha-la com attenção Propicio, o homem todo animal, acendo-se um sens alismo, e pensou e declarou que a amava, e desdenhado, e repellido insistio, teimou, e jurou desposa-la.

A cobiça do dote já desmentia o orgulho, e nem o assanho do sensualismo subsequentemente despertado o poderia deixar á salvo.

O recurso intrigante, baixo e indigno á uma protectora explorada com insinuações deshonorosas á propria noiva requerida e ainda mais denunciava o desmentido desse orgulho que era falsa e miseravel illusão de homem corrompido.

E para que a victima da ociosidade, o immoral, o character gasto e destruido pela ferrugem dos vicios, não pudesse conservar illusões, nem pretextos, nem evasivas, — para que o pervertido provasse, ostentasse, jurasse baixesa, miseria d'alma, ultima abjecção, infame prostração perante o ouro, Propicio, o ufanoso e ostentoso inimigo *dos ricos aristocratas* devia ir até humilhar-se aos pés de Ernesto, e até á offerecer-se em aluguel torpissimo, ou em venda estupendamente ascosa ao velho rico, *ao rico aristocrata*, feliz, ou pelo menos suspeito seductor, ou esperançoso amante de Rosina.

Quadro ignobil da extrema degradação do vicio, aviltamento, ignominioso rastejar do homem pelo pó pisado por outro homem, lição

providencial de que na pratica, no contagio da peste dos vicios, não pode restar nem apparencias de orgulho, e só ha baixesa, corruptela, e aniquilação de todos os sentimentos e de todos os instinctos da dignidade, do pudor, e até das ultimas hesitações ante o absoluto sacrificio da extrema vergonha na exposição e no offerecimento do seo opprobrio. — Propicio, o orgulhoso, o inimigo dos *ricos aristocratas*, deslumbrado pelo dote de Rosina que para elle era riqueza, depois de conseguir com aleivosos e tredos manejos a intervenção protectora e ciumenta da soberba Amelia, foi prostrar-se sem brio diante de Ernesto.

Com effeito quando o velho apaixonado de Rosina, tendo pouco antes deixado a officina de Ursini, chegou á porta do seo escriptorio, conteve apenas um movimento de desagradavel sorpresa ao ver Propicio que se aproximava d'elle.

— Eu estava á espera de V. Ex.: disse respeitoso e com o chapéo na mão o protegido de D. Amelia.

Ernesto sem descobrir-se, nem saudalo, perguntou secamente :

— Para que ?...

Propicio respondeo um pouco perturbado :

— Não poderei dizê-lo aqui na rua.

— Entre: tornou-lhe Ernesto.

E entrou e subio adiante; mas no patamar da escada voltou-se, e ainda perguntou:

— Quer fallar-me em particular?...

— Sim, senhor.

Ernesto, começando a sentir-se curioso, e lembrando-se também que não lhe convinha maltratar o homem, de cuja condescendencia precisava tanto para enganar sua esposa, baniu de seus modos a aridez com que o recebera, e levando-o para uma sala, em que com elle podia estar a sós, offereceo-lhe cadeira e disse-lhe:

— Aqui ninguem virá interromper-nos.

Propicio lançou um olhar investigador em torno da sala.

Ernesto o comprehendeo e accrescentou:

— Nem ouvir-nos.

Propicio vinha de recado feito e estudado, e principiou logo:

— Senhor commendador, vossa excellencia hade estar muito atenazado comigo...

— Porque?...

— Porque me suppõe intrigante e atrevido denunciante... e seo inimigo emfim...

— Ah! já sei: refere-se á um assumpto de que hoje minha mulher me fallou: o senhor deseja casar com sua sobrinha e procurou a intervenção de Amelia: onde está nisso a intriga e a denuncia?...

Propicio embaralhou-se um pouco, e balbuciou:

— É que eu pensava... podia a senhora pensar... que diabo!... perdão... mas...

Ernesto sorriu-se e disse:

— Olhe: já me occupei do senhor: conversei com seo cunhado que, para obsequiar-me, ficou de tomar á peito o seo negocio.

— Varro essa! exclamou Propicio que, apezar do cuidado que trazia, era sempre escravo da sua gijia; com Ursini de parceiro não entro no jogo.

— Mas Ursini é o pae da noiva...

— Que o leve o diabo, senhor commendador! fui por isso que vim aqui: eu estive de espreita, e bem vi V. Ex. entrar na officina: elle tem mo-kinifado e desfructado V. Ex. á vento fresco: mas comigo não navega nem á pucho de remos.

— Não o entendo.

— Já sei; mas havemos de entender-nos, palavra de honra!

— Ah!... ainda bem.

— Eu devia e podia ter começado por dirigir-me ao senhor commendador; mas tinha razões para acreditar que não seria ouvido nem attendido, e para se-lo e ter entradas com V. Ex. procurei a protecção da senhora dona.

Propicio mentia: elle tinha conseguido que Amelia o recebesse, escrevendo-lhe de modo á excitar-lhe suspeitas e ciumes; recebido, denunciára a paixão de Ernesto e o seo empenho na seducção de Rosina, estava desde alguns dias de intelligencia com a soberba senhora, que emfim era sempre mulher, apezar da fidalguia; com alguma habilidade explicara á principio o seo proceder pelos escrupulos e deveres de tio da donzella ameaçada em sua honra, e só por ultimo, e como recurso para livra-la do seductor propuzera o alvitre do seo casamento, que Amelia apoiou vivamente.

Mas Propicio se resolvera á entender-se com Ernesto; porque pouco e pouco fôra perdendo as esperanças que depositara na influencia de Amelia, desde que se convencera do amor que enlaçava os corações de Rosina e de Angelo, á quem reputava em activa correspondencia, e em honestas, porém ternissimas relações protegidas por Joanna.

Esse amor hia annullar os planos interesseiros de Ursini, desvendar os olhos de Ernesto, que já sómente por cegueira de velho não enxergava repulsas, e portanto o poder de Amelia sobre o marido não podia levar sua alçada até as expansões immensas do coração de Rosina.

Porque então Propicio se abatera á procurar Ernesto?... é difficil, é preferivel não dize-lo: ha abysmos fundos, negros, horriveis que é melhor não sondar.

Ernesto ouvira a explicação dada por Propicio em suas ultimas palavras, e respondera com um novo sorriso, que exprimia tanto incredulidade como favoravel aceitação.

Propicio animou-se e continuou, dizendo :

— Para que reservas?... o senhor commendador teve a bondade de receber-me : não acha mais acertado dispensar ceremonias e pôr tudo em pratos limpos ?...

— Certamente.

— Pois o caso é simples : salvo o devido respeito, o senhor commendador anda mystificado, tem sido tdlo com perdão de Sua Excellencia, eu não quero sê-lo e...

— Como é isso ?...

— E é preciso que nos ponhamos de accordo, não é ?.. palavra de honra !...

— Mas como é isso?... perguntou outra vez Ernesto; tolo!... tenho sido tolo?... sabe o que diz?...

— Não foi para offende-lo...

— Mas então?... explique-se : tolo !... como é que tenho sido tolo ?...

Propicio não hesitou : com toda a sua rudeza, com a franqueza escabrosa de quem não sabia mitigar com a suavidade mimosa da boa sociedade a porções de fel que brutalmente obrigava á beber, expoz á Ernesto o ardil em que elle havia cahido, o trama e os conselhos dados por Ursini á filha para provocar-lhe ardor apaixonado, faze-lo julgar aparentemente provavel a seducção de Rosina, excita-lo á ir assim dando em presentes, e em doações, capital, fortuna, dote que a donzella de outro modo não teria.

Ernesto ouviu Propicio até o fim sem uma só vez interrompe-lo : escutou-o ora sorrindo, ora corando, ora empallidecendo : passára da desconfiança do informador á suspeita da verdade informada, dessa suspeita ao vexame da zombaria, desse vexame ao resentimento profundo do escarnecedor e quasi opprobrioso abuzo da sua credulidade.

Realmente elle tinha sido *tolos* ! e um homem vinha lh'o dizer !...

Na casa de Ursini o pae e a filha o consideravam misero velho namorado ridiculo, e fazendo do seo amor vilipendiado fonte de favores e de rendimento, lisonjeavão-o em face, e gargalhavão delle pelas costas !...

Ernesto se revoltava; mas, pois que era velho, estava apaixonado, e se presumira amado, em sua revolta de animo acendia-se em odio contra Ursini e Rosina, que tão indignamente o trasião illudido e menoscabado; detestava porém ainda mais o intromettido importuno que lhe viéra abrir os olhos e desfazer seo doce engano.

Havia tambem momentos em que se punha á resistir á evidencia; á descrer a exposiçãõ clarissima feita por Propicio, e á querer descobrir nella calumnias filhas do ciume, e falsario manejo para arreda-lo da casa de Ursini, es-pantando assim o feliz rival que Rosina amava.

Ferido em sua ufanía de cavalleiro galanteador, e de afortunado e astuto seductor, ultrajado pela zombaria e pelo desprezo, cruelmente despedaçado em sua indomavel paixãõ, querendo e não podendo duvidar do que ouvira á Propicio, Ernesto supitou emfim sua colera, quebrou o tormentoso silencio que por algum tempo guardára, e disse rapido:

— Supponhamos que seja verdade o que acaba de referir-me...

— Supponhamos, não; acudio Propicio; é verdade pura, palavra de honra!...

— E á que vem o senhor?... perguntou rispidamente o velho.

— Á que venho?... á isto mesmo: pensei que fazia um favor... que prestava um serviço á vossa excellencia.

— E com que fim?... com que interesse da sua parte?...

Propicio sentia-se confundido pela aspereza com que Ernesto lhe estava fallando.

— Pois ainda em cima!... exclamou.

— Então?... o senhor ama sua sobrinha, e quer casar com ella... sabia que eu tambem a amava... e foi atirar minha mulher entre mim e ella... com que fim?...

— Isso explica-se... é que...

— Se sua sobrinha o ama, que precisão tinha da intervenção de minha mulher?...

— E meo cunhado que é meo inimigo!...

— E se Rosina me despreza... se eu tenho sido tolo, como o senhor teve a delicadeza de dizer, que lhe importava que eu continuasse á sê-lo, pois que até agora isso não o preocupou?...

— Tudo isso parece estapafúrdio; mas não é, palavra de honra! eu vou desenrolar a meada...

Ernesto irritou-se ainda mais com a linguagem e estylo chulo de Propicio e disse, encarando-o raivoso:

— Não preciso: eu já sei bastante: quer que lh'ó diga?... sua sobrinha o tem em má conta e o rechaza sem piedade!...

— Tal e qual: vossa excellencia começa á tomar tento no negocio.

— E desconfiado de que eu chegue á ser mais feliz, veio...

Propicio interrompeo Ernesto.

— Ahí vossa excellencia errou o ponto; a nossa infelicidade é igual, e a unica differença está em ser a sua mais cara e mais triste...

Propicio sem querer offendia o velho que levantou-se irado, e perdendo de todo o zelo de sua dignidade pessoal, disse, tartamudeando:

— Retire-se! não logrará o seo intento!... não ha de livrar-se de mim... o seo empenho é afastar-me de sua sobrinha...

— Ao contrario! ao contrario!... exclamou

Propicio que tambem se puzera de pé; ao contrario!... o senhor commendador deve... mas, que diabo!... parece que não me quer ouvir!...

Ernesto olhou de má cara o tio de Rosina.

— Ao contrario?... que quer dizer?... perguntou com altivez.

— Para vilão vilão e meio: vossa excellencia deve fingir que continua á ser o que tem sido... e frequentar como d'antes a casa do tratante de meo cunhado, e obsequiar ainda mais a senhora minha sobrinha...

— Oh!... mas o senhor deseja casar com ella... e minha mulher urgida por seos pedidos e por...

— Agoas passadas não moem moinho: descanse no que diz respeito á senhora dona: agora quero entender-me só com vossa excellencia.

Ernesto voltou aos seos primeiros impulsos de curiosidade.

— Acabe emfim e de uma vez á dizer-me o que pretende.

— Pretendo pôr-me de accordo e fazer alliança com vossa excellencia; isto é claro como agoa.

O petulante esquecia que as agoas ás vezes são turvas, e ás vezes até pestíferas.

Ernesto sentou-se de novo. e disse :

— Sente-se e falle.

Propicio obedeceo prompto á primeira ordem ; mas em verdade atrapallhou-se muito e não ponde obedecer logo á segunda.

O velho impacientou-se.

— Sou obrigado á preveni-lo. de que tenho negocios á tratar.

Propicio fez um esforço, e principiou por este preambulo ameaçador :

— Não acha que é sempre melhor fallar franco e decidido sem refolhos nem imposturas?... a gente diz á que vem, e está tudo na rua ! depois ou sim ou não, acabou-se a historia.

— Sim ; respondeo Ernesto ; verdade. franqueza, e nada de reticencias.

E accrescentou com intenção :

— Sabe, quanto lhe posso ser util ; falle pois sem receio.

Propicio mudou de cadeira para ficar junto do ouvido de Ernesto.

Evidentemente o mancebo depravado pela ociosidade, pela pratica dos vicios, e pela sede

de ouro, que o jogo, a vadição e as orgias excitavam, hia fazer ali o extremo sacrificio dos restos do seu brio arruinado.

A verdadeira conferencia de Propicio e Ernesto começou então em voz baixa e temerosa: o *orgulhoso despresador dos ricos aristocratas*, e o velho millionario immoral e corrompido porque o é todo o corruptor, conversarão por longo tempo, fallando-se com os olhos desviados um do outro, como envergonhados de olhar-se.

A conferencia á meia voz deve ficar entre os dous: ignora-la é consolação da virtude, o recurso honorifico da moralidade e da decencia.

Basta dizer que Ernesto e Propicio separarão-se perfeitamente entendidos, harmonisados, e de plano combinado.

Basta acrescentar que o velho seductor descera até o mais baixo e ignominioso escandalo.

Basta registrar que não ha orgulho concebivel, nem dignidade possivel em quem roja pelo pó ascoso, e se conspurca no lodaçal dos vicios.

VI

Apenas Ernesto sahira da officina de Ursini, tinha este corrido á interrogar Joanna sobre as pretensões de Propicio, e as disposições de Rosina.

O italiano contava muito com o juizo da filha; mas a audacia do cunhado o deixára sobresaltado, e tanto mais que a revolução que se operava no animo de Rosina, suas contradições, seus caprichos colericos, e as desfeitas com que ella repellia Ernesto indicavão claramente, que algum sentimento novo e flammigero lhe abrazava o coração.

Ursini tinha por vezes e sempre debalde procurado entrar nesse segredo da alma da filha, que se negára á revela-lo, assegurando sempre completa isenção de amor.

O pae tinha pois perdido a antiga e absoluta confiança da filha, e justificada era essa perda

pelo immoral empenho de Ursini em explorar a paixão de Ernesto embora com sacrificio do credito de Rosina.

Rosina já tinha medo da cobiça infrene do pae.

A desordem e perturbação dos sentimentos generosos, e do amor mais santo já estavam castigando com a duvida, e com a desconfiança a postergação das noções do dever, e o abuso sacrilego da influencia paternal.

A filha ainda amava, ja porém não estimava o pae, e delle se arreceiava.

Joanna tranquillizou Ursini, que respirou livre do que mais temia.

Rosina não amava, nem attendia á Propicio: pelo contrario revoltada contra suas pretensões, exaggerava o desdem levando-o até á injuria de offensivo menoscabo.

Ursini retirou-se desanfrontado de um pesadelo horrivel: preferiria tudo ao desgraçado amor de Rosina á Propicio.

Mas Joanna que pudera tranquillisar o marido, ficou agitada e afflicta, sabendo que o estouvado e brutal irmão ouzára dirigir-se á esposa de Ernesto, e que esta queria impor um noivo á sua filha.

A pobre mãe que involuntariamente inspirára a Propicio aquelle recurso para a esposa de Ernesto, fazendo já perfeita idéa do character estragado, da deslealdade, e da petulancia do irmão, estava certa de que elle não teria hesitado em ganhar a protecção de Amelia, excitando-lhe suspeitas da infidelidade do marido e desconceituando a sobrinha: e assim á prever e á exaggerar affrontas possiveis com que o odio, e o ciuume da soberba senhoca se vingassem da resistencia de Rosina á sua imperiosa vontade atribulava-se pensando no infortunio da filha.

E logo depois sentindo os passos de Rosina que se aproximava, nem cuidou em occultar a sua pena.

— Que tem, minha mãe?... perguntou a joven donzella; meo pie sahio á pouco d'aqui... e vossa mercê que estava socegada...

— É uma nova desgraça, minha filha!

— Qual?... é de mim que se trata?

— É; e tambem de teu tio, cuja malta he sei agora até onde póde chegar!...

Rosina descorou-se: d'antes tão altiva e soberanceira, começara á ter medo de tudo quanto entendia com a sua reputação, desde que amava Angelo.

— Que ha, minha mãe: diga; murmurou ella triste e receiosa.

Joanna contou á filha o que Ursini lhe communicára.

Rosina tranquillizou-se e disse:

— Melhor! a noticia me consola: vou ficar livre do seo compadre.

— Como?...

— Ciumenta de mim e não podendo conseguir casar-me com Propicio, tratará de pôr á ferros o seo velho marido.

— Não conheces aquella senhora: observou Joanna.

— Que ouzaria ella contra mim?...

— Será capaz de tudo para amesquinhar-te e viingar-se de ti... eu tenho medo que venha aqui e...

Rosina exaltou-se e interrompendo a mãe exclamou:

— Que venha! eu lhe direi que dê em casamento alguma de suas filhas ao seo protegido!

— Menina!

— Pois não é assim?... ella tem noivas em sua casa!

— E o seo furor, o seo ciume, e a sua arrogancia, minha filha?...

— Que me importa!...

— Reflecte, Rosina : basta que essa senhora queira nodoar o teu nome para que todos acreditem no que ella propalar com o resentimento de esposa offendida.

Rosina quebrantou-se logo : mas disse como agarrando-se á una esperanza :

— Ella é muito soberba para denunciar-se desamada e abatida por preferencia dada á outra mulher.

Joanna continuou, dizendo :

— E, se houver, o que é possível, rompimento e separação dos dous esposos...

— Minha mae!...

— Não digo que haja ; mas ninguem sabe até onde irá o ciume de uma esposa que se acredita atraçoada por seu marido?... o teu casamento com Propicio apaziguaria dona Amelia vingada...

— Mas eu morrerei antes do que...

— Oh!... Deus me deffenda de te aconselhar jamais semelhante sacrificio!... e é por isso que eu temo...

— Que teme?...

— Nem sei! mas dona Amelia contrastada por ti nesse empenho, e convencida de que seu marido te ama e de que tu o attendes...

— Eu o tenho já desfeitiado vinte vezes! tenho levado o desprezo até o extremo.

— Ah!... muito tarde!... exclamou a mãe; és pura; mas estás suspeita de grandes erros!...

Rosina deixou ouvir um gemido e duas grossas lágrimas cahirão-lhe dos olhos.

— Vê pois; disse Joanna; se outros suspeitão de ti, que não suspeitará a esposa de Ernesto?...

— Ai!... e com apparencias de razão!... balbuciou Rosina.

— É por isso que eu temo tudo! repetiu a pobre mãe.

— E agora?... perguntou Rosina.

— Não sei... não sei... eis o que me angustia, minha filha!...

— Tenho sido tam má!... disse a loureira arrependida.

— Má não é verdade; mas desajuizada e mal dirigida tens sido.

Joanna alludiu ao marido para desculpar a filha.

Rosina comprehendeo a justa e piedosa allusão e tornou dizendo:

— Talvez meo pae tenha concorrido para os meos ultimos desatinos; mas... não é de alguns mezes, é de alguns annos que sou mã!...

— Má, Rosina?...

— Tão vaidosa... tão douda... tão... oh, minha mae!... di-lo-ei por meo castigo, tão namoradaira!... e hoje... tão tarde...

A triste moça não ouzon completar o seo pensamento.

— Que querias dizer?... perguntou Joanna.

— Queria dizer que se eu não tivesse sido vaidosa, douda, namoradaira...

— Acaba!

— Seria hoje a mais feliz das esposas!...

A mae inundou o rosto da filha com um longo olhar cheio de amor, e de compaixão profundamente affectuosa.

Rosina repetio com a dor pungente do arrependimento inutil por serodio:

— Tão vaidosa!... tão douda!... tão namoradaira!...

Joanna resumio mil perguntas em um nome.

— Angelo?...

Rosina resumio mil explicações nesse mesmo nome, respondendo docemente:

— Sim, Angelo.

Alguns minutos de silencio se passarão.

Quem primeira o rompeo, foi Joanna.

— Não tens sido má: minha filha; tens sido sómente leviana.

— Eu o sei ; mas não o pensa... o mundo.
— O mundo de que fallas, é Angelo...
— É.
— Elle julga mal de ti com injustiça...
— Mas julga mal !...
— E todavia... ama-te...
— E me desestima !...
— Porque não te conhece bastante...
— Oh !... mas se eu me condemno á mim mesma !... não o mereço, bem sei.

— Rosina ! Angelo te abriria os braços, correria á felicitar-te, se te explicasses francamente com elle, se lhe confessasses tuas inconsiderações e teos erros, se lhe abrisses teo coração e tua alma com toda a luz da verdade e do sentimento !...

— Já não o posso fazer. minha mãe ! hoje só tenho um desejo... o de morrer. Elle me ha de chorar... ao menos.

— E tu !... perguntou Joanna com os olhos rasos de lagrimas.

— Descançarei de todo.

— E ei ?... exclamou a mãe, desatando a chorar.

Em resposta Rosina cahio nos braços de Joanna, chorando com ella.

— Não hei de morrer, não!... não. minha mãe!... isto passa!... não passa, minha mãe?...

É em ardores de paixão e impetos de dôr separou-se da mãe que abraçara, e olhando-a como espantada, disse :

— Oh!... mas se isto não passa, deve matar depressa!...

E Rosina sorriu lugubrememente.

— Minha filha! exclamou Joanna; eu fulberá por ti.

— Á quem?...

— Á elle.

— Não!... não!...

— Ainda orgulhosa e insensata!

Rosina reflectio breves momentos e pouco e pouco seu rosto se acendeo em vivo rubor.

— Já não o encontramos mais!... disse ella magoadamente.

— Eu o obrigarei á uma entrevista: tua madrinha nos auxilia: ella lhe marcará o dia e a hora em sua casa.

— Angelo negar-se-ha.

— Não creio: é perfeito cavalleiro para não menoscabar uma senhora honesta, que apenas lhe pede para ser ouvida.

— Minha mãe, uma condição...

— Qual?...

— Às occultas na alcova da sala da casa de minha madrinha, hei de assistir e ouvir a sua conferencia com Angelo.

— Não pensas que isso me constrangerá?...

— Não ; minha mãe não lhe dirá cousa alguma que me avilte, ou que me abata e humilhe... não terá pois de que constranger-se...

— Socega : podes estar certa disso...

— Mas eu quero ouvir Angelo !... quero ouvi-lo, minha mãe !... é condição...

— Pois bem ; disse Joanna ; seja assim.

— E quando ?

— Hoje iremos, ou ainda que só, irei fallar á comadre Clotilde.

— Iremos ambas.

— E se Propicio vier, como já costuma, impedir-nos a sahida?...

Rosina respondeo com acentuação grave e decidida :

— Minha mãe, é preciso fazer de conta que meo tio morreo para nós esta manhã.

VII

Rosina ainda esperava... e o dia lhe pareceo moroso.

Ursini tomou uma hora á filha, esforçando-se por convence-la á prestar-se á ultima combinação de Ernesto. e por tanto á fugir-se disposta á casar com Propicio.

Rosina deixou o pae fallar quanto quiz, e no fim disse-lhe friamente :

— Não, senhor.

O italiano coçou a cabeça, e perguntou :

— Porque?... minha filha.

— Porque basta, meo pae.

— Mas se pouco falta para acabar!...

— É que nunca devia ter principiado... isso, que vossa mercê pretende que ainda continue.

Rosina fallava triste; mas tão calma e segura que Ursini tornou á coçar na cabeça:

A filha proseguio, disendo :

— Em primeiro lugar não quero que meo tio imagine que eu me sujeitaria...

— Mas se é para illudir a minha soberba comadre! Propicio vae mudar de rumo e de projecto de casamento...

— Nem assim; porque em segundo lugar desde hoje deixarei de apparecer ao senhor Ernesto, quando elle aqui vier.

Ursini olhou attentamente para a filha e disse:

— Ahi anda mais do que capricho... anda amor que te desnortea... é claro: á um mez que o penso...

Rosina não respondeo; desviou porém os olhos, fugindo aos do pae.

— Já não tens bastante confiança em mim... estou vendo porque e te perdô... mas vê bem que erras... não tenho necessidade da tua confissão para conhecer o teu segredo... é tão facil!... julgas que eu não sei reflectir sobre as alterações do teu genio, e mudança do teu proceder, e combina-las com uma data, e certo facto?...

Rosina perturbou-se um pouco.

— Foi á um mez... não... foi á mez e meio a exposição da Academia das Bellas Artes, e

o caso do quadro da *visão do Tasso*... jubilo então... e poucos dias depois revolução completa!... ora isto já é meio caminho andado para a descoberta...

Rosina interrompeo Ursini, e, embora sem olha-lo, disse abalada, mas positiva:

— Sim, meo pae, amo Angelo.

— Que novidade!... só o meo compadre Ernesto era capaz de não adivinha-lo!...

E mudando de tom, proseguio:

— Pela Madona!... Angelo é trigo sem joio: se o apanhares nos laços do teo amor, dar-me-hei por feliz: é pena, que elle seja um pouco estroina, e não comprehenda o — *a b c* da vida.

— Ah, meo pae!... foi esse seo *a b c* da vida que me fez mal e me infelicitou!...

Ursini amava a filha á seo modo, e confrangeo-se, notando a grande dôr com que ella deixara escapar aquella inculpação ou queixa.

Depois de breve silencio, disse commovido:

— Não me desames... só desejei, só desejo o teo bem...

— Eu o sei; murmurou a filha.

Ursini beijou-a na fronte, e logo continuou á fallar.

— Olha: o mundo dos que amão não é o da realidade: o mundo dos que amão tem delicias e glorias que durão dias, e desillusões, desgostos, privações e amarguras que envenenão a vida toda: o mundo da realidade, que é o dos gosos que a riqueza proporciona, não tem transportes de imaginação, nem poesias: mas assegura aos ricos felicidade suave, commodos, festas, grandezas, luxos e prazeres que só acabão com a morte.

— E a consciencia? e a virtude, meo pae?...

— Ninguem as vê deitadas em esteira pobre, e ninguem dellas faz caso empoeiradas no rude trabalho diario, ou enfumaçadas na cosinha por não poder pagar cosinheiro: ninguem as vê; foi por isso que te desejei, que te desejo rica.

Rosina ia responder.

— Não discutamos; disse Ursini: eu estou firme, fico inabalavel nas idéas que bebi em longa e tormentosa experiencia; tu porém amas, e eu sei que diabolica atrapalhação da vida é o amor: amas um homem que é ouro puro e sem liga, reconheço-o...

— Ainda bem!

— Estás por isso incapaz de viver no mundo da realidade; é natural: não briguemos, **minha**

filha! vamos fazer um ajuste, um contracto de mutuas concessões...

— Qual ?...

— Eu te dou oito, quinze dias, um mez inteiro de acção livre para que me tragas Angelo á pedir-te em casamento: trabalha, e vence: se precisares do meo concurso em qualquer caso, em todas as hypothèses, conta com elle: durante oito, quinze dias ou um mez eu entreterei o meo compadre millionario, e te libertarei da sua ridicula e grotesca paixão...

— Meo pae!

— Espera: até aqui as minhas concessões ao teu mundo de amor e de poesia: mas no fim de oito, quinze dias ou um mez quero as tuas concessões ao meo mundo da realidade por tempo igual ao que eu te conceder.

Rosina vio um mez diante de si para o amor de Angelo, um mez, quando ella esperava a sua ultima sentença em dous ou tres dias, um mez livre de Ernesto... um mez para a felicidade ou para o desengano...

— Meo pae falla serio ?... perguntou.

— Se eu te desejo ver casada com Angelo !...

— Mas Ernesto ?...

— Perde-se o dote promettido; mas ficão ao

menos as joias e brilhantes que já tens, e o *chalet* que já é teu...

Rosina, que pelo amor honesto se regenerava, corou, ou antes inundou seu rosto com a vermelhidão do sangue que a vergonha abraçava.

No meio dessa vermelhidão passou disfarçada e despercebida uma idéa magnífica, que se escondeo e se abafou sublimemente traçoeira.

— O *chalet*!... disse ella; oh! Ernesto, desenganado e repellido, m'o tomará por vingança!...

— Impossivel! tenho em meo poder a escriptura de venda...

— Á quem?...

— Pois já não te disse?... á ti?... o *chalet* é teu, e ninguem t'o póde arrancar mais...

— Ah! isso é outro caso; mas meo pae não me tinha dado a escriptura de venda...

— Em um momento poderás ve-la... e guarda-la... o *chalet* é teu...

— Vossa mercê me dará a escriptura de venda feita á mim?...

— Querem ver que duvidas!... vou busca-la, é tua.

— Não duvido; mas naturalmente me será agradável lê-la e guarda-la.

— Facto consummado d'aqui á pouco: e o nosso ajuste?...

— Aceito-o, meo pae; o praso será de um mez.

— E depois do mez de minhas concessões?...

— Serei escrava do seo mundo da realidade.

— Rosina, tu és um anjo!...

— Ah! sou apenas uma mulher, meo pae!...

Ursini deixou a filha; mas pouco depois voltou, trazendo-lhe a escriptura da venda do *chalet*.

Rosina estava então occupada á tocar e estudar musicas de piano; interrompendo-se para receber o papel documental, disse com apparente indiferença:

— Ah! é a escriptura?... que pressa, meo pae!... eu a lerei depois...

Ursini retirou-se sorrindo e dizendo consigo:

— Está no mundo da poesia!... deixa a leitura do documento que lhe dá a propriedade do *chalet* que vale alguns contos de réis pelo gozo das notas do piano que se perdem no ar!...

Como a mulher engana facilmente o homem!...

Rosina acabava de enganar á seo pae, apoderando-se de um documento que ella estava arrependida de haver alcançado de Ernesto e

que, desde alguns dias, pensava que não devia ficar em poder de Ursini, de quem não o arrancaria, se quizesse regeita-lo, como já ás vezes desejava fazer, quando sonhava a sua terna reconciliação com Angelo.

A misera namoradeira castigada por amor exultou, achando-se senhora dessa escriptura da venda do *chalet*, que suppunha ainda segredo para todos, e acreditava ser-lhe facil annullar, aniquilar, quando lhe approuvesse sem que restasse conhecido vestigio da existencia e da origem da doação dissimulada em compra.

O dia tinha de acabar ainda consolador e lisonjeiro para Rosina.

Propicio não se mostrou para vigia-la e disputar-lhe a sahida com sua mãe.

Á noute forão ambas, Joanna e a filha á casa de Clotilde.

A tia de Angelo e madrinha de Rosina almejava tanto como a comadre e a afilhada o casamento desta com o sobrinho, e approvou com ardor o designio de Joanna.

— Angelo, disse ella; tem o mais generoso e sensivel coração; mas na cabeça excentricidades e idéas, e preconceitos, delicadezas de escrupulos, e melindres de pontos de honra, que ás vezes

admiro, e ás vezes me enfadão pela exaggeração: é tão original, como teimoso, coração virgem, e alma exaltada e pura em um mundo de desenganos e de gelo...

— É assim ; observou Joanna.

— Eu trabalho e trabalharei pela tua causa que é também minha, Rosina ; mas responder pelo bom exito dos meos empenhos, não posso ; Angelo tem a cabeça dura, como um rochedo, e é tão simples, e tão tímido, como teimoso e pertinaz.

— Eu o sei demais, minha madrinha ; murmurou Rosina.

— Mas pelo seo prompto assentimento á ouvir á comadre Joanna, e á conferenciar com ella, não tenho duvida nem em responder, nem em marcar o dia e a hora : seja depois d'amanhã as oito horas da noute.

— Nós chegaremos ás sete e meia ; disse Rosina.

— Menina ! deixa que tua mãe venha só.

— Não, minha madrinha, eu quero ouvir e saber tudo...

— E se o que elle disser á tua mãe te doer muito... te ferir no coração ?...

— Paciencia : receberei e ouvirei minha sentença.

— Rosina! Angelo te ama; mas, embora eu nunca lh'os ouvisse, ápezar de provoca-lo muitas vezes, asseguro que elle tem graves queixas de ti...

— E com razão... em parte...

— Vê bem! eu estou certa de que tua mãe o obrigará á fallar...

— Que falle! que maldiga de mim!...

— Tens animo?...

— Ah, minha madrinha!... tenho amor.

— Pois vem depois d'amanhã.

VIII

A noute aprasada por Clotilde para a conferencia que Joanna desejava e pedira, tinha emfim chegado.

Às oito horas em ponto Angelo chegou ; á sua entrada porém Rosina não estava mais na sala.

Encerrada ou occulta na alcova, cuja porta deixara apenas ligeiramente entre-aberta, a anciosa donzella hia ouvir a decisão da sua sorte.

Angelo aparentemente calmo, porém trazendo no rosto o cunho da melancolia, tinha depois de saudar ás duas senhoras que se achavão na sala, voltado os olhos talvez sem o pensar, e como se mais alguém procurasse.

— Minha filha não veio, disse Joanna; e nem convinha que viesse hoje.

Angelo corou, e não respondeo.

Clotilde levantou-se, e disse :

— Quero e devo retirar-me para que fique ambos em plena liberdade.

Angelo não se moveo.

Joanna tomou a mão da comadre e amiga e obrigando-a á sentar-se, observou-lhe :

— A tua presença não me acanha, e se o Sr. Angelo permite...

— Eu, minha senhora?... eu nem sei ainda qual seja o objecto desta entrevista que em todo caso me honra muito.

— Sabe ! respondeo Joanna ; sabe ; e eu começo por dizer-lhe que appello para toda sua generosidade, pedindo-lhe a graça de acreditar que lhe fallarei com a verdade nos labios...

— Ah, minha senhora !...

— E o favor ainda não menor de usar comigo da sinceridade mais ampla com a certeza de que poderá sim penalisar-me, mas augmentará a grande estima em que o tenho. Posso contar com o que peço?...

Angelo hesitou.

— Sem a segurança da sua franca e leal expansão, faltar-me-ia o animo... e...

— Prometto-a ; disse Angelo, inclinando-se.

Joanna commovida e á principio naturalmente perturbada, fallou, tremendo-lhe a voz.

— Senhor Angelo, sou mae ! eis a desculpa deste passo que ouzei dar... e nem assim o daria, se não confiasse tanto na sua honra...

A pobre senhora respirou com angustia e proseguiu, dizendo :

— O senhor... amou minha filha...

— É verdade !...

— Desejou casar com ella, e recebeo de Rosina solemne promessa de amor e de casamento... mas depois...

A mae estacou refreada pela vergonha.

Angelo vacillava constrangido e amotinado por affectos diversos, pelo amor, pelo brio, pela compaixão que lhe inspirava aquella mae á soffrer, pelo temor de offende-la, pela certeza de desagradar e affligir sua tia, pela repugnancia nobre de accusar os erros de Rosina.

Joanna moveo dolorosamente a cabeça e disse :

— Mas depois... sobrevierão... inconsiderações lamentaveis... que...

Angelo interrompeo a pobre mãe, dizendo rapida e irreflectidamente :

— Sim... sim... fui eu ! faltei indignamente a minha palavra...

— Senhor !...

— Oh ! eu já pedi perdão á sua bella e candida filha... ápezar meo fui, tive de ser infiel...

— Ah !... para que isso ?... o senhor tinha-me promettido expansão franca e leal...

Angelo retrahio-se confuso.

— Agradeço-lhe o empenho de poupar minha filha... serei eu a accusadora das suas culpas, sim, culpas; porque ella as tem...

— Minha senhora !...

— O senhor inventou generoso e extremosamente polido uma historia incrível para explicar a quebra de laços á que sómente o procedimento de Rosina o tinha levado.

Angelo olhou espantado para aquella mãe accusadora da filha, e quasi revoltando-se contra esse crime de lesa-natureza. Elle ainda amava Rosina, e em suas exquisitas contradicções de amante e repulsador da amada não tolerava em nenhum outro, queria só para si e bem occulto o direito de desestima-la.

Joanna continuou á fallar.

— Senhor Angelo, tomo á Deos por testemunha da verdade do que vou dizer : sou mãe, e impréco á Deos que hoje mesmo faça morrer minha filha, e morrer meo filhinho, se eu mentir, se eu esconder, se eu disfarçar uma só das culpas de Rosina.

A voz de Joanna soára então solemne, firme, e imponente de confiança e de fé.

Ella prosegue :

— Rosina é culpada de vaidade, de inconsideração, de amor insensato do luxo, de reprehensivel zombaria compromettedora do seo recato, e até ahi o senhor tem razão ; mas se vae além alguma suspeita sua, a suspeita é injusta, é aleivosa ; porque, em nome de Deus, eu juro, Rosina é honesta, e guarda zelosa sua pureza de corpo de anjo !

Pureza de corpo de anjo fôra a expressão inspirada pelo delicado amor maternal para claramente indicar o protesto vehemente contra o extremo pensamento calumniador e offensivo da honra da filha.

Angelo recebeu no coração o protesto da mae de Rosina, recebeu-o com inteira fé depositada no juramento que ouvira, e sentio-se quasi feliz, bebendo sequioso esse conforto do seo amor enegrecido muitas vezes por conjecturas sombrias e horriveis.

Mas Joanna tinha de ir além ; era força que depois de afirmar aquella pureza de corpo de anjo confessasse a impureza da alma da namorada ; ella quiz faze-lo com a maior verdade, e conforme se impusera pela mais tremenda imprecção : fallou pois á tremer, á

martyrisar-se, accusando a filha ; accusou-a porém como mãe que era ; attenuando circumstancias que aliás aggravavão-lhe as culpas, e deixando sempre transpirar escusas que apadrinhavão a leviandade.

Joanna ficou bem longe da severa franqueza que jurara ter ; em seo coração porém julgou que dissera demais, e Deos sem duvida perdoou a deficiencia da confissão.

Ainda assim Angelo conturbou-se intimamente indignado da perversão do pae que ensinara a filha á ser indecorosa por ambição, á negociar com fingimentos de amor, e á deixar-se galantear por um homem casado ; e não menos se scandalisou da facil condescendencia da filha, vendo estrago de sensibilidade, e olvido de pudor de donzella na habilidade suspeita com que Rosina tinha conseguido fazer do insolente seductor escravo sedusido e desgraçado.

Angelo sabia por certo já tudo quanto acabava de ouvir, sabia talvez mais, muito mais ainda ; mas achava muitas vezes consolação em duvidar das faltas, e dos feios erros de Rosina, que então sahião confessos da boca de sua propria mãe.

O mancebo escutara em silencio, e quando Joanna terminou, ainda se manteve em sinistra mudez.

A mae extremosa e infeliz lêo na fronte encrespada de Angelo, leo por entre as lagrimas que enchião seos olhos a condemnação da filha, e acudindo-a depressa, disse :

— Mas agora... desde mais de um mez... olhe... Rosina amou-o sempre... amou-o!...

— Impossivel!... exclamou Angelo.

— Amou-o, eu sei ; mas desde que, indo á exposição da Academia das Bellas Artes. vio o seo quadro da *visão do Tasso*. minha filha tornou-se outra... oh ! nem pensa.

Angelo não se commoveo.

— Ella se suppunha desprezada pelo senhor... pergunte-o á sua tia... una falsa amiga o havia intrigado... Rosina pensava que o senhor amava outra mulher, e que hia casar com ella.

— Eu te preveni disso, Angelo ! disse Clotilde.

— Ah ! murmurou o mancebo.

— Essa idéa, o ciume, o resentimento exasperavão minha filha. que desatinava ainda mais pelo desencanto do amor. e pelo estimulo da vaidade offendida...

Angelo parecia incredulo.

Joanna proseguio :

— Mas desde que vio aquelle abençoado quadro, Rosina acreditou-se ainda amada pelo senhor, e se consagrou toda ao amor que lhe vota...

— Angelo, é verdade! acudio Clotilde.

— As inconsideações, direi, as culpas de minha filha acabarão de uma vez... e, eu posso garanti-lo, não mais se repetirão: ella o ama ternamente... meo marido não tornou, nem tornará á conseguir que a filha se prestasse ou se preste á continuar á illudir o velho ridiculo e fatal; este homem indigno apenas resiste aos desenganos e as desfeitas que recebe de Rosina...

E Angelo ouvia obrigado á ouvir; mas continuava á mostrar-se frio e calculadamente silencioso. Joanna o enregelára, petrificára-o, com a exposição da baixeza ignominiosa de Ursini, e do sacrificio do decóro e da pureza da alma de Rosina

A pobre mae repetio :

— Ella o ama ! minha filha ama-o! minha filha deseja ser sua esposa, senhor Angelo !...

— Angelo!... exclamou Clotilde.

Era absolutamente indispensavel responder.

O joven pintor, forte com a defesa do silencio, sentio que hia ser fraco fallando, e chamou em seo auxilio todo o poder da sua razão.

— Minha senhora, disse elle ; ordenou-me que fosse leal e sincero ; se-lo-ei. Amei... oh ! amo sua filha... e nunca hei de amar outra mulher... nunca ! nunca !...

— Oh ! seja pois feliz, e faça-a feliz !...

— Não é mais possivel. Eu sou um doudo ! amei, e imaginei amor que certamente não é deste mundo. O amor que imaginei é de melindres e de exigencias que provavelmente não são de uso na terra. Sou doudo, e por doudo guardarei com religioso culto o meo primeiro e unico amor, a imagem da minha primeira e unica amada ; mas os laços que me ligavão á ella, ella os quebrou e não se podem mais reatar.

— Angelo ! tornou Clotilde a exclamar.

O mancebo continuou á fallar.

— Estou sentindo o mal que faço á melhor das mães, á mais amorosa das tias. Sei que sou injusto, que sou estupidamente cego á mais doce gloria. D. Rosina, em o reconheço, declaro e sustento, é honesta, é digna do mais nobre e exigente esposo : suas leviandades de moça, seus passatempos, suas zombarias de simples donzella

espirituesa, faceira e travessa não deixão móssa no seo credito... bem o vejo...

Angelo queria deveras ser generoso ; mas chegou á affigurar-se ironico.

A mãe de Rosina doeu-se, e disse :

— Eu lhe pedi sinceridade, senhor ; mas ironia não !

Angelo respondeo com o mais doce respeito.

— A ironia fôra brutal insulto á mais veneravel das mães: eu digo o que me sahe do coração...

— Então... perdoe-me...

— Já disse que sou doudo !... amc... adoro a belleza inexcedivel de D. Rosina ; mas por doudo !... oh !... é preciso que eu seja sincero e leal... eu... por doudo não posso ter a gloria de casar-me com a mais formosa das creaturas, porque, embora tenha a mais plena confiança no seo amor, e na sua virtude, revolta-me a idéa de que sahindo á rua com minha esposa...

Angelo hesitou.

Joanna disse com força :

— Acabe !

— Ah, minha senhora, perdão ! mas eu não teria amado tanto sua filha, se o meo coração não fosse tão sensivel, e, direi, tão extremoso na

susceptibilidade... oh! eu não a offendo ao dizer que me revolta a idéa de encontrar um homem que durante alguns mezes se tivesse supposto amado por minha noiva... e que...

— Diga tudo!

— E que, tornando á ve-la, olhando-a, pudesse lembrar e me fizesse imaginar... obsequios sem consequencia; mas que tinham sido prendas significativas de amor... que elle houvesse dado... e que ella houvesse recebido... embora por culpa de seo pae...

Joanna deixou ouvir um gemido de dôr.

— Angelo! eu te desconheço! exclamou Clotilde.

O mancebo convulsou na cadeira em que estava sentado, e arrependido do que dissera, cahio de joelhos diante de Joanna, e disse consternado:

— Perdo-me! perdoe-me!... eu apenas repeti o que á pouco lhe tinha ouvido!... não quiz ultrajar sua filha... não!... eu amo D. Rosina, e creio, juro que acredito que ella foi sómente leviana...

— Se é assim, porque reluctas?... perguntou Clotilde.

— Minha tia!... murmurou Angelo confrangido.

— Eu não quizera Rosina para esposa de meo sobrinho, se a julgasse menos digna de se-lo.

O mancebo respondeu em voz baixa, triste e cheia de margura :

— Mas não sei, se todos pensão, como ~~minha~~ tia e eu pensamos.

A reprovação da *louveira* estava lavrada pela razão e pelo escrupulo do homem honesto.

Angelo ergueo-se e disse, dirigindo-se á Joanna :

— Bem o sinto ; minhas palavras tem sido punhaes á rasgar o coração da mais terna e estremecida das mães ; mas tambem eu... preciso ainda repeti-lo?... tambem eu soffro muito ! muito, porque amo, e o meu amor será o martyrio inconsolavel da minha vida...

E accrescentou lugrubemente :

— A minha vida é uma noute que acabará em outra noute... na noute da morte.

E ainda em tom quase sumido :

— Deos perdoe á quem apagou-me a luz da vida.

Joanna tinha já pedido de mais : continuar á faze-lo seria inutilmente aviltar-se : naturalmente magoada pela repulsa de Angelo : cumprindo-lhe porém não mostrar-se offendida,

to nou quanto pôde a apparencia de serena dignidade, e olhando Angelo, disse-lhe :

— Paciencia ; não consegui reconcilia-lo com Rosina ; mas não vejo nisso motivo para deixarmos de ser amigos. Minha filha ignora o empenho infeliz á que me animei, e confio do seo nobre character que ella ignorará não menos a sua recusa que além de matar-lhe toda a esperanza, a humilharia com o conhecimento de que fui eu á procura-lo e á expo-la á rejeição que recebi.

— Ah, minha senhora !... não fui eu...

— Desculpe-me : não me queixei : respeito a sua susceptibilidade. Não voltemos mais á um assumpto que é penoso para nós ambos. Demo-lo por terminado...

Angelo murmurou com afflicção comprimida :

— Sim... minha senhora...

Elle tinha sentido como o frio da morte naquella intimação do termo definitivo do assumpto que se referia ao seu amor.

Joanna fallou ainda.

— O senhor alludio á pouco ao infortunio, á noute da sua vida... foi uma increpação que lhe escapou... não a levo á mal : mas peço-lhe que lembre tambem... ao menos em hypothese...

outro infortunio maior que o seo, outra noute mais negra que a sua...

Angelo quiz responder; Joanna porém não lhe deo tempo e continuou :

— Não o incrépo... não; sómente com os meos direitos de mãe lhe rogo que se limite á afastar-se de nós, e que, persistindo, como julga do seu dever que respeito, na sua esquivaça, não faça chegar á Rosina a ostentaçaõ do desengano : não é preciso... abandone-a ás illusões, ás falsas esperanças que ella ainda sonha... por que... do contrario... o senhor poderia ser causa involuntaria de grande mal... quem sabe?... talvez da morte de minha filha...

Angelo ficou por momentos á olhar attonito para a mãe de Rosina.

Joanna ignorante e rude, mas illuminada pelo amor maternal, acabava de mentir, indicando a ausencia da filha que alias de perto os ouvia, e, em extremo recurso disfarçado para commover o mancebo reluctante, ameaçava-o com a morte de Rosina.

— Esta ultima graça pouco lhe custará; accrescentou ella; deixe que as minhas prudentes advertencias... e o tempo... tornem menos fatal o golpe que a infeliz deve emfim receber.

Angelo sentio-se ferido e respondeo reagindo com desculpavel irreflexão :

— Minha senhora, quem me separou de D. Rosina... não foi a minha inconstancia... quem nos separou... foi ella !

E notando que sua voz se alterára magoada, corrigio-lhe immediatamente o acento menos reverencioso e proseguio com doçura :

— Sua filha é formosa e candida... quem a vê uma vez, a ama toda a vida...

— Salvo o direito de recusar-lhe a mão de esposa depois de amado ! disse Joanna abatida ; mas imprudentemente acrimoniosa.

Angelo corou ; mas dominando-se, tornou logo :

— Muitos mais dignos, mais ricos do que eu, de posição social mais elevada, menos obscura do que a do pobre artista disputão, e disputarão a gloria de merecer a mão de sua encantadora filha, que facilmente esquecerá o desgraçado que se condemna á fugir-lhe sem deixar de ama-la, e trocará em risos festivos as nuvens de tristeza que lançou em sua aluna generosa a simples gratidão por um quadro inspirado por amor, e a doce compaixão pelo triste pintor desse quadro.

— Angelo ! tu és cruel !... disse Clotilde que via Joanna confundida pela ironia acerba do mancebo que finalmente não pudéra conter os assomos do seo resentimento excitado pelas re-criminações da mãe de Rosina.

Sem attender á advertencia da tia, elle, dirigindo-se á Joanna, accrescentou com voz tremula, amargurada, dolorosissima ; mas apparentemente fria, e impiedosa :

— Tranquillise-se, minha senhora : sua filha não soffrerá mal algum, e ha de em breve casar, e ser feliz !...

Angelo não ouviu um fraco gemido abafado ; porque Joanna perturbada, confrangida, e sem mais pensar no que dizia, exclamou desarraigadamente :

— Não ! não ! ella não se casará !... o senhor vae mata-la !... Rosina o ama ! e o senhor o sente e comprehende... ella o ama ! e não se casara... não poderá casar com outro homem !...

Joanna e Angelo que por tanto tempo tinham conferenciado digna ou pelo menos discretamente, chegavam ao ponto de desvariarem : a mãe de Rosina fallára, exclamára sem ponderação, nem consciencia, soltara um brado de dôr que a reflexão não medira ; o nobre e susceptivel man-

cebo que se considerára noivo de Rosina deo ás palavras « *não poderá casar com outro homem* » significação e alcance que ellas não trazião, e tomando-as, como aleivosa insinuação, alvoroçou-se indignado, e, apenas reprimindo a indignação com o pezo do dever da cortezia; mas animado e zeloso de duas purezas, respondeu vivamente :

— Perdão pela ultima vez, minha senhora!... jurou por minha honra, e pela salvação das almas de minha mãe e de meo pae que sua filha póde com altiva fronte casar com outro homem que não eu!...

— Sr. Angelo!... quem o ousou duvidar?... gritou o coração da mãe.

— Doudo!... doudo!... clamou Clotilde.

Angelo não as ouvia mais.

— Nós nos amamos! sim! disse elle exaltadamente; D. Rosina e eu nos amamos! mas em nossos amores tudo foi ceo de Deos, e nós dous fomos dous anjos em pureza de amor!... beijei-lhe a mão duas vezes... eis ahí todas as fraquezas de D. Rosina, e todos os abusos do seo noivo de então!...

— Mas quem te accusa?... perguntou Clotilde.

— Quem foi que accusou minha filha, quem foi?... perguntou Joanna estupefacta.

Angelo pareceo socegar; mas sómente concentrou a irritação que o amotinara, e ainda com acerbidade e dureza que mentião á grandeza e dulcidão de seo character, disse grave e concentrado, cruel porque amava muito, exagerado porque a honestidade era o seo thesouro de avareza, impertinente na insistencia, porque zelava duas purezas, e a pureza de Rosina ainda mais que á sua propria.

— D. Rosina foi anjo, repitto, foi anjo amado por mim! a Rosina que eu amo. é essa, que foi sempre anjo para mim!...

E accrescentou abaixando a voz:

— De outro modo... ainda hoje... e apezar de tudo... meo nome obscuro seria o nome da donzella... leviana... arrependida emfim!...

— Senhor!...

— Angelo!...

— Minha senhora!... amo... mas não tenho divida á pagar... amei um anjo, e fui, tornei-me para sempre desgraçado...

— Basta!...

— Basta. Foi uma illusão... pois bem: minha senhora!... doe-me dizê-lo; mas eu não posso casar-me com sua filha.

Ouvio-se nesse momento o baque de um corpo que cahia no chão.

Joanna soltou um grito, levantou-se, e correo para a alcova, cuja porta abrio.

Rosina estava estendida no assoalho e completamente desmaiada.

Clotilde e Angelo lançarão-se em soccorro da pobre moça que estava sem sentidos.

Passarão alguns minutos, em que tudo foi confusão á principio, e depois anciosa solicitude...

Em breve Rosina respirou, gemeo, annunciando sua volta á vida, e ao soffrimento.

Joanna chorava, tendo em seos braços a filha, e não vendo, ou esquecendo o causador do desmaio que suppunha perigoso.

Angelo angustiado e em desespero se posera de joelhos aos pés de Rosina.

Clotilde, menos incapaz de reflectir naquellas circumstancias dolorosas, apenas vio que a afillhada tornava a si, tomou as mãos de Angelo, obrigou-o á levantar-se, levou-o para fóra da alcova e disse-lhe :

— Sahe! vae-te!... o teu amor neste momento pareceria compaixão, e a compaixão do amado revolta e assassina a mulher que ama devéras... sahe!... vae-te!...

Angelo tinha os olhos voltados para a alcova, resistia á Clotilde, e começára á soluçar, desfazendo-se em lagrimas.

— Oh!... eu não sabia que ella nos estava escutando!... exclamou consternado.

Clotilde o conduzio á força até a porta que abria para a rua.

— Vae-te! deixa-nos!...

— E ella?...

— Tu a feriste no coração! não acabes de mata-la com a imposição affrontosa da tua presença!... vae-te!...

E abrindo a porta, Clotilde empurrou Angelo para a rua, e disse-lhe:

— Rosina torna á si... não morrerá: volta amanhã, e eu te darei noticias della.

E trancando a porta sobre o mancebo, que ficára parado e ainda soluçando, Clotilde voltou apressada para a alcova.

Rosina, tendo no rosto a pallidez da morte e respirando apenas, com os olhos mal abertos, com os pés no chão, o corpo nos joelhos e a face no seio de sua mãe, reclinada inertemente, e na desordem dos vestidos, deixando á mostra uma perna quasi até o joelho, parecia menos tornada á seus sentidos do que moribunda.

Joanna chorava ainda, e beijava muitas vezes a fronte, a face, os labios da filha.

— Coragem, menina !... disse Clotilde, curvando-se e abraçando a afilhada ; Angelo te ama e será teu esposo ! sou eu que t'o asseguro, Rosina !... elle te ama ! conta comigo e espera...

Subito e leve rubor acudio ao rosto de Rosina, que abrindo os olhos, nesse momento luzentes, e fazendo esforço doloroso ou muito superior á seus fracos alentos, quiz bradar. mas sómente exhalou em meio grito :

— Agora... não!...

E desmaiou outra vez.

FIW DA QUINTA PARTE.

A NAMORADEIRA

SEXTA PARTE

I

Desde que amára Rosina, e, muito mais, desde que com ella trocára compromissos de noivos, Angelo sentira o vacuo do isolamento em que vivia e a necessidade de amigo confidente, de fraternal coração que recebesse suas expansões e seos segredos de amor, e que o acompanhasse nos jubilos de sua felicidade.

O homem que ama, quando já se acha amadurecido pelos annos e ensinado pela experiencia, retrae-se e encobre o sentimento que o senhoreou, talvez porque na idade da reflexão e da pruden-

cia se arreceie ou da fidelidade dos confidentes inuteis, ou de possiveis contrastes que o deixem na condição de desprezado que sempre deprime. Elle ama ao serio e sem os transportes poeticos da juventude volcanica, e ainda apaixonado raramente perde de todo a razão que acautela futuros.

O mancebo e o velho procedem de diverso modo em seos ardores de amor: o velho que apaixonando-se, torna-se menino, não pretende ostentar, mas atraiçoa e patenteia sua ridicula fraqueza, desordena a compostura que lhe dá dignidade ao parecer, e entrega-se risivel á publicidade dos anachronismos dos seos sentimentos amorosos.

O mancebo arrebatase, ufana-se, expande-se, quando ama: deseja zelar o segredo do coração; mas encanta-se ouvindo alludir á elle: nega-o, porem confessa-o no proprio tom da negativa: seo amor é sua gloria, e portanto não pode contello abafado; a gloria é radiante e ruidosa. Não lhe basta pensar na amada e sonhar com ella, precisa fallar, e que lhe fallem do seo amor, da belleza, das virtudes do seo anjo; precisa dizer e repettir como ella lhe sorriu, corou, confundio-se, e todas essas mil nonadas que são as flores, os melindres, a poesia dos amores santos

da formosa aurora da vida : a mocidade é volcão, e o volcão deve naturalmente arrojara suas lavas.

Angelo era joven, e se consagrara todo ao enlevo do seo primeiro a#mor : timido e acanhado por educação e por vida sempre afastada da sociedade, não ousava fazer suas suaves confidencias á Clotilde, obedecendo pois á mais natural impulsão, que aliás ja experimentava antes de amar, procurou entre os artistas da sua idade, com quem se encontrava algumas vezes, um amigo, mancebo como elle, e que com elle fraternisasse pelos laços do coração e pela confiança mutua.

É tam facil achar amigos, quando se tem vinte ou poucos mais annos de idade !...

Angelo regulou-se pela sympathia na escolha do seo amigo : preferio á todos Henrique. já seo irmão pela arte, e por esperançoso talento, um bonito joven, bom, alegre, trabalhador de horas marcadas, cioso de folgas divertidas, e apenas indiscreto e leve por genio precipitado e irreflectido nos fervores da jovialidade, ou nos abandonos da confiança.

Henrique era pois o contraste vivo de Angelo ; mas talvez por isso mesmo ambos mais facil e promptamente se ligarão : cada qual appreciou no outro as qualidades que não tinha.

Presumido de prudente, Angelo deixou correr o tempo antes de depositar no seio de Henrique as confidencias do seo amor.

Mas a intimidade mais grata prendia já os dous mancebos, e um dia emfim, dia aziago, Angelo fez ao amigo a doce e plena confissão.

Como de costume nessas revelações de terno segredo de joven pudibundo e generoso, Angelo disse tudo quanto se passara com elle e *ella*, tudo quanto pensava e imaginava em relação á *ella*; mas guardou ainda em venerado arcano o nome *della*.

Henrique se embevecera ouvindo a confidencia desse amor platonico, delicadissimo, e quasi ce-leste: ás vezes sorrira á ingenuidade, á innocencia e aos enleios do amigo; contivera porém o menor gracejo, admirando a angelica pureza e a simplicidade virginal da donzella tão digna de adoração.

Mas emfim, cansado de ouvir fallar *della* sem ao menos uma vez trocar-se o teimoso pronome pelo nome de baptismo, perguntou:

— E quem é?... como se chama *ella*?...

Angelo esperava e desejava a pergunta.

— Chama-se... Rosina!... disse com doçura de voz, e como se a doçura do nome lhe deixasse mel nos labios.

— Rosina?! Rosina!... exclamou Henrique; só conheço uma moça com esse nome... mas a Rosina que eu conheço não é o teu milagre de angelica innocencia; a minha Rosina é uma namorada professora, que já fez de mim seo gato e sapato e largou-me á ver navios no alto mar do namoro.

— Não devia chamar-se Rosina! disse Angelo com ardor.

— Pois chama-se; mas ainda bem que o habito não faz o monge, e nem o nome a pessoa: a tua Rosina é um cherubim, e a minha um demónio formoso, mas de ruim tentações, que por castigo de seos peccados está agora apaixonada ou dominada por um velho casado, e portanto beco sem sahida, porém rua com entrada larga, porque é rico...

— Desgraçada!... e essa Rosina avilta-se á ponto...

— Não sei: duvido do aviltamento; porque ella é esperta e matreira como dez diabos juntos; mas infelizmente é filha de um homem capaz de vende-la...

— O pae!... capaz de vender a filha!... é isso possivel no mundo, Henrique?...

— Tu és um pateta, Angelo!...

— E quem é esse miseravel?...

— Deves conhece-lo ; pois que todos o conhecem é o famoso charlatão chamado mestre Ursini.

Angelo estava em pé e titubeou...

Henrique o susteve.

— Angelo!... que tens?...

O noivo de Rosina tinha no rosto a côr marmorea, e nas mãos, que Henrique lhe tomara, a frialdade de um cadaver.

— Que tens, Angelo?... perguntou de novo o amigo cuidadoso e assustado.

Angelo sentou-se, e respondeu, fazendo grande esforço para dominar a dolorosa e cruel impressão.

— Não sei... não sei que seja isto... mas desde que... ah ! sim... desde algum tempo... me sobrem ás vezes... e inexperadamente desalentos... como este...

Henrique observava inquieto o amigo que lhe disse com voz urgente :

— Deixa-me descansar: quero... preciso ficar só.

Henrique pareceo admirado desse desejo de soedade, mas logo depois, suspeitando a verdade, retirou-se triste e compungido.

Foi na noute desse mesmo dia que Angelo sem poder adivinhar que hia servir ao premeditado expediente proposto por Joanna á Rosina, exigio desta para pôr-lhe em prova o coração e o amor, a immediata celebração do ajustado casamento, e ufano da condescendencia da noiva, mas compellido pela desconfiança e pelos ciumes em seguida impôz á sua noiva aquelle praso deseis mezes com a obstinação severa, que marcou a primeira quebra de seos ternos e delicados laços.

De então por diante houve dous homens á mentir um ao outro por generosidade e innocentes intenções.

Angelo ardendo sempre por obter informações do procedimento de Rosina, mas não querendo de modo algum accusar a sua amada, louvava sempre a virtude desta, e encarecia o seo amor, fallando á Henrique, e á custa de mil traças, que suppunha subtiz, levava depois este á discorrer sobre a filha de Ursini, como se de outra pessoa tratasse.

Henrique de sua parte deixava-se parecer enganado, e ao mesmo tempo desejoso de estorvar um casamento que acreditava menos digno do amigo, e empenhado em poupar seo melin-

droso, mas indestructivel amor ao quadro fiel e completo dos desvarios de Rosina, e dos graves compromettimentos do seo credito, dizia á Angelo sempre mais, e sempre menos do que convinha ; porque solícito denunciava as culpas da desastrada loureira, e apiedado procurava attenua-las.

Angelo viveo nesse inferno mezes de indísiveis torturas : contrariando seos habitos de estudo e de trabalho constante de dia, soube inventar meios, empregar estratagemas para ver e espreitar a sua desleal a nada sem ser visto por ella, e cada vez mais se convenceo da sua falsidade, e cada vez mais se abrasou em paixão, queimando-se no fogo de sua lucifera formosura, até que emfim o conhecimento que teve da doação do *chalet* fulminou-o com o raio do escandalo.

Angelo não tornou á pedir novas da filha de Ursini á Henrique, nem á procurar ver, e espreitar a *protegida* do commendador Ernesto. Em seos sentimentos de desgosto e de repulsão deo por morto o seo amor ; mas guardou-o no coração, como em tumulto sagrado.

No dia sinistro, em que recebera com a noticia averiguada e positiva da doação do *chalet*

a sanção da vergonha e do degradante aviltamento de Rosina, o joven apaixonado, infeliz e revolto, teve a idéa e o impeto de um crime de lesa-arte.

Angelo, nas horas mais risonhas do seo amor, havia concebido e começado á executar um painel de suave e mimosa inspiração, representando Torquato Tasso em seo carcere de doudo, e extasiado á contemplar, á adorar Eleonora, que lhe apparecia em poetica vizão, subindo e mostrando-lhe o caminho do céo, o eden dos amores puros, e na imagem da princeza elle sem perfeitamente retratar, perfeitamente indicava a imagem de Rosina.

O painel estava quasi prompto... a ternura e a arte apenas aconselhavão ainda alguns retoques...

Foi contra esse painel que no dia sinistro Angelo se arrojou de faca em punho para rasgar a tela ; mas, ao desfechar o primeiro golpe, ou o artista, ou o amante recuou horrorizado do crime que ia perpetrar.

Angelo chorou contemplando o seo painel querido, e, chorando, accusou-se de tentativa de filicidio!... elle ouzára meditar a destruição do seo bello e inspirado filho !...

Como naturalmente se observa, o pae amou mil vezes mais o filho condemnado.

Angelo adorava ainda Rosina, adorava-a ápezar de tudo, adorava-a com odio... adorava-a insensatamente... contra a sua vontade, contra a sua razão, e a sua consciencia; mas adorava-a...

O amante apadrinhou-se então com o artista, e o artista, apadrinhando o amante, sophismou em nome da arte...

Angelo obrigou sua alma á fazer de conta que Rosina era para elle o typo do bello, imaginou para conforto de seo coração um amor abstracto da formosa Rosina, typo de belleza, e abstractamente isenta de seos desmandos na vida real; disse á si mesmo, que como artista que era, cumpria-lhe esquecer as leviandades e o escandaloso proceder da mulher culpada, e render-lhe o culto devido á belleza material, e á pureza das fórmas.

O artista seduzido pelo amante fez de conta que separava do coração falsario e da alma muito peccadora o rosto e o corpo bellissimos e encantadores da namoradeira, e fingio culto de arte para disfarçar o amor inabalavel do apaixonado escravo de Rosina.

Angelo sophista contra a propria razão criou pois essa abstracção mentirosa, que artificialmente o tornava transportado amante de Rosina physicamente formosa, e sevéro reprovador de Rosina moralmente desprezada.

Absurdo querido do coração, devaneo da alma, amor condemnado pela razão, e influindo indomavel, pobre desculpa de um captiveiro mal aventurado, o amante absorveo-se no artista que em vez de despedaçar o seu quadro, aperfeiçãoou com zelo fervoroso, acendendo na figura do Tasso todas as flammas da sua paixão, e na de Eleonora as formas graciosas e o formoso semblante de Rosina.

Angelo fez mais; levou o seo quadro á exposicção da academia das bellas artes; tinha-o imaginado e principiado á executar para offerece-lo á Rosina; e perdida depois essa ambição suave, quiz ao menos tentar duvidosa fortuna, e na esperanza de que Ursini visitasse com a filha a exposicção, entregou ao publico a sua *visão do Tasso* com o unico designio de que Rosina se encontrasse e se reconhecesse na bella Eleonora.

Sempre á sophismar com a consciencia, e á mentir á propria razão, o artista amoroso fizera-se expositor por impulso apaixonado, e defendia-

se dessa patente fraqueza, ideando nobre vingança na magnificação ostentosa da mulher infiel e ingrata.

Tudo isto assignala o amor ardente que consumia o sensível e desgraçado mancebo, e todavia ainda assim escravo, e como tomado de embriaguez de paixão, elle sentia viva affronta no pensamento de desposar a filha de Ursini, e repugnava o casamento como indelevel mancha no seo nome dado á Rosina.

Angelo não tinha o orgulho que é culpa diante de Deos; tinha porém a honestidade e o brio que, ainda em seos mais exagerados escrupulos, honrão e distinguem os caracteres puros.

E nem erão exagerados os escrupulos de Angelo, regeitando Rosina — a *namoradaira*.

A donzella namoradaira está longe de ser uma mulher perdida; mas não póde pretender os fóros de senhora recatada.

E Rosina, victima da educação e da vaidade, levava seos namoros e sua inconsideração até o escandalo provocador de conjecturas nodoadoras...

Como porém explicar a ternura mimosa, indizível e indomita de Angelo por donzella assim tão desestimada?... É inutil procurar logica nesses

mysterios da sensibilidade ; aceita-se o facto sem explica-lo ; porque muitas vezes a verdade está no absurdo.

Em amor não se governa o coração : a vontade mais forte e absoluta poderá esmagá-lo, governá-lo não póde.

Angelo amava Rosina ; mas a grandeza da sua virtude e o imperio da sua razão, aliás por momentos vacillante, resistião admiraves aos impulsos vehementes do seo ardente affecto, e tinham já triumphado em duas provas arriscadas e desorientadoras.

Uma noute elle vira entrar na casa de sua tia a encantadora e deslumbrante Rosina, trazendo os cabellos e os vestidos da Eleonora da *visão do Tasso*, e formosa e branda, e feiticeira á inunda-lo de caricias medrosas e de melancolia queixosa...

Outra noute de horrivel tempestade elle a encontrou lá, chorando de medo, tremula, aterrada, quasi á cahir-lhe nos braços ao bramir dos trovões e á luz do raio... vio-a nos assaltos do susto procura-lo, e logo recuar, corando, olha-lo terna, soluçar, gemer, quasi desmaiar de pavor, e immediatamente depois, e de subito, aceitando a idéa de morrerem os dous juntos fulminados pelo

mesmo raio, vio-a serena fechar os olhos, deixar-se immovel, como livre do medo, e como á esperar... e talvez á desejar o raio...

Em ambas essas noutes de magia fascinadora, na noute da Eleonora copiada do seo quadro, na noute da tempestade, que fora de encantamento, de vertigem, quasi de perdição, Angelo foi tão forte, que poude fugir á Rosina...

Mas depois veio outra noute, a da conferencia, pedida pela mae da donzella amada...

Era impossivel recusar o convite...

Joanna estava só e assegurou mais de uma vez a ausencia de Rosina...

Joanna confessou os erros, e erão gravissimos os erros da filha ; mas deo sob juramento testemunho de que ella estava isenta de suspeitosa degradação, e de que amava enternecida, e apaixonadamente seo noivo resentido e esquivo...

O dever da franqueza á principio arrancára á Angelo negativa: cortez e comedida, era um golpe ; mas golpe dado com amor : a idéa de uma increpação injusta provocou protesto mais energico, e nelle a repulsa menos suave.

E o baque de um corpo respondeo á dureza da repulsa.

Era Rosina que ouvira tudo, e que desmaiava, escutando a sentença...

Angelo vio aquelle rosto de anjo que parecia sem vida, e assassinado por elle!...

Angelo amava Rosina!...

Angelo arrastado até a porta da rua por sua tia, teve de sahir empurrado, reprovado, condemnado, deixando Rosina entre a vida e a morte...

E elle amava Rosina!...

Angelo ficou na rua immovel e com ouvido na feichadura da porta que se trancara sobre elle...

Ouvio logo depois o grito doloroso de Joanna annunciador do segundo desmaio de Rosina...

O que soffreo então, foi horrivel...

Quiz bater á porta, e teve medo de *fazer ma'*, não bateo, e esperou...

Quando se espera assim, o tormento é desmedido, é dilacerador...

Emfim... ouvio palavras de consolação... de conforto... de esperanças...

Distinguiu a voz de sua tia. que pronunciára o seo nome...

Sentio ruido e passos: as senhoras sahião da alcova, e entravão na sala...

Respirou: Rosina sem duvida tornára á si, e podia andar...

Rosina vivia, estava salva!...

Mas Angelo escutou ainda...

Clotilde repetiu o seu nome, deixando entrever doce esperança á afilhada...

Oh!... e elle ouviu!... Rosina exclamou, chorando :

— Desgraçada!... elle me despreza!... está acabado tudo...

Angelo deu um passo para traz e levantou o braço para bater á porta... mas uma vez, tigem o fez titubar e apoiar-se á parede para não cair...

Deixando-se nessa posição alguns minutos, como em desalento, quando respirou mais livre o mancebo afastou-se abatido e obumbrado, primeiro andando vagaroso e hesitante, e logo depois com celeridade cada vez mais viva seguiu, correndo as ruas ás tontas e sem de signio nem consciencia.

II

Era mais de meia noite, quando Angelo se recolheu á sua casa, e apesar da fadiga que o prostrou no leito depois de algumas horas de marcha ora morosa, ora apressada, conforme á natureza dos sentimentos que occupavão successivamente sua alma, não pôde dormir.

Atormentava-o a idéa de haver offendido Rosina, atropelando o seo pudor, e o seo orgulho com a recusa mais positiva da sua mão, e com o desnecessario protesto da pureza de seos amores, humilhando cruelmente a donzella com a negativa honorificadora mais de si do que della, negativa da unica hypothese em que só por dever se sujeitaria á toma-la por esposa.

Atormentava-o sobre tudo a convicção, a certeza de que era amado pela mulher que adorava, de que a sua justa repulsa dilacerava o coração

dessa mulher, e quebrantava-lhe a vida, e todavia não lhe era possível esquecer a confissão franca, irrecusavel, insuspeita do procedimento indecoroso, e indesculpavel de Rosina, confissão feita á chorar pela propria mae de Rosina.

A situação era tanto mais dolorosa, quanto se mostrava mais clara e transparente.

O amante amado desejava duvidar e esbarrava com a evidencia das culpas de Rosina.

O amor queria perdoar, e o brio e a honestidade condemnavao.

O amante aceitava facil e pressuroso todas as seguranças de que Rosina não era indigna de ser noiva; mas a malediscencia, ou a simples suspeita maculavão o credito da *namoradaira* desatinada.

Angelo retorcia-se martyrisado em seo leito de espinhos.

Joanna tinha marcado em seo coração com um ferro em braza o registro das vergonhas de Rosina.

A todo momento elle via a sua bella adorada, a filha de Ursini adereçada com os brilhantes, com as joias que recebera de Ernesto, o velho casa do e rico, e imaginava-a passeando no jardim do *chalet*, que esse homem lhe doára, e contrahia-se

terrível, creando em seo animo excitado scenas de aviltantes condescendencias, de ignominiosas esperanças permittidas, de turvos beijos concedidos, de promessas dadas no proprio silencio escandaloso, precedendo, animando, provocando, quasi pedindo esses presentes de valor, que erão paga dos primeiros favores, e incentivo tolerado para o ganho do ultimo favor.

E tudo isso era horrível para Angelo.

Não era certamente detestavel como isso ; mas em seo nobre melindre Angelo não imaginava menos vilipendiosas as confuzões da donzella *namoradeira*, quando, já sua esposa, encontrasse, um depois de outro, dez ou vinte antigos apaixonados que guardassem della bilhetes de amor, lembranças de furtivos beijos, prendas e testemunhos de relações ternas, devaneios de moça solteira envergonhadores de sua condição de senhora casada, insensatas vaidades do passado, facilitando avanços injuriosos no futuro.

Todo esse imaginar devia ser tambem cruel para Rosina tão amorosa então de Angelo ; não ha porém na vida humana nem mesmo leves erros que fiquem impunes ; porque cada erro é uma causa, que produzindo suas consequencias, determina por isso mesmo punição.

O grave erro do vicio do namoro dá em resultado para as donzellas o seo castigo ou no celibato involuntario, duplice tormento da natureza e da vaidade, ou no casamento a incompleta confiança do marido, e seo abafado e incommodo constrangimento, quando conhece ou suspeita junto de sua esposa algum de seos namorados do tempo de solteira.

Rosina estava pois recebendo a sua justissima pena nos quadros sombrios de suas diversas e mais ou menos aggravadas culpas que a imaginação de Angelo creava sem calumniar, embora ás vezes exagêrasse as côres mais escuras é sevêras.

Mas o juiz era tambem extremoso amante, e tão facil sonhava Rosina enublada pelos turvos desvarios de sua nefasta vida de *namoradaira*, como prompto passava á contempla-la no horisonte branco e rosa do céo do seo amor.

Foi assim que Angelo passou o resto da noute, e nessa guerra profunda de sentimentos oppositos, guerra ainda mais violenta com as novas chammass que aticava a segura crença de ser amado, achou-se no dia seguinte em estado de viva e febril agitação.

Longas horas de forte cephalalgia, e abrazan-

te calor, e talvez delirio que passou ignorado no isolamento em que estava o mancebo, foram seguidas de grande prostração e, felizmente tambem, de somno reparador.

Angelo despertou abatido ; a febre não voltou ; a cabeça estava livre : só o corpo pedia descanso, e só o coração soffria, continuava á soffrer, como antes.

Angelo nem se lembrou de fazer chamar algum medico : houve um momento, em que pensou em Henrique ; mas immediatamente repugnou-lhe a idéa da presença ou da companhia do amigo.

Henrique tinha sido e era accusador de Rosina, e elle não toleraria mais que essa bella joven que o amava, fosse por alguém accusada em sua presença.

Angelo queria que sómente o seo resentimento ou a sua razão se pronunciasse contra Rosina ; porque tinha no coração advogado eloquente para defende-la. A sentença, elle não sabia bem se já a havia pronuciado ; mas em todo caso se presumia de bastante energico e ajuizado para lavra-la sem necessidade de accessor. Muitas vezes, nas series de suas reflexões, maldizia de Rosina ; o direito porém de maldizer

della, de censura-la, não o concedia mais á outrem. Em sua generosidade tinha-a muito poupado: em sua gratidão de homem amado desejava, e exigiria o respeito de todos, honrando a mulher formosa que o amava.

Angelo reteve-se encerrado em casa tres dias que não forão demais para o restabelecimento de suas forças, que a febre ardente de muitas horas gastára.

Ne tarde do terceiro dia Henrique veio ver o amigo, que o recebeu agradecido e affavel, porém melancolico.

Henrique não poude adivinhar a reacção perigosa que pertubara a saude e talvez houvesse ameaçado a vida de Angelo: este não julgou preciso informa-lo do que se passára.

Henrique era um bom amigo; chegava porém em hora inopportuna; cada vez mais convencido de que Rosina não merecia o coração de Angelo, teimava no proposito de trazer ao conhecimento deste quanto hia sabendo do procedimento equivoco da filha de Ursini para desvia-lo á tempo de um casamento infortunado: tinha na vespera desse dia verificado uma noticia que ouvira sem acreditar de leve, e tão grave era ella que, reconhecida por verdadeira, não suppôz licito á ami-

zade disfarça-la ou esconde-la á quem mais convinha conhece-la.

Mas essa noticia cruel já havia passado em misera cenfissão dos labios da mãe de Rosina para os ouvidos de Angelo: era a da falsa compra, a da doação do *chalet* feita por Ernesto á filha de Ursini.

Henrique chegava pois tarde e em má hora; não o podendo porém presumir, começou, como era seo costume, por gracejar com o amigo, e depois de muito zombar da sua habitual clausura, disse-lhe:

— Se não fosse essa maldita vocação para anachoreta, e se vivesses mais no seculo, como dizem os frades, estarias hoje espantado como eu...

— Porque ?...

— Materia de má lingua... tu esperas ser canonicado e por isso não te animas á morder na vida alheia; mas... se queres saber...

— O que ?...

— O que me espanta : ora... eu vou dizendo : é uma cousa... não é uma, são duas cousas assombrosas... a doudice de um velho rico apaixonado e a manha engraçada, o arдил num pouco ou mesmo muito atrevido, mas em todo caso

admiravelmente comico de uma rapariga namoradeira.

— Henrique, disse Angelo turbando-se; acho-me incommodado, triste, irritavel: os teos grajejos me fazem mal...

— Não; pelo contrario, far-te-ão rir, ou faze de conta que o negocio é serio e que me põe a cabeça á ferver... hypothese de ciumes... trata-se da mais descommunal travessura da filha de Ursini...

— Que !... ainda !...

Angelo levantou-se encolerisado; mas curioso, apesar seo, ancioso por saber que novo escandalo enegrecia a vida de Rosina, tomou ambas as mãos de Henrique, e sacudindo-as com força, exclamou :

— Dize ! dize !

Henrique pareceo não reparar na exacerbação do amigo, e continuou no mesmo tom, dizendo :

— Que rapariga de talento !... pois o demoninho arteiro não obrigou o pastrana do velho á fazer-lhe doação de um *chalet* que vale dez contos de réis ?...

Angelo susteve o seo desabrimento sob a influencia da mais mesquinha das consolações: respirou livre do peso do novo escandalo que chegara á suspeitar.

Henrique proseguio, fallando :

— Convenho em que o *chalet* seja testemunho feio ; mas é falso testemunho : é verdade que não se faz presente de uma casa com jardim et caetera, sem compensações presumiveis, ou pelo menos sem esperança segura, et caetera...

— Henrique!

— Ora ! não faças, nem julgues que eu faço máos juizos : olha : a filha de Ursini, sou capaz de jura-lo, metteo sómente a ponta do pé-sinho no laço, mas aquillo é peixe, que come a isca, e foga do anzol, isto é, fica-se com o *chalet*, e manda o velho bugiar.

Angelo disse com voz tremula e grave ;

— Henrique, eu não quero que continues á fallar nesse tom, nem sobre semelhante assumpto... pelos menos diante de min.

— Ah!... e porque?... perguntou Henrique como surprehido, e tornando-se igualmente serio.

Angelo respondeo.

— Prineiramente porque leve e indiscreto re-
petes uma calumnia...

— Calumnia !...

— Sim ; eu tenho conhecimento do facto á que te refferes : esse *chalet* não foi doação dê Er-

nesto... não foi ! comprou-o Ursini para a filha, com... pouco importa... com o fructo de suas economias, ou com avultada somma ganha em uma noute de jogo.

Henrique cravou no amigo um olhar cheio de compaixão.

Esse olhar foi como um algoz pondo em torturas Angelo que acabava de mentir, e que ainda mais impacientado e pungido pelas confusões da mentira, disse, afflictivamente compellido :

— E em segundo lugar, Henrique, eu não quero.

E carregou na palavra, repetindo-a :

— Não quero que continues á fallar nesse tom, e sobre esse assumpto... pelos menos em minha presença... porque... basta de fingimentos entre nós... eu sei e tu sabes que não ha duas Rosina... e eu não consinto mais que diante de mim menoscabes e insultes a senhora que... amei !...

Henrique levantou-se por sua vez da cadeira em que estava assentado, e offerecendo a mão ao amigo, disse-lhe triste, mas sem resentimento :

— Angelo ! não tive a idea de offender-te ; se porém te offendi, perdoa-me !...

Angelo abraçou Henrique.

Quando, depois de alguns momentos, os dois amigos tornarão á sentar-se em frente um do outro, Henrique levou á considerar em silencio Angelo por longo tempo, e em fim perguntou-lhe:

— E tu vás casar-te?... estás resolvido á casar *com ella*?...

A pergunta era imprudente, e a voz que a fizera, levára uma entonação involuntaria, instinctiva, e irreflectida, que indicava exprobração ao homem de brio.

Angelo gemeo ao golpe que recebera, e respondeo com viveza e azedume:

— Não! não!... não vou casar *com ella*! mas que te importa?... supponhamos!... oh! Henrique!... parece que és... porque és inimigo jurado de uma pobre mulher?... vês bem... isso não é digno de um homem, não é! não é! digo-te que não me casarei com ella... não!... mas... de uma vez para sempre, Henrique, eu quero... eu te peço que não desrespeites a... filha de Ursini... sagrada pelo meo... ah!... e pelo seo amor' desgraçado!...

Henrique vio claramente que grande abalo eclipsava a luz da razão de Angelo e que em taes circumstancias era perdido o conselho da amizade.

— Angelo! disse elle; toma o *paletot* e o chapéo: vamos passear... precisas faze-lo... vamos! prometto não tornar á fallar-te de D. Rosina...

— Não; tornou-lhe Angelo; melhor do que passear... deixa-me só... é quasi noute... irei ver minha tia...

— Pois bem; eu te deixo; mas amanhã voltarei para certificar-me de que não estás mal comigo.

Angelo deo a mão á Henrique. sorrin-lo-lhe tristemente, como quem forçava o sorriso.

III

No coração do homem, como no da mulher, o amor por qualquer motivo contrariado tem caprichos, inconsequencias, e desconcertos de razão que difficilmente comprehenderá quem não os tiver alguma vez experimentado.

Henrique não tinha sabido fallar á alma apaixonada e confrangida do amigo, talvez porque ignorasse os affectos diversos que a estão tumultuando.

Angelo não precisava de quem accusasse Rosina; precisava de quem a defendesse para provoca-lo á acusa-la. Achava-se em situação anomala, molesta, irascivel, desgostosa, que o impellia á contrariedade, e á opposição: amava e não queria amar: devião dizer-lhe que amasse, que não despresasse Rosina, devião bradar-lhe que ella era digna de ser sua esposa para que elle, estimulado e vehemente, se levantasse con-

tra o conselho e dêsse expansão ás suas queixas, e o levasse á increpar á amada ainda que fosse para desafiar e ouvir sua defeza.

Mas Henrique, accusando Rosina, ulcerou o seo amor, excitou facilmente certa grandiosa piedade, que é ainda em tal caso subtil disfarce do amor.

Angelo sentio-se assanhado contra essa hostilidade gratuita, e essa guerra cruel de maldicencia e diffamação de que era victima uma pobre moça, que nem ao menos podia fazer ouvir a sua voz, explicando suas acções e protestando por sua innocencia.

Que empenho era esse de ultrajar com venenosa murmuração, de desacreditar, de infelicitar uma donzella, que, se fazia mal, era sómente á si propria ?...

Angelo esqueceo que no proceder de Henrique havia o interesse da amisade que o dirigia á avisa-lo prudentemente dos precedentes suspeitos da mulher que elle amava: em sua exarcebção vio senão maldade, ao menos espirito detractor, mordacidade rude e repugnante nas informações satyricas do amigo, de cuja intimidade se arrependeo em horas de desculpavel ingratição.

Aborrecido da visita de Henrique, indignado de ouvir tanto maldizer de Rosina, Angelo, apenas anoiteceo, encaminhou-se para casa de sua tia. Não levava a esperança, nem mesmo o receio de encontrar-se com a pobre noiva regeitada: estava certo de que o pejo, o decoro, e talvez o odio da donzella por elle menoscabada negar-lhe-ião por muito tempo todas as occasiões de se achar em sua presença; contava porém consolar-se, escutando á Clotilde juizos mais doces e favoraveis sobre a formosa e infeliz afillhada; contava com o suave rallar da tia, que muitas vezes já advogara debalde a causa da sua amada repellida.

De caminhar o amoroso mancebo ternamente apiedado de Rosina, pensando sómente nella, sentia-se ás vezes prestes á perdoar-lhe todos os erros; mas de subito, lembrando as joias, os brilhantes, o *chalet*, presentes malvados e ignominiosos do velho Ernesto, considerando que esses infamantes donativos, se não provavão deshonra, provavão ao menos escandaloso ardil de ambição vilipendiosa, apressava phrenetico os passos, avido de chegar á casa de sua tia, de accusar e de ouvir defender ainda mesmo sophistica e absurdamente a tresloucada filha de Ursini.

Mas tudo tinha então de sahir ao avesso do que Angelo almejava.

Clotilde nem ralhou com o sobrinho, nem foi a primeira á fallar-lhe de Rosina.

A viuva de Graciano tinha amado muito, soffrido muito por amar antes de conseguir ser esposa do seo primeiro e unico amado na terra; era pois, além de mulher, mais experiente do que Henrique.

Clotilde não fallou de Rosina ao sobrinho.

Angelo teve de resignar-se no fim de uma hora á interrogar a tia sobre a saude... e depois sobre ás idéas e ás disposições da *senhora*, á quem... talvez... *offendera*.

Clotilde respondeo friamente :

— É mais prudente não pensar em minha afilhada... eu a julgava capaz de felicitar a tua vida... ainda a considero honesta, embora leviana, como tantas outras moças da sua idade; é honesta, é... eu tenho certeza disso; mas... esqueçamo-la...

Angelo admirado do que ouvia á Clotilde, disse-lhe, hesitando :

— Mas... porque esquece-la assim?... *minha tia!*... ha sensível mudança nos seus sentimentos por sua afilhada...

— Ha ; tornou-lhe a tia ; tu a offendeste muito, regeitando-a... com demasiada rudeza...

— Eu não sabia que ella me me escutava...

— Embora... ella te ouviu, e cumpria-lhe mostrar-se mais digna... mais altiva... mais senhora...

— Oh !... Rosina... então...

— Consternou-se... abateo-se... não é bonito... não é bom signal : em taes casos uma senhora deve ser orgulhosa ou ao menos mais nobre... a sua consternação avilta-a no meo entender : eu quizera que elle te detestasse... e ao contrario... é a ultrajada que chora ! isso não é de senhora ! não te desejo por esposa quem tanto se prostra ! foi por isso que mudei de sentimentos. Tratemos de outro assumpto...

Clotilde vibrava a corda mais sensivel do coração do sobrinho.

Angelo exclamou :

— Mas eu não quizera martyrisar sua afilhada !... não !... seos soffrimentos me causão remorsos... ella deve odiar-me !...

— Deve ; mas ama-te : é isso que me faz duvidar de sua virtude... creio hoje que procedeste bem, regeitando-a...

— Não ! neste ponto minha tia é severa de mais...

— Ha conveniencias, deveres de decóro, obrigações de brio ou de orgulho, que uma donzella tem de zelar, ou que se amesquinha, se os não zela... senhora que não sabe dominar sua paixão, não póde ser nobre esposa...

Como Henrique, Clotilde accusava Rosina: mas accusava-a de modo que era defeza arrebatadora para Angelo.

E Angelo perdia-se levado habilmente pela tia que era mulher e que tinha amado muito para conhecer bem todos os melindres e todas as fraquezas do amor.

— Esqueçamos de uma vez o que se passou comtigo e minha afilhada; pelo menos devo e quero esquece-lo eu, que mais de uma vez me empenhei em combater a desestima em que a tinhas, chegando á aconselhar-te que com ella te casasses...

— Ah!... é que agora me aconselharia o contrario! disse Angelo com visivel displicencia.

— Eu!... respondeo Clotilde serenamente; eu não te daria mais conselho algum... se mudasses de resolução, eu lavaria as mãos, como Pilatos...

— Minha tia, semelhante indifferença seria inexplicavel, tratando-se de seo sobrinho!...

— Como, se eu já me expliquei bastante!...

— Não me parece verosimil que D. Rosina perdesse a confiança de sua madrinha pelo simples facto de continuar á amar-me, apesar de rejeitada por mim...

— Tens pois em tão pouco o pundonor de uma senhora ?...

— Oh!... não se vence e se domina o amor tão facilmente: aqui estou eu que soffro muito por amar sua afilhada, e todavia ainda a amo!...

— Sim; mas tu, por escrupulos que aliás julguei excessivos, soubeste suffocar a tua paixão, e negar-te á desposar minha afilhada! eu queria que ella se ostentasse briosa, como tu te mostraste.

— Não, minha tia; disse Angelo meio confundido pela observação de Clotilde; não! vossa mercê me esconde algum segredo tão desabonador de D. Rosina, que a obrigou á fazer della conceito bem differente do que fazia.

Clotilde pareceo impacientar-se ligeiramente.

— Que segredo!... nada sei que não saibas já: alem disso, porque te esconderia o que mais tarde a murmuração dos maldizentes te diria, e quando difinitivamente rompestes todos os laços que podião ligar-te á Rosina?

— Minha tia!... então... perdoe-me... a se-

verdade com que está agora julgando sua afilhada é demasiado cruel !...

— É a tua, quando a feriste com o teu desprezo ?... é singular !... Angelo ! que te importa mais Rosina ?... não a quizesse por esposa : é teu dever de honra julga-la morta, não pronunciar o seu nome... e conceder-lhe extremo tributo de respeito no absoluto olvido do passado, e até da sua pessoa.

— É impossível !... exclamou Angelo ; eu amo sempre !...

— Queres casar com Rosina ?...

— Ah !... não devo !... não posso !... o mundo é um algoz inexorável !...

— Em tal caso o teu amor é ultrage flagrante e continuo, porque sómente dá testemunho da indignidade e do descredito da amada.

— Minha tia me increpa, e me desespera !... tornou Angelo á exclamar.

— Não ; eu apenas te lamento : hoje é a Rosina que arguo, e não posso esquivar-me á condemná-la. Depois da noute de tua conferencia, com a minha comadre tu devias honrar a mulher que te amava e que desprezaste, poupando-a á vergonha das confissões do teu amor que ainda mais a degrada, porque amando-a tanto, repu-

taste aviltamento desposa-la ; e ella devia ter em horror o homem que tão franco e decididamente a marcára com o ferrete da reprovação.

O que Clotilde acabava de dizer parecia tão razoavel e justo que Angelo, repassado de dor, murmurou á custo :

— Que demonio fui!...

Clotilde proseguio, dizendo com frieza e naturalidade :

— Pensando assim, Angelo, eu entendi que tudo, absolutamente tudo estava acabado entre voces dous... e por mim, digo-te, que semelhante assumpto não me ha de occupar mais... repugna-me tanto esse teo amor por minha afilhada, como a humilhação indecorosa, e a paixão desbriosa que ella não tem pejo de manifestar em pranto vil.

— Ah, minha tia!... é demais!... disse Angelo que á largos tragões bebia veneno nas palavras pungentes de Clotilde.

— Pela minha parte, continuou esta impassivel, não quero mais saber disto... não quero! probibo-te tornar á fallar-me de Rosina... e quanto á esta ama-la-ei como afilhada ; mas hei de faze-la ouvir, o que seos paés não lhe dizem...

— Mas então... todos á perseguem e á marty-

risão !... não ha piedade nem consolação para uma pobre e desgraçada moça?... perguntou Angelo com vehemencia.

Clotilde encolheu os hombros com expressão de indifferença e disse :

— Voces fizeram ponto final; não admitto reticencias que me fazem corar. Angelo ! alli tens a prova do que digo...

E apontou para a mesa, onde se achava um pequeno embrulho fechado e lacrado zelosamente.

— Aquillo... Rosina mandou-me pedir que te remetteste ou que te entregasse : não fiz uma cousa, nem faço outra... não te remetti, nem te entrego... não sei nem me importa saber o que seja...

Angelo ! tinha-se levantado e dirigido á mesa.

— Angelo ! disse Clotilde ; isso é teo... podes levar, se quizeres, o que te mandarão... mas não abras aqui... isso que te mandarão... e que eu não te remetti, nem quero saber o que seja... poupa-me ! leva o que veio para ti, e que por tanto te pertence... mas não me faças tua confidente... não quero se-lo !... tu e Rosina procedeis mal !...

Angelo que começara á abrir o embrulho de

papel lacrado, conteve-se á voz severa de sua tia ; mas pouco, ou antes logo depois despedio-se e sahio devorado pela febre de inflammada curiosidade.

Ao ve-lo deixa-la tão pressuroso e fervente, Clotilde suspirou, e disse consigo mesma :

— Coitadinhos ! amão-se ambos muito ! Deos os aproxime, os ligue, e os abençoe!...

IV

Os primeiros passos na carreira do vicio são morosos, mas pouco e pouco tomão celeridade que se torna em desenfreamento phrenetico.

Nesse correr arrebatado que lembra o cavallo de Mazeppa o homem corrompido que se lança precipite para a perversão, vae deixando pelo caminho da sua vida os restos perdidos do que melhor possuia, primeiro as instinctivas noções do bem e do dever, depois o brio, e o respeito á sociedade, logo o amor da familia e os principios da religião, emfim a consciencia calejada; que parece cahir e desfazer-se, como a folha secca de arvore apodrecida. Então o que sómente fica ao miseravel é esse torpe desprezo da reprovação dos seus actos que é a petulancia, o descaramento do vicio já perverso.

Propicio estava nesse caso. A sua muito adiantada desmoralisação mal se tinha manifestado fóra de infimos bilhares, de companhias repugnantes, e de orgias em despresiveis bordeis; mas o mancebo pobre, ocioso, e sem educação que devia tornar-se féra pela perversão do vicio, sahira por fim daquelles antros obscuros.

Em phrenetico assanho para empolgar as joias e o *chalet* que Rosina já possuia e o dote que Ernesto lhe garantia, Propicio estimulado pela resistencia e obstaculos invenciveis que encontrava no desdem insultuoso da sobrinha, na desestima de Joanna, e no antigo aborrecimento em que o tinha Ursini, apurou todo o poder de suas faculdades malignas para preparar a traição, e a sua infame e despresivel victoria.

Contava com Ernesto, o seductor ludibriado, cujos olhos abrira, e que convencido da irrisão em que o havião trazido, aspirando vingança, e sempre apaixonado de Rosina, deixava-se guiar pelo seo novo e interessado amigo, ou socio, que lhe promettia a vingança com a posse da ardilosa e falsaria namoradeira.

Tolerado por Ursini em frias relações impostas por Ernesto, que tambem de sua parte já procurava enganar o fermentido e vil pae de Rosina,

Propicio humilde e baixo declarou-se prompto á obedecer em tudo ao cunhado, e ainda mesmo contra o velho seductor, e affectava não sentir a desconfiança, com que elle o ouvia, e lhe fallava sempre conforme os seus ajustes com o compadre.

Obediente ao mesquinho trama urdido por Ernesto para illudir sua esposa, escrevera á Amelia, espantando-a com a subita mudança de seos sentimentos, sem convence-la de suas improvisadas ligações com uma pretendida viuva de quem hia ser noivo, e antes aggravando-lhe as suspeitas da infidelidade do marido.

Finalmente no seio da propria familia Propicio mostrava-se timidamente amoroso, triste, e soffredor diante de Rosina, submisso e apenas de leve agastado com Joanna, que o tratava muito menos carinhosa.

Tanto despende de hypocrisia cansava muito sua natureza brutal ; não o ciume, mas a raiva que lhe acendia o amor de Rosina e de Angelo, amor que contrastava seos projectos de ambição, e tambem destruia toda a esperança de sua flamma lasciva, o obrigava á perder horas em espreita, e combinações de espionagem para inteirar-se dos passos, do viver da sobrinha, de

suas conversações com Joanna, e emfim de suas relações com o joven pintor; Propicio porém vingava-se, consumindo as noutes no deboche com a vertiginosa animação que lhe dava o dinheiro que então mais do que d'antes abundava em seo bolso.

Todavia andava preocupado e sombrio, como quem esconde na mente a enfezada premeditação de algum crime; mas na companhia dos socios de livre, e viciosa vida disfarçava o parecer alterado. e ostentava alegria.

Por vezes lhe repettião aquelles que o admiravão garbosamente endinheirado:

— Propicio descobrio a mina do conde de Monte Christo!

— Acertou com o subterraneo do monte do Castello, onde os Jesuitas deixarão escondidas as suas riquezas!...

— É isso ou cousa que o valha: respondia elle.

— Ensina-nos o caminho!

— Não caio nessa! tinha quasi sempre respondido Propicio.

Mas no fim de alguns dias elle fez jactancia da sua fortuna, e disse com ar serio:

— Rompo o segredo: vou casar-me, palavra

de honra!... achei uma viuva rica que morre de amores por mim, e que alenta a minha constancia, deixando-me escorregar o dote ainda antes do casamento...

— E casas-te devéras?... na igreja?...

— Palavra de honra! é questão de semanas; a viuvinha tem de seo... é mina inexgotavel... e formosa á matar!

Propicio mentia: o ouro que gastava vinha-lhe de Ernesto, o velho insensato, que em phrenesi de paixão, pagava-lhe as promessas da entrega, ou da traiçoeira venda da sobrinha.

Entre os dous corruptos, entre o velho rico e libidinoso e o mancebo pobre e pervertido havia um contracto de infamia que deshonorava ambos e que se firmava no violento sacrificio de Rosina.

Propicio calculava com toda a hediondez da perversidade consummada e com toda a abjecção de uma natureza apodrecida: queria a sobrinha tão maculada, opprobriosa, e atirada no abysmo do desprezo publico que nenhuma esperança lhe ficasse de achar em Angelo a dedicação heroica de compartilhar sua degradação moral, casando-se com ella, e ainda menos de encontrar outro homem de algum merecimento e aceito

pela sociedade que se submettesse pelo casamento ao contagio certo da sua ignominia. Elle a queria reduzir á dissimular sua extrema vergonha com o nome de um marido comprado pelo seo dote.

Propicio sabia que não era difficil a acquisição de um noivo por semelhante preço desde que o procurassem nas turmas dos depravados e especuladores ignobeis; Ernesto porém lhe dera seguranças de sua protecção, e de exigir como condição do dote de Rosina o casamento della com o tio, que em tal hypothese contava ter de seo lado Ursini ambicioso e prompto á negociar com elle.

Mas Rosina?... em seo desespero a victima fecharia os olhos, e, repellida por Angelo, aceitaría qualquer, e ainda mesmo o tio para marido, vendo no casamento a unica apparencia possivel de reparação.

Pelo menos Propicio pensava assim.

Todo isto é repugnante e horrivel; mas tudo isto mostra até que ponto póde descer, degradar-se, empestar-se o homem que entra pela porta da ociosidade nos antros e nos lenteiros dos vicios.

Propicio é mais do que um homem pervertido; é uma lição.

Instigado pela sua idéa então predominante de *enriquecer* á custa da deshonra de Rosina, frequentava assiduo o escriptorio de Ernesto para inteira-lo e inteirar-se do que se passava, em quanto preparava o seo plano malvado, e dispunha os meios praticos de executa-lo sem perigo.

Como de outras vezes, um dia, e á hora marcada Propicio entrou no escriptorio de Ernesto, e foi com este encerrar-se na sala interior, onde ambos tinham conferenciado á primeira vez.

Sentarão-se os dous muito perto um do outro e fallarão á meia voz.

— Que ha de novo?... perguntou Ernesto.

— Muito e nada, senhor commendador; disse Propicio; minha bella sobrinha continua á chorar, e á segredar-se em longas conversações com a mae...

— A comadre é uma inimiga implacavel!... creio que senão fosse ella...

— Qual! Joanna é quasi nescia! nasceo com falha na cabeça, e coração do tamanho assim...

E marcando com as mãos as grandes proporções que dizia ter o coração da irmã, Propicio accrescentou:

— V. Ex. bem vê que com esse monstro no

peito a cabeça não governa. Joanna é minha irmã; mas não lhe dou um vintem pelo juizo.

— E porque chora D. Rosina?...

— Sabe-lo com certeza não sei; mas desconfio de *ciumada* e briga com o *pinta-micos*.

— Como elle pinta, eu sei!... disse Ernesto, suspirando ao lembrar-se do quadro da *visão de Tasso*.

Propicio continuou:

— Ante hontem ella escreveu de manhã, tendo antes trancado a porta do quarto... escreveu sem duvida uma carta...

— Ah!... e a carta?...

— Qu'esperança! aquillo é peixe que caia em anzol?... palavra de honra! é passada por India e Mina o peixão de minha sobrinha! quando sahio do quarto entregou á mae...

— A carta?...

— Mais do que isso, um embrulho de papel muito bem lacrado... o que era?... estou á ver navios, palavra de honra!...

— E sua irmã?..,

— A noutinha sahio com a ama do afilhado de V. Ex., e levou o embrulho á abelha mestra, madrinha de Rosina, e tia do *pinta-micos*.

— E D. Rosina só em casa... que fez?...

— Não sei ; porque fiquei sem olhos.

— Como ?...

— Joanna fez-se acompanhar da escrava, ama do pequeno, e portanto noute escura, como a cara da negra.

— Mas na casa da madrinha de D. Rosina ?...

— Duas velhas á fallarem-se com as bocas nos ouvidos e a negra á escutar sem ouvir ! palavra de honra, excellentissimo ! a negra come dinheiro ; mas desta vez não deo de si.

— E... esse Angelo ?...

— Não foi á casa da tia : está doente... passou um dia com febre e delirio... e no delirio fallou em Rosina, em Ernesto, dando saltos na cama, que parecia endemoninhado...

— Como soube disso ?...

— O *pinta-micos* tem um escravo, o seo fiel : o diabo do negro tambem come dinheiro á derrotar-me !...

— Não importa : vá gastando... E que mais sabe ?...

— Nada. E vossa excellencia ?...

— Ainda não vi D. Rosina : o meo compadre Ursini tem me contado vinte mil historias, e jura que a filha chora doudamente por mim,

que me adora, e que em delirante luta com os ultimos, sempre os ultimos, assaltos de sua virtude, ora pragueja contra o seo amado, ora me chama ingrato, infiel, esquecido e barbaro...

— Que diabo de italiano!... aquillo sempre é gente que vende santos!...

— Ah!... mas sua sobrinha é ainda mais cruel e fatal!...

E o velho lascivo, apaixonado, e estolido suspirou, como exhalando a alma enternecida e captiva.

Propicio teria em outras circumstancias disparado estrepitosa gargalhada em resposta áquelle sentimentalismo de namorado sexagenario; mas então no seo interesse guardou a seriedade exigida pelo respeito que devia mostrar ao velho, e ficou, olhando para o chão, como quem nada mais tinha á dizer.

Depois de algum tempo de silencio, Ernesto perguntou :

— E o mais?...

— Tudo bem pensado, bem disposto, e já arranjado com segurança e segredo.

— Sabe que sou casado... que devo zelar o meo nome... que...

— Sei tudo, excellentissimo : ha por fim de

contas no meu plano de campanha sempre uma entrosga para homem casado... é a seducção ou cousa que o valha da rapariga; mas essa entrosga era o pensamento e a tentação de vossa excellencia... e não se pode prescindir do essencial...

Propicio fallava com inaudito despejo

Ernesto insistio, dizendo :

— Mas o escandalo publico ?... era disso que me preocupava...

— Está livre delle: haveria por certo escandalo publico, se o filante de meo cunhado pudesse lucrar com a polvorosa; porém vossa excellencia tem a escapula do codigo criminal; porque a bicha já conta maioridade legal para se deitar á perder.

— Ainda assim... receio...

— Receie só que a menina chore muito aos seos olhos, e ás escondidas de todos, e que Ursini o persiga pelo dote...

— Todavia mais alguém terá o meo... o nosso segredo...

— Nem era possivel de outro modo... não se póde jogar o embarque sem parceiros, nem carambolar sem tres bolas...

— Emfim !... é preciso... é inevitavel !... eu quero !...

— Basta vossa excellencia querer, e responder-me pela condescendencia, ou obediencia de meo cunhado...

— Em que?...

— Já o disse á vossa excellencia: é indispensavel que Ursini leve a filha ao baile de mascaras no domingo de carnaval e que ambos aceitem a cea offerecida pelo excellentissimo...

— Com seo cunhado a questão resolve-se facilmente á dinheiro dado sob qualquer pretexto; mas Rosina?... ah!... ella nem mais se presta á zombar de mim!...

— Queira o pae que a filha vá ao baile e á cea, que ha de achar traça para leva-la consigo. Eu conheço aquelle malasartes, como o meo taco do bilhar.

— Abrirei a bolsa á Ursini; disse Ernesto...

— Favas contadas. Pelo mais respondo eu.

— Está bem seguro?...

— Segurissimo. M^{me} Fortunata, ou como a chamão, M^{me} Fortuna obriga-se á não receber outros hospedes nessa noute, bem entendido, pagos os prejuizos conforme o preço que ajustei...

— Isso é justo... não ha duvida...

— Estaremos sós... a casa é de sobrado... e a cea não será certamente na sala da frente... o que aliás pouco importava...

— Mas Ursini conhece essa mulher, cuja casa é de má fama...

— Explica-se tudo, ou nada se explicará; porque meo cunhado confia muito em si para recuar diante da porta de M^{me} Fortuna... além disso... conhece-a elle?... o maldido italiano tem todos os vícios, menos o de libertino... para não gastar. Aposto que se tem ouvido fallar em M^{me} Fortuna, não lhe sabe a casa.

— E se souber?...

— É o mesmo: M^{me} Fortuna presta sua casa para jantares e ceas, como os hoteis o fazem, e o excellentissimo dirá que não querendo expôr a bella Rosina ao concurso dos hoteis extraordinario e desordenado em noutes de carnaval, pagou por discripção e decóro...

— Bem... já sei: isso é explicação que fica por minha conta... entretanto Ursini, se conhece essa mulher, desconfiará...

— Que desconfie! á mesa da cea apparecerá uma garrafa de *lacrima-christi* verdadeiro... puro... que diabo!... eu nunca provei esse vinho; mas o lazaroni de meu cunhado enche tanto a boca com o *lacrima-christi*!... escolhi-o por isso...

— Ah!... eis o que mais temo!... eis o que

me atormenta a consciencia!... Sr. Propicio, eu não quero ser cúmplice em... dous envenenamentos! não... isso não!

Propicio poz-se á rir e disse :

— Não se amofine, excellentissimo; eu sei marcar a dóze e tenho practica : travessuras de pagode!... já por vezes fiz folia e triumphei de demonios ariscos, obrigando-os á dormir com vinho de Lisboa comprado na venda da esquina... agora o somno ha de ser mais doce, porque fechará os olhos, e entorpecerá a consciencia com a fidalguia do *lacrima-christi*. Que diabo!... ainda desta vez não o provarei!... pois tenho vontade!...

— Uma proposição! disse Ernesto; dar-lhe-ei hoje duas garrafas do melhor *lacrima-christi* que se póde encontrar no Rio de Janeiro: o senhor beberá uma á sua vontade...

— Aceito... e a outra?...

— Fará com ella em seos amigos, ou em qualquer das suas camaradas... amantes... a experiencia do narcotico...

— Duas experiencias... com elles, e com alguma dellas... palavra de honra que o farei para pagodear; porque para experimentar é velho...

— Promette-o?

— Palavra de hora, excellentissimo !...

Nesse momento soarão passos pezados pelo corredor, como alguém que vinha, preannunciando-se com ruido calculado.

Ernesto e Propicio calarão-se.

Um empregado do escritorio dice antes de apparecer á porta.

— Precizo fallar ao senhor commendador.

— Entre.

Um joven escriturario mostrou-se, e logo da porta deo o seu recado.

— Um senhor de boas maneiras cansado de esperar insta para ser ouvido em negocio delicado pelo senhor commendador.

— Quem é?... não dice o seu nome ?...

O escriturario, avançando, apresentou ao amo um bilhete assetinado de vizita, ou de indicação pessoal.

Ernesto leo o nome, e exclamou sorprendido :

— Angelo !...

Immediatamente dissimulando a surpresa, disse ao seu empregado :

— Conduza-o para esta sala.

O joven escriturario sahio.

Ernesto voltou-se para Propicio, e disse talvez um pouco apprehensivo :

— É Angelo !.. é elle !.. que quererá ?..

E apontando para um pequeno quarto que havia no fundo da sala, accrescentou, falando á Propicio :

— Esconda-se ali.... para ouvi-lo...

Propicio tomou o chapéo e escondeo-se no quarto, cuja porta cerrou.

Ernesto não podendo advinhar o objecto da vizita de Angelo, sentio como receios vagos despertados pela consciencia, e dava graças á sua fortuna que em cazo de necessidade lhe assegurava prompto auxiliar em Propicio.

Angelo aproximava-se, e hia entrar na sala.

Ernesto compoz sua phisionomia e esperou com os olhos fitos na porta.

V

Ao primeiro passo que deo, entrando na sala, Angelo parou, e com simples e grave movimento de cabeça cumprimentou á Ernesto que se levantára para recebe-lo, e que inclinándose polidamente, e convidando-o á sentar-se, esperou que elle o fizesse para quasi ao mesmo tempo faze-lo tambem.

— Ás ordens de V. S. : disse o velho millionario com agradavel sorriso.

Angelo se apresentára trazendo no brilho dos olhos e no rubor anormal das faces viva animação febril; mas empallideceo immediatamente e ficou com os labios brancos e resicados, como se todo o seo sangue refluisse para o coração, ou porque a presença de Ernesto o abalasse profunda e terrivelmente, ou porque a serena urbanidade com que o seo rico e portanto poderoso rival o acolhia, lhe

parecesse cortezia ironica, e menoscabo dissimulado.

Isso e tudo mais era possivel em quem trazia o espirito cheio de prevenções, de ciumes, e de abafada ira : o certo é que o joven pintor descorára e sem poder fallar manteue com tudo os olhos firmes no rosto de Ernesto.

Havia evidente inconveniencia nesse olhar e nesse silencio impertinentes ; mas o velho millionario fingio não reparar naquella estranha attitude, e repettio no fim de alguns momentos tam tranquillo e affavel como antes :

— Estou ás ordens de V. S.

Angelo fez um movimento, e corou de novo fortemente, revoltado contra si mesmo por indiciar-se abatido ou fraco diante daquelle homem que ouzára pretender seduzir á sua amada, chegando á obscurecer sua reputação de donzella honesta.

Este assomo de orgulho desprendeo de prompto a voz penda pela indignação ou por influencia de explicaveis phenomenos nervosos.

Angelo fallou, constrangendo-se, para não mostrar nem exaltação, nem acerbidade.

— Senhor commendador, incommodei-o, vindo tomar-lhe tempo, e talvez... affligil-o, porque

era força que eu cumprisse uma missão... melindrosa...

— Ah !... traz uma comissão ?... e de quem ?... e para que ?...

— Mais por V. Ex. do que por mim convém que eu a desempenhe em segredo...

Ernesto olhou instinctivamente para a porta do quarto, onde estava Propicio.

Angelo não perdeu esse olhar irreflectido; mas accrescentou logo :

— Tinhão-me dito que V. Ex. se achava acompanhado...

— Sim; disse Ernesto; fiz porém retirar-se para outra sala o amigo com quem conversava... e que ainda me espera lá dentro... póde fallar sem receio...

— Oh !... não tenho receio algum.

— Eu estava certo disso : mas... em todo caso estamos sós... bem sós.

Angelo não hesitou, e disse com voz á principio levemente tremula, não de temor ou confusão, porém de concentrada colera.

— Senhor commendador... será grato á nós ambos... não gastar palavras inuteis... desejamos com igual fervor despedir-nos um do outro.

— Ah !... perdão...

— Não percamos tempo. V. Ex., senhor commendador, amou, e tentou seduzir uma donzella... a filha do italiano Ursini...

— Sr. Angelo !...

— E nesse empenho, que não trago á peito qualificar... V. Ex. explorou a ambição de Ursini, e a vaidade da donzella, fazendo multiplicados presentes de joias de valor, e por ultimo a doação de um *chalet* á infeliz joven, cujo nome e credito assim nodou...

Ernesto pallido de raiva e de medo, volvia os olhos da porta do quarto para o rosto de Angelo.

— E com que direito, exclamou elle enfim, vem o senhor e em tom semelhante tomar-me contas do que não desço á negar-lhe, nem á confessar-lhe ?...

Angelo vingou-se dos amaveis sorrisos com que Ernesto o recebera, sorrindo então por sua vez placida, suave, ironicamente, mas com um circulo amarello em torno da boca, que no riso mostrava demais os dentes brancos : á sorrir assim e com insolente doçura de voz, de que ninguem até aquella hora o teria julgado capaz, elle respondeo :

— Senhor commendador, tranquillise-se :

precisamos ambos de paciência... e serenidade para chegar ao fim...

— Mas com que direito...

— É o caso da minha commissão...

— Commissão !...

— Sim, senhor commendador, e commissão da mais honrosa e plena confiança, o que é o mesmo que dizer que hei de cumpri-la á todo trance...

— É uma ameaça ?... perguntou Ernesto com os olhos na porta do quarto.

— É uma simples e ingenua declaração de quem sabe cumprir o seo dever.

— Tenha a boudade de explicar-se; disse Ernesto, indo sentar-se á sua meza de escrever, onde lhe ficava á mão a campainha.

Angelo arrastou a sua cadeira para perto da meza, e sentando-se, proseguio, dizendo :

— Senhor commendador, a joven senhora demasiado e extraordinariamente presenteada, abrio por fim os olhos, e vendo em tantas joias e na doação do *chalet* testemunhos inequivocos da mais... da mais... eu me contenho em respeito á V. Ex... da mais patente tentativa de seducção... alvoraçou-se com razão...

— Só agora !... é singular !... observou com sarcastico riso o velho enfurecido.

Angelo mordeu o labio inferior com esforço convulsivo, e disse, tremendo-lhe a voz :

— Eu tenho... a honra... de prevenir á V. Ex. de que... não estou autorizado... á ouvir... a menor allusão... injuriosa... á senhora, por quem venho aqui...

— Ah !... ella o mandou ?...

— Exactamente, mandou-me, senhor commendador !... e por tanto... é claro, que V. Ex. não me offenderá, offendendo-a !...

— Offende-la !... é uma senhora, e eu sou um cavalheiro que não precisa de lições para saber devidamente respeita-la.

— Ainda bem... disse Angelo.

— Mas... essa senhora tem pae... mãe... e tio...

— O que não é da minha conta ; respondeo Angelo.

— O que é pois da conta de V. S. ?...

— O cumprimento zeloso da minha commissão. Qualquer que fosse o motivo, essa donzella me honrou de preferencia com a sua confiança e me incumbio de vir entregar, ou antes restituir á V. Ex. o que ella em seu despreso e dignissima repulsão não póde e não quer guardar...

E Angelo indo ao seu chapéo, tirou de dentro delle um embrulho de papel, e veio lançar sobre a meza e á face de Ernesto, brincos, braceletes, anneis, e um diadema de brilhantes, um relógio de ouro e quantas joias o velho namorado tinha dado á Rosina. Erão todas, tanto as mais modestas como as de maior valor.

Ernesto ficára confundido e desvariado de ciúme e de desespero.

Angelo continuou á fallar:

— Eu contava com a contrariedade e desgosto de V Ex., e calculei não menos com a economia do meo tempo que consagro ao trabalho; preparei por isso uma nota das joias de que faço entrega, e que V Ex. me fará a graça de assignar, declarando-as recebidas: isto é um direito meo, que não póde offender á V Ex...

E tirando do bolso uma folha de papel, apresentou-a á Ernesto, dizendo-lhe:

— V. Ex. combinando a nota com as joias...

O velho millionario primeira vez em sua vida assim ludibriado e deprimido, murmurou como em rouco gemido:

— Não preciso combinar...

E tomando uma penna escreveu convulsiva-

mente por baixo da nota: « Recebi tudo. » E datou e assignou, empurrando depois com a mão a folha de papel, que Angelo recolheu e poz no bolso.

— Creio que acabamos de despedir-nos; disse Ernesto em tom secco ao seo rival.

— Ainda não; respondeo este, apresentando-lhe outro papel.

— Que é isso !...

— V. Ex. devia tê-lo adivinhado, é a escritura da venda do *chalet*...

— E que tenho eu com isso ?... *ella* comprou-o autorisada pelo pae, que entregou o dinheiro ao vendedor...

— Mas V. Ex. póde ver e veja que a pobre donzella ignorante da lei, julgou ter destruido a falsa escritura de venda, o verdadeiro acto de doação do *chalet*, riscando todo elle, e principalmente as assignaturas...

— Mas V. S. sabe que esse documento ficou registrado em livro competente e que...

— Senhor commendador! exclamou Angelo; não ignoro isso; eu tenho porém uma carta dessa senhora... que me autorisa á requerer a annullação dessa venda ficticia do *chalet*, que *ella* rejeita e repugna, porque a confessa e de-

clara feita com a intenção immoral de seduzi-la, e a repelle como compromettedora de seu credito!...

— V. S. porém não é competente...

— Prova-lo-ei que o sou em falta do pae que tão indignamente sacrifica a reputação da filha!...

— Prova-lo-ha!...

— Ou não! que me importa?... disse Angelo, elevando a voz; acho-me autorizado, não sei, não quero saber, se o estou conforme as leis...

— Rogo-lhe que falle mais baixo...

O tom com que Ernesto pronunciou estas ultimas palavras estava longe de ser ameaçadora; o velho mostrava-se ainda mais humilhado e receioso do que colerico.

— Pois bem; tornou Angelo, contendo-se; e abrandando a voz: senhor commendador, a joven senhora quiz, mandou, que eu a libertasse da vergonha d'esse *chalet*: hei-de fazel-o. Sou um simples pintor, ignoro absolutamente o que dispõe as leis para este caso, e todavia não procurarei advogado.

— Mas que quer que eu faça?... isto é irremediavel... digo-lhe que o é! a escritura da venda do *chalet* está registrada... Ursini a assignou... pela filha... e só Ursini...

— Não quero entender-me com elle : é V Ex. que deve destruir... annullar esse contracto de venda ficticia... veja ! ..

E Angelo tirou ainda do bolso uma carta, abriu-a, dobrou-a depois de modo que só se podessem ler tres linhas escritas, e aproximando-a dos olhos de Ernesto, lêo convulsivamente : « a compra d'esse *chalet* é falsa, eu o confesso e declaro, esse *chalet* é doação do miseravel que tenta seduzir-me... »

E abrindo a ultima dobra inferior da carta, Angelo disse :

— Póde ler o nome de quem escreveu...

Ernesto voltou os olhos succumbido : tinha lido « *Rosina Ursini.* »

Que mais diria aquella carta ?... o velho apaixonado recebera o golpe mais terrivel e despedaçador : sentia-se estrebuchante nas garras de de um rival feliz e atosmente vingativo, dezechava exterminá-lo, e que o pudesse fazer, tinha medo do ruido e do escandalo publico.

Ernesto experimentava os tormentos do inferno, e cumpria-lhe ter por sua posição e seu estado social certo decoro apparente, certa frieza altiva em face do Angelo que lhe enterrava punhal envenenado no coração.

— E agora, senhor commendador?... perguntou o commissionado de Rozina.

Ernesto conseguira, aproveitando um minuto passado em silencio, dominar sua afflictiva commoção.

— Estamos, como d'antes, respondeo; eu recebi as joias, que dei, e que tinham sido graciosamente aceitas... mas... a questão do *chalet* não é comigo... foi comprado pelo pae em nome da filha... não o dei... não posso dizer que o dei... o *chalet* é *d'ella*...

E o velho millionario carregou no pronome, saboreando vingança nesse *chalet* que era vestigio de aviltamento deixado na vida de Rosina.

Angelo comprehendeo esse maligno sentimento; mas deixou-o passar como desapercibido, e, insistindo na questão de que tratava, disse com voz firme e cheia de sincera gravidade:

— V. Ex. foi quem com o seo dinheiro pagou esse *chalet*: já lh'o declarei, a doação ou compra ficticia é regeitada porque houve intenção immoral da parte do doador, e eu asseguro que convém á V. Ex. annullar, aniquilar tudo isso para prevenir lamentaveis consequencias... da sua reluctancia.

— Pretende intimidar-me ?...

— Pretendo pôr termo a esta penosa commissão que vim desempenhar, e o faço communicando á V. Ex. que, estranho ás leis, e não sabendo se posso, e ainda que pudesse, não querendo recorrer á ellas, vou sem demora nem reservas, dar publicidade á todo este vergonhoso enredo.

Ernesto sorriu-se com ironia franca.

— Não o fará ; bem o sei.

— Não o farei ?...

— Oh !... disse o velho, lançando o odio em novo riso sarcástico ; não o fará ! Vossa senhoria ama demasiadamente para atirar nas espumas da imprensa o nome da sua amada !...

Ernesto poz a mão na campainha, vendo a raiva brilhar em flammæ ardentes nos olhos de Angelo ; este porém mostrou-se logo engrandecido pelo imperio com que reffreava suas paixões, e pela dignidade fria com que respondeo :

— Senhor commendador, o descredito da infeliz donzella atrozmente calumniada é tão publico que autorisa e exige ampla, completa defeza ainda mais publica !

E accrescentou nobre e galhardamente :

— É eu que amo... essa donzella, farei e publicarei a sua defeza.

Angelo tomou o chapéo, e despedindo-se com ligeira e apenas perceptivel inclinação, hia sahindo.

Ernesto estremeceo, disse :

— Uma palavra ainda !

Angelo voltou-se.

— Com que fim ?... perguntou.

— V. S. me violenta na posição social, cujo decóro devo zelar, e na minha conlição de marido e pae de familia...

— V. Ex. esqueceo tudo isso, quando...

— Perdão ! basta ! não discutamos ; eu cedo. A escritura da venda do *chalet* será annullada, como se nunca tivesse havido : sujeito-me á isso ; mas preciso de tres dias ao menos para chegar á algum accordo com Ursini.

— V. Ex. poderá, se quizer, empregar ainda mais tempo nesse empenho ; eu porém hei-de levar d'aqui neste papel de escritura riscada já linha por linha, uma declaração escrita e assignada por V. Ex. do que acaba de prometter, ou obrigar-se, e com a menção do motivo da regeição do *chalet*, embora não confesse a veracidade desse motivo.

— Senhor Angelo, é demais !!!

Angelo cruzou os braços e disse :

— Devo levar uma segurança, e uma garantia.

— Eu não escreverei, nem assignarei um documento de opprobrio !

Angelo fez um movimento para retirar-se ; mas Ernesto exclamou :

— Espere!... pense que me quer arrancar a confissão de uma tentativa criminosa !

— Não ; eu admitto na declaração que exijo todas as negativas, todos os protestos de V. Ex. contra a idéa de seducção.

— Ainda assim : combinemos algum outro expediente que á ambos satisfaça.

— É inutil ; respondeo Angelo.

— Ah, senhor !... isto é insolito !...

— Que o seja : é irrevogavel : peço á V. Ex. que não me retenha aqui infructiferamente, e com desgosto de ambos.

Ernesto revolveo-se em sua cadeira que era então de espinhos dilacerantes, e pegando com impeto nervoso em uma penna, disse abrazado em colera :

— O papel da escritura !...

Angelo mostrou-lh'o na mesa.

O velho puchou para si o papel, e sem olhar para o mancebo que estava em pé diante d'elle, murmurou com voz gutural :

— Dicte!

Angelo dictou quanto exigira que Ernesto declarasse, e no fim disse-lhe :

— Agora póde V. Ex. ajuntar ahi as negativas e os protestos, que lhe approuverem.

Ernesto escreveu algumas linhas, resalvando-se e firmando a pareza de suas intenções e o horror que lhe causavão as suspeitas injustas de Rosina, e quando acabou de escrever, empurrou o papel para Angelo, e disse :

— Leia, e diga se isso lhe basta.

O terrivel commissario de Rosina leo para si attento e reflectidamente, e depois entregando o papel, respondeo :

— Convem-me assim.

Ernesto datou e assignou com precipitação, e devolvendo o singular documento ao seo detestado e feliz rival, balbuciou sinistramente :

— Cedi !... leve !... darei aos mendigos... as joias... e o valor... do *chalet*...

Angelo guardára no bolso o documento e dissimulava a ufania da sua victoria, quando ouviu o velho murmurar sinistra e sombriamente de

modo á ser percebido, parecendo porém fallar comsigo :

— Mas... as recordações... cá ficão...

Em satânica vingança Ernesto acabava de atirar uma allusão envolta em aleives ás suas relações com Rosina.

Angelo já tinha voltado as costas ao humilhado e cobarde rival ; mas escutando aquella injuria ntencional arrojada indignamente á donzella, em cujo nome se apresentára, tornou-se de face para Ernesto, e encarando-o em attitude provocadora, disse-lhe :

— O senhor... mente!...

E esperou immovel por alguns momentos as consequencias do insulto que por insultado dirigira ; vendo porem o velho disfigurado e convulso nem mesmo responder-lhe, sahio, lançando sobre o calumniador de Rosina um olhar de desprezo.

Ernesto, livre de Angelo, ergueo-se, firmando na mesa suas mãos tremulas.

Ao mesmo tempo abrio-se a porta do quarto e Propicio appareceu inflammado de raiva :

— Porque me desterrou ali !... devia ter-me dado un signal !... eu queria ensinar aquelle bonéco emproado !... exclamou furioso.

O velho já em pé, e nadando em colera, em infernal incendio de ciumes, e um pouco em vergonhosa vexação pela tristissima figura que lhe coubera, e á que se sujeitára humilde e cobardemente na scena que acabava de passar-se, disse atropellado :

— Foi horrivel ! infame ! mas eu não podia reagir... nem chama-lo... não ! eu sou homem casado... entende ? agora... é outro caso... não é na minha casa... quero vingar-me !...

— Vou esbofetea-lo na rua !... tornou Propicio á exclamar, precipitando-se para fóra.

— Não é isso !... disse-lhe.

— Então que é ?... po-lo em lençóes de vinho é o que eu entendo !

Ernesto fez uma cortorsão medonha no rosto : velho elegante de fino trato, e ain la homem bonito, como podia ser na sua idade, decompoz os traços do seo semblante em um sorrir feroz, exposição de dentes de tigre embravecido animada com as contracções musculares de furia, e flamejada por dous archotes, olhos de demouio em phrenesi, elle, rindo assim, e tendo as commissuras dos labios submersos em espuma branca de fermento de odio, de paixão, de ciume, e de vingança, disse com voz ronca e rancorosa :

— Agora... Rosina por um milhão!... sou rico!... quero compra-la!... quero vingar-me nella!... sómente nella!...

E apertando com força as mãos de Propicio, accrescentou desvairado e em desespero :

— Prepare a casa, e a cêa.

VI

Chegando á casa naquella noite em que tão açodado deixára sua tia, Angelo correrá á fechar-se em seo quarto, e abrindo logo com ansiosa curiosidade o mysterioso embrulho de papel lacrado que troucera, nos primeiros momentos ficára perplexo e attonito, vendo as diversas e ricas joias, que se continhão nelle ; mas logo depois descobrio por baixo dellas, o que devia esclarecel-o : era uma carta de Rosina, cobrindo a escriptura da venda do *chalet* :

Angelo desprezára as joias que lhe cahirão das mãos sobre a meza e lêo immediata e commovidamente a carta da mulher amada.

« Senhor Angelo : — Posso enfim escrever-lhe. Posso, porque, depois de ter ouvido a sua conferencia com minha mãe a aspiração de ser sua espoza morreo em mim.

« Amo-o ainda, como o senhor diz, e eu creio

que ama-me ; mas o sentimento de dignidade que o afastou de mim, agora tambem me afasta, e decididamente para sempre.

« Acredite-o: penso que não consentirei jamais em casar-me; que mude porem de resolução n'esta triste vida de mulher. ha no mundo um homem com quem jamais me submetterei á casar-me: é aquelle que amo ; é o senhor.

« Já vê que posso escrever-lhe, e o faço reflectidamente com dous grandes empenhos, o de reconquistar a sua estima, se isso ainda é possível, e o de toma-lo por meo ostensivo protector em uma acção embaraçosa e melindrosa, se eu conseguir merece-lo.

« O senhor tem razão : minhas leviandades de loureira e sobre tudo a criminosa condescendencia, com que aceitei presentes de joias de valor, e a doação de um *chalet* que ouzou fazer-me um homem casado que evidentemente procurava seduzir-me, forão actos indesculpaveis que devião chamar sobre mim a sua reprovação e o seu desprezo.

« Eu o amei devéras muito tarde para ser feliz ; ao menos porem o meo amor veio regenerar-me.

« Senhor Angelo, a *namoradaira* já deixou de se-lo, e disso se ufana : a indecorosa complacencia em aceitação de mimos de preço ou de suspeitosa intenção apenas pode ser castigada no passado, como verá, e absolutamente abrogada hoje e no futuro, como provarei com o meo procedimento.

« Sou outra, e foi o amor que outra me tornou : desde o dia delicioso em que vi, e me revi no seu quadro da « visão do Tasso », mudei, e fiz-me... não, foi o amor, foi o senhor que me fez sensata, e, di-lo-hei, virtuosa.

« É possível que assim regenerada, porque o estou, volte eu ao gozo da sua estima, que perdi?... saiba-o : nas amarguras que naturalmente me envenenão a vida, a sua estima será para mim consolação indisivel.

« Já sei que ama-me : não m'o torne a dizer : d'ora avante prefiro mil vezes saber que me perdoou o passado, e que me estima.

« E pode estimar-me... pode : eu lhe juro... que pode estimar-me.

« Agora o segundo empenho.

« Custa-me á dizer-lo : acho-me só e sem protecção : minha mae é uma santa, mas de character fraco ; pensou sempre e coitada, chora e

se sujeita: meo pae é bom e pensa, como eu penso hoje, e, ama-me muito; porém erra, e presume que acerta; meo tio é vicioso, e máo; tenho motivos para desconfiar delle.

« O senhor é um cavalheiro digno e honrado, e eu, pobre donzella desprotegida; peço-lhe que seja meu protector, e que falle, e que proceda sem reservas nem limites em meu nome, e absolutamente autorizado por mim em uma acção que resolutamente determino.

« De um unico homem aceitei presentes, que somente agora me repunhão e me pungem com os espinhos do pundonor; foi desse velho maldito que se chama Ernesto; quero restituil'h'os, regeitar-lh'os todas: é tarde para minha gloria; mas ainda é tempo para o meu arrependimento.

« Rogo-lhe, senhor Augelo, que se preste á ser meu protector intermediario, e que convença ou obrigue esse homem á tornar á receber quanto me deo, e quanto aceitei desassisada e indignamente.

« Contando com a sua delicacção de nobre e generoso cavalheiro, confiada um pouco... ou muito naquelle amor de noiva que algum dia lhe mereci, e que, eu o sei e creio, dura ainda,

confio-lhe todas, todas sem excepção, as joias, com que fui presenteada, para que o senhor as devolva á esse velho fatal, e ás faça receber por elle.

« Ajunto á essas joias e á esta carta a escritura da compra de um *chalet* realisada em meo nome por meo pae ; risquei essa escritura quanto pude ; mas ignoro, se isso basta para inutilisa-la, como dezejo e quero. O homem sinistro que me nublou injustamente a reputação parece, mas não é estranho á esse negocio : eu não quero semelhante *chalet* : protesto ! ... a compra desse *chalet* é falsa : eu o confesso e declaro : esse *chalet* é doação do miseravel que tenta seduzir-me.

« Do senhor Angelo, meo protector autorizado neste caso, espero que me liberte, que me lave dessa vergonha da doação do *chalet* ; não sei os meios para consegui-lo, autoriso todos, sem exclusão todos...

« Ficão-me desse homem um piano, que meo pae ha de devolver, ou em que mais nunca tocarão meos dedos, e, ai de mim !... finos tecidos, vestidos e enfeitas, que me envergonharia de regeitar, pois que já desgraçadamente uzei-os, mas que jamais tornarão á aviltar o meo corpo.

« Estas confissões custão-me lagrimas acerbadas ; mas eu as devia, e fi-las para meo castigo.

« Tenho a certeza de que o senhor Angelo não se negará á servir-me na commissão difficil que lhe dou : por mais que me volte em torno de mim, não vejo, nem descubro quem me possa proteger e defender-me, e que achasse mil defensores, eu preferiria aquelle em quem deposito inais confiança, e de quem espero prova de renovada estima no desempenho desta arida e desagradavel incumbencia.

« O calculo, o interesse, o manejo ardiloso de namoradeira, ou mesmo de amante apaixonada amesquinharião o testemunho de confiança absoluta, que resplende neste meo pedido de protecção dedicada ; eu porém mato e sepulto todas as suspeitas, lançando em despedida o brado pungente do meo coração profundamente ferido.

« Amo o, senhor Angelo !... amo-te, Angelo !... mas... que o quizesse agora, tua esposa... nunca !...

« Amo-te !... amas-me !... o demonio separou-nos na terra ; mas eu creio que se revive no ceo !... seremos esposos no ceo.

« Agora sómente lá.

« *Rosina.* »

A impressão produzida pela leitura desta carta no animo de Angelo foi extraordinaria e ineffavel.

Havia nessa carta expansão immensa de nobres sentimentos, humildade por assim dizer magestosamente angelica na confissão dos erros, dignidade na regeição de qualquer idea de casamento, desinteresse e louvavel acerto na devolução de todas as joias, e ainda mais na repulsa do *chalet* e, emfim, honorifica e grandiosa prova de confiança e de amor não dissimulado na escola do protector.

Angelo releo vinte vezes aquelle precioso documento de honra, e orgulhoso da commissão que lhe era dada, jurou á si mesmo mostrar-se digno della.

Como elle desempenhou tão ardua incumbencia, sabemo-lo já.

Mas a carta de Rosina tinha posto em fervente e deleitosa alteração os sentimentos de Angelo, que em vivo arrebatamento felicitava o seo amor pelo esplendido triumpho da virtude daquella que tão inconsiderada se exposéra á malignas conjecturas.

Não lembrando então o mundo, não reflectindo que a defesa, e a rehabilitação de Rosina gra-

vadas em uma carta só a elle dirigida, e firmadas como hião ser, em face de Ernesto, mas sem conhecimento publico, não podião justificar a donzella mal julgada aos olhos de seos detractores, e convencer de calumniosa a diffamação, Angelo fora procurar o velho millionario com toda a animação da mais alta ufania, e apenas annuviado pelo aborrecimento em que o tinha, e pela colera que lhe acendia a lembrança da sua perversa tentativa de seducção.

Quando porém acabava de conseguir quanto levára em mente e impuzera com energica decisão á Ernesto, bastarão quatro palavras deste, para que Angelo visse toldada a sua alegria, perturbado o seo enlevamento, e de novo acordados os tormentos do seo amor.

O velho tinha murmurado :

— Mas... as recordações... cá ficão...

Angelo em impeto de colera violenta mentio á gravidade severa, mas garbosamente decorosa, com que se houvéra até então, fallando á Ernesto, e olvidando que diante de sua vigorosa mocidade tinha apenas a fraqueza da velhice, dissera, proferira aquella injuria, que esbofetea o injuriado :

— O senhor... mente !

E embora sahindo impune da casa do offendido, Angelo trouxe consigo as palavras heredas, e sua memoria algoz lhe repetia :

— As recordações... lá ficão !...

A carta de Rosina tinha aberto o céu ao mais puro e extremoso dos amantes ; as palavras insidiosas e malvadas do velho vicioso e phreneticamente vingativo o lançarão no inferno.

— As recordações... lá ficão !...

Era torpe, scelerata indicação aleivosa : era vingança atroz, miseravel de rival desprezado, confundido, afogado no ludibrio, era-o ! mas os maldizentes, os calumniadores de Rosina havião de dizer tambem :

— As recordações... lá ficarão !...

Angelo transportado pela leitura e longo e jubiloso estudo da carta de Rosina, de novo prelibára a dita de abraça-la esposa, e só se assombrára ao temor de não poder vencer-lhe a pundonorosa resistencia positivamente declarada ; mas ferido pela dentada da serpente-Ernesto, e presentindo os botes da serpente-malediscencia, adorava Rosina martyr, fraco porém para affrontar os falsos juizos dos condemnadores da pobre donzella, envergonhando-se das suspeitas do opprobrio da misera calumniada, suscepti-

vel em extremo ou magnificamente susceptível pela educação austérea que recebera, voltava ás suas horriveis torturas ainda mais aggravadas; porque amava Rosina, acreditava-a perfeitamente rehabilitada, sabia-se muito amado, sabia-a virtuosa pelo arrependimento e castigo de simples leviandades infelizmente compromettedoras de seo credito, e todavia já não ou-sava dar-lhe o seo nome á medo das zombarias e da reprovação do mundo maligno e inexoravel nas satyras e na fereza da maledicencia.

Angelo soffria mais do que nunca: em sua consciencia Rosina era digna de ser sua esposa; mas, em sua consciencia tambem, o juizo publico que estava e continuaria á estar alheio ao vigoroso e eloquente meio, pelo qual a arrependida donzella se rehabilitara no conceito do seo amado, marcava-a ainda com o signal pungente de suas suspeitas.

Considerando assim, o exaltado mancebo imaginava que o noivo de Rosina expor-se-hia ao rir insolente de uns, e á commiseração affrontosa de outros, e que sua noute de noivado seria para alguns objecto de apodos e de epigrammas sarcasticos.

Angelo tão amoroso de Rosina como escrupu-

loso da pureza de sua reputação de homem de brio e honra, não tinha aquella fortaleza de animo, com que se assoberba o juizo e ainda a reprovação de todos, quando, embora só, se tem chegado á convicção da verdade.

Esses intimos conflictos do brio com o amor, que mais ou menos acerbos e crueis se passam nos corações dos noivos de donzellas que tem sido loureiras, e que perturbão os jubilos das vespersas do casamento, forão de acerrima e desabrida violencia na alma de Angelo.

Um dia e uma noute de ponderações e de meditação estereis pela constante contrariedade de sentimentos, apenas servirão para aturdir e angustiar o nobre amante de Rosina.

Urgia porém dar conta da commissão já des-empenhada.

No dia seguinte depois de escrever e de rasgar dez cartas, Angelo escreveo a que se segue.

« Minha Senhora : — A sua carta me glori-ficou : nunca houve homem que merecesse tanto. Agradeço-a de joelhos, e beijando-lhe os pés.

« A tarefa de que me encarregou, realçan-do-me com a mais excelsa confiança, está plenamente executada, conforme o dizem os do-cumentos que tenho a honra de remetter. Cum-

prindo essa missão, desvanço-me de poder assegurar que nem um só instante esqueci a altura e o brilho do anjo que me mandára, onde fui.

« Anjo, acabo de escrever, e o repito : anjo ! oh, sim !... anjo !...

« Se houve nuvens em nosso passado, dissiparão-se de todo : houve-as !... mas esqueçamo-las para sempre : não as ha, não tornará mais á have-las : o sol está brilhando com todo o esplendor e toda pureza.

« E porque me pede estima, quando lhe rendo adoração ?... estimo-a, adoro-a, amo-a !...

« Ah !... nunca me perdoarei palavras que me escaparão, suppondo-a ausente, e fallando á sua virtuosa mãe : fui brutalmente selvagem ! perdoe-me !... eu lhe juro : ha brutalidade, selvaticueza, horrores no amor que ferido desatina : eu estava ferido e desatinei : perdão !.. perdão !...

« O desatino passou ... creia-o ! ainda outra vez : porque me pede estima ?... estima não se pede, impôe-se ; e, mais do que a minha crença, a minha fé na sua virtude é uma segunda religião para a minha alma.

«Eu a estimo, a adoro, a amo como mulher formosissima, e como anjo de virtudes.

« Mas tem razão ; o nosso amor não é deste mundo !... é muito puro e muito santo para rebaixar-se ás misérias da terra.

« Tem razão ; houve duvidas que forão offensas... houve palavras que moverão lagrimas... e ha lagrimas que deixão sulcos no coração... forão dessas as que chorou martyrisada barbaramente por mim...

« Tem razão ; ha lembranças tristes, que não toldão os amores vulgares, os faceis amores da terra ; mas que são incompativeis com os amores puros e santos.

« Oh ! pois bem !... seja assim : amemo-nos de longe, enternecida, e espiritualmente na terra ! amemo-nos com o amor angelico de duas almas que devem casar-se na vida que hão de viver no ceo !...

« Rosina ! oh, Rosina !... deixa que te ame, e, se podes, ama-me assim !... nunca me casarei, não amarei outra mulher, nunca !... não te casarás tambem, nem amarás outro homem. nunca !...

« Tenhamos fé em Deos : casar-nos-emos no ceo.

« A vida é tam curta neste mundo tam máo !... sofframos alguns annos, purificando-nos

ao fogo do soffrimento : basta para nós na terra a consoladora certeza da immortalidade do nosso amor, e da presença e do gozo da presença incessante de cada um de nós, na alma do outro.

« Hei de amar-te assim, Rosina, ainda que deixes de amar-me !...

« Eu só tenho medo de um peccado ; é de amar-te, como amo a Deos !...

« Eu não te peço nada para lembrança, para signal de ti ; porque tenho tudo de ti, tudo ! tenho teos cabellos, tua cabeça e teu rosto, tenho teos olhos á fulgir e teos olhos á chorar, tenho tua boca á sorrir, tenho os teos labios humidos e roseos, tuas espaduas e teu peito soberbo, as ondulações do teo corpo á mover-se e á andar, tenho a delicadeza de tuas mãos, e o torneado de teos braços magnificos, e a delgadeza e o mimo de teos pés, tenho a tua graça, tenho tudo, e posso retratar-te mil vezes longe de ti... O que não tenho em mim é a tua alma cheia de amor e para sempre !...

« O que tens de mim, não sei : se uma lembrança do pobre Angelo te pode ser grata, ignoro-o e todavia ousou imagina-lo.

« Ah !... li nessa carta de anjo que o quadro

da *visão do Tasso* impressionou Rosina que se reviu nelle. Era justo: ella estava lá, e o meu amor com ella. Para que fingimentos?... O « Tasso era eu ; a Eleonora era Rosina.

« Esse quadro é um thesouro ; porque sua dona reconheceo-se nelle e o distinguio. Quisera que Rosina o tivesse e o guardasse.

« Poderei merecer esta ufanosa dita?... deixarei o quadro na casa de minha tia para despreza-lo eu tambem, se elle for desprezado ; para abençoa-lo, se sua dona o estimar.

« Basta, e não basta : meo coração fallou, e meo coração fica cheio de mil cousas para dizer !...

« Mas em mil, e mais livros que escrevesse meo coração diria sempre e só em todas as suas expansões variadas, multiplicadas e infinitas o seo exclusivo sentimento dominador, irresistivel, absoluto, soberano querido, despota idolatrado, e divinal senhor.

« Mil e mais livros em tres palavras :

« Eu te amo, Rosina !... — Angelo. »

A carta de Rosina fora ou tão habil ou tão sensata, refferindo-se ao seo amor, e apezar d'elle á absoluta regeição de toda idea de casamento com Angelo, como a deste era banal e absurda, fallando do mesmo assumpto.

É verdade que ambos se consolavão, sonhando igualmente o consorcio de suas almas no ceo ; mas esse pensamento suave ou de mystica poesia ou de fé catholica não tinha nem podia ter laço algum com a vida passageira da terra, e portanto não compromettia os corações de um e outro.

Ora Rozina escrevera : « a aspiração de ser sua esposa *morreo* em mim. » E logo depois : « ha um homem no mundo, com quem jamais me submetterá á casar-me : é aquelle que amo ; é o senhor. »

E Angelo respondia : « tens razão : o nosso amor não é deste mundo ; é muito puro e muito santo para rebaixar-se ás misérias da terra ! »

Mas em seguida propunha para conforto da vida transitoria uma correspondencia de amor espiritual e angelico que elle proprio começava logo á tornar material e muito humano, enviando á Rozina o quadro da *visão do Tasso* para lembrança de sua pessoa.

Nos termos e condições em que Angelo iniciava o *seo amor na terra sem ter nada da terra*, apparecia logo o absurdo e a insensatez do programma.

Por pouco que durasse e fosse alimentado esse

amor, em que o homem se presumia com a pureza de anjo, era quasi certo que o homem acabaria por succumbir á sua propria fraqueza, pedindo á mulher amada as glorias licitas e religiosamente abençoadas dos *amores triviaes* deste mundo.

Se Rosina tinha escrito a sua carta á Angelo, manobrando com astuciosa intenção de reconquistar o noivo esquivo, naturalmente aceitaria, embora com objecções provocadoras de insistencia, esse plano, essa combinação de amor sujeito á espiritualismo insustentavel, que lhe estava offerecendo victoria mais que provavel na vida real.

Onde porem mais fiel e resplendente se ostentava o amor?... na carta reflectida, melancolica, resignada, as vezes pungente, as vezes apaixonada, atrevidamente energica em relação á Ernesto, decorosa, nobre, e sabia em relação á Angelo, ou na carta deste, tão exaltada e douda, que ainda humilhava a amada, sacrificando-a aos devaneos do passado, e a decretava anjo para ama-la humana na recordação viva de todos os seus bellos dotes pessoaes, e inventava ceo na terra, e imaginava o impossivel na realidade?...

Ninguem poderia dizer-lo. O amor ludibria á

seo capricho a razão, e se de ordinario assombra pelos desatinos e absurdos á que leva de rastos ou em arrojos o coração, ás vezes imprevisitamente faz-admirar pela sabedoria da resolução ou por esses milagres de abnegação heroica, e de virtude.

O estudo das duas cartas sómente habilitaria o juiz conhecedor do passado de Rosina á assegurar que na carta de Angelo havia delirio, insensatez de amor verdadeiro e terrivelmente tempestuoso, e que na carta da filha de Ursini havia arrependimento e virtude que poderião ser ardilosamente fingidos.

Haveria dureza na duvida da sinceridade da donzella ; mas não se póde ter sido impunemente embusteira e Rosina o tinha sido demais em seos namoros audazes.

Na vida humana é sómente a observação do futuro quem verifica e sanciona o arrependimento dos erros do passado.

Angelo, descontente de si, descontente de tudo, triste, contrariado, esperançoso e sem esperanças, levou a sua carta e o seo quadro á casa de sua tia.

Clotilde o ouviu fallar, mas não lhe fallou de Rosina.

O quadro ficou á um canto da sala, e a carta sobre a mesa.

Mas dous dias depois Angelo encontrou sobre a mesa, em vez da sua outra carta de Rosina.

Essa era breve e definitiva : era assim.

« Sr. Angelo : — O que fez por mim, fica-me no coração : viva, nunca o esquecerei, morta, se a alma leva lembranças deste mundo, minha alma levará a gratidão que lhe devo.

« A segurança da sua estima me engrandece e me consola : com ella serei tão feliz, como ainda no mundo posso se-lo. A sua estima me purifica e a minha consciencia.

« Nunca houve com effeito homem que merecesse tanto de uma donzella : eu lhe confesso que o senhor me fez boa e perfeitamente honesta !...

« O senhor é meo pae pela virtude ; eu sou sua filha pelo arrependimento...

« Mas por isso mesmo... embora eu o ame, e o senhor ame-me, pois que é impossivel, e o é, nossa união, nosso casamento, suffoquemos este amor, esqueçamo-lo na terra, para que possamos ser bons amigos, e encontrar-nos, e fallar-nos sem corar, e sem que nos vexemos...

« O passado passou...

« Eu amo o quadro da *visão do Tasso*; amo-o!... mas não posso guardal-o : saiba-o : dias antes eu tinha jurado á Nossa Senhora Immaculada não receber mais nunca presente de homem algum...

« O senhor sabe porque.

« Seja meo esse quadro que tornei á ver, á admirar, á ufanar-me, revendo-o! seja meo; aceito-o; guarde-m'o porém em deposito sagrado.

« Um dia... e espero que não seja tarde, quando eu estiver para morrer, lhe mandarei pedir esse quadro que é meo : tenho a idéa de expirar consolada e ditosa com os olhos fitos nelle...

« Esta idéa é tudo quanto lhe posso dar...

« Oh, Sr. Angelo!... eu sei bem que o matei!... mas estamos quites : o senhor tambem por sua vez matou-me.

« Mortos assim um e outro para aquelle terno amor que, abençoado por Deos, teria feito a nossa felicidade, não podemos mais dizer-nos que nos amamos...

« Se sentimos ainda esse amor, seja como um sonho do passado que não se renova ; mas guarde para si cada um de nós o sonho do passado :

porque dize-lo um ao outro fôra lembrar os golpes que nos matarão, e as offensas que nos perdoamos.

« Isto é irrevogavel.

Foi o senhor que não quiz, e desde então fui e sou eu que não quero chamar-me sua. — Rosina. »

VII

Na vida humana os abalos violentos e profundos, as catastrofes das paixões que dilacerão o coração, determinão crizes dolorosas e terribes, de que as vezes se arranca e sahe a pessoa á quem a desgraça prostrára, levando as marcas das torturas em salientes alterações de character e de sentimentos moraes.

Em alguns casos a mudança é lamentavel, porque apaga as crenças, a confiança, e sepulta a alma na noute do septicismo, em outros casos é saudavel e regeneradora, porque inspira a virtude, que enobrece, e ensina o bem que aproveita.

Fulminada na conferencia que sua mãe tivera com Angelo, pela firmeza severa com que este recusára sua mão de esposa; pelo seo menoscabo confessado por Joanna em exposição demasiado franca de suas faltas, e emfim por

aquella manifesta e tremenda sentença de desestima, com que o homem que a amava declarou que não lhe estava em divida de honra, hypothese unica que o obrigaria á despoza-la, Rosina derribada pelo golpe horrivel, quando se pôde levantar, levantou-se outra.

Rosina desmaiara, e recobrando os sentidos, não tinha ainda recobrado a voz ; mas ao ouvir sua madrinha consola-la, dizendo-lhe : « elle te ama... conta comigo e espera... » a voz cedera ao espaço supremo da alma, que respondeu vigorosa :

— Agora... não !...

Nessa resposta começára á revelar-se a mais sorprendente metamorphose moral.

A dor tinha sido extraordinaria, indizível : fôra dor de honra, e de amor, talvez não menos dor de vaidade, que Joanna e Angelo havião lacerado...

A noute foi de martyrio, quasi noute de agonia para Rosina, que á custo conseguiu tornar para casa, onde em accessos de convulsões pavorosas, em febre ardente, e teimoso delirio, pagou tributos á fraqueza animal, padecendo até ao romper da aurora.

Ursini voltára do jogo ás duas horas da madrugada, e correo á chamar o seo medico.

A natureza dispensou o socorro da sciencia.

Quando Ursini chegou trazendo da pharmacia os remedios que receitára o medico, Rosina já dormia benigno somno reparador.

A doente despertou ao meio dia : tinha dormido oito horas : estava pallida, gravemente pensativa, obrigada á ficar no leito por abatimento de força physica explicavel depois da febre e convulsões que soffrera.

O medico veio ve-la ; examinou- cuidadoso, pareceo satisfeito do estado em que a achava, e perguntou-lhe :

— Que sente agora ?...

Rosina respondeo com voz docemente melancolica :

— Ah, senhor doutor !... soffri muito !... mas nem pensa, como estou curada e boa !...

O medico sorrio-se sem ter comprehendido o pensamento occulto da resposta de Rosina ; mas Joanna escondeo duas lagrimas que lhe cahirão dos olhos.

Rosina estava duplamente curada. Escapára á morte por excesso de dor, que ás vezes mata, e hia regenerar-se do excesso da vaidade, da paixão do luxo, e do vicio do namoro que a tinhamo compromettido e infelicitado.

Amando apaixonadamente Angelo, a sua justa condemnação sentenciada pela boca desse mancebo em vez de aguilhoar-lhe o orgulho e o desvanecimento de bella, e de revoltar-lhe o sentimento de desdenhada, submetteo-a ao estudo serio e reflectido do seo procedimento, á convicção dos erros em que incorrera, ao arrependimento delles, e á estima ainda mais elevada do homem que a adorava por formosa, e que a não queria esposa por suspeita de impura e por irrecusaveis provas de leviana.

Rosina passou o dia abatida, e triste, mas tranquillã e resignada: vendo que sua mae ainda apprehensiva e temerosa vinha á miudo observa-la sem nunca fallar-lhe dos amargurados transe da ultima noite, disse-lhe serenamente:

— Pode soccegar, minha mae; o que o doutor me ouviu, é verdade: estou curada e boa.

E accrescentou:

— Curada...de tudo que me fazia mal. Vello-ha...

— Ah, minha filha!... mas aquelle homem é máo!... devemos esquece-lo...

— Porque?... offendeo-me em momentos de exaltação; é porem um mancebo honesto e brioso... e por fim... o que elle disse, foi justo.

— Ainda o amas !

— Ainda, e o estimo dobradamente ; apenas agora prefereria morrer á casar-me com elle. Devo-lhe porem muito !... Angelo me curou.

Joanna poz-se á olhar estupefacta para a filha, receiando que lhe tivesse voltado o delirio.

Rosina, como se houvesse adivinhado os receios de sua mãe, offereceo-lhe as mãos e disse :

— Veja... não tenho febre, e nunca me achei com a razão tam sã. Vá descansar, minha mãe!... creia que d'ora avante sua filha será muito mais digna do seu amor.

Rosina não pode ou não quiz levantar-se da cama até a noute, mas sem accusar soffrimento algum, sómente parecia absorvida em graves reflexões.

Joanna acabou por convencer-se de que a vida de sua filha não corria mais perigo, embora duvidasse da perfeita resignação que ella mostrava ; mas ainda assim teimou em passar a noute perto della, e deitando-se vestida em um colchão, que estendeo á um canto do quarto, cedendo em breve á fadiga, a pobre mãe dormio.

Quando Rosina, que debalde havia procurado ficar só, vio Joanna engolphada no somno, ergueu-se de manso e foi sentar-se á escrever.

Escreveo muito e como quem lançava no papel idéas já combinadas : era á Angelo que ella escrevia.

Logo que terminou a carta, Rosina tirou da gaveta de sua meza a escritura da compra do *chalet* que já estava toda riscada, e ajuntou-a á carta, foi depois ao seu guarda-joias, e com a fria calma de quem procede em consciencia e sem violentar-se, arranjou com arte sobre a carta, e de modo á não fazer grande volume, um diadema de brilhantes, pulseiras, collares, relógio de ouro, aneis, um solitario magnifico diamante, todas as joias emfim que recebera de Ernesto, encerrando tudo em duas folhas de papel que dobrou e lacrou por todos os lados, exagerando talvez o emprego do lacar para segurança, e tomando de novo a penna, escreveu sobre a face mais ampla do embrulho: « *Para o Senhor Angelo.* »

Isso feito, Rosina tomou em suas mãos o rico embrulho, e depondo-o e feehando-o em seu guarda-vestidos, voltou á seu leito, assegurou-se de que sua mãe dormia, e deitando-se, adormeceu logo depois.

A determinação positiva inflexivel de restituir o *chalet* e todos os presentes que de Ernesto lhe

tinhão vindo, já estava desde muitos dias assentada inabalavelmente no animo da namorada arrependida, mas então menos arrependida, por amor da virtude, do que pela paixão ardentíssima que Angelo por fim lhe inspirára.

A prova, de que Rosina já tinha isso resolvido estava patente na escritura da venda do *chalet* riscada totalmente por ella, que pensava poder-la destruir, e te-la destruido assim.

Faltára até aquelle dia á Rosina meio seguro, ou intermediario de confiança que realisasse o louvavel e firme proposito, que ella hesitava em executar por si, querendo esquivar-se á toda e qualquer explicação com Ernesto, cuja presença não lhe era mais toleravel, e tambem porque ignorava se para a regeição do *chalet* bastava-lhe inutilisar a escritura de compra, como havia feito, riscando-a.

A tremenda noute de desengano, de castigo em torturas do coração, e de triumpho da consciencia sobre o resentimento da offensa, e a cegueira da paixão, mostrou-lhe o intermediario que procurava no proprio homem que a malbaratára.

Escrevendo á Angelo, Rosina levara-se por tres idéas, de que apenas confessára duas : pelo

desejo fortissimo de ganhar outra vez a estima do mancebo ; pela confiança que depositava no seu character ; e emfim por vingança de mulher que justificando-se ou regenerando-se no conceito do amante generoso, deixava-lhe, ainda com a certeza de ser amado, o tormento cruel do amor sem esperança.

No dia seguinte Rosina exigio de sua mãe que a levasse á casa de sua madrinha, á quem fez entrega de pequeno embrulho destinado á Angelo.

Só então Joanna perguntou :

— Que é isso ? ..

— É uma restituição : disse ella simplesmente.

A mãe e a madrinha julgarão que seriam cartas e algumas d'essas innocentes prendas que de costume os namorados trocãõ.

Clotilde tentou fazer a afilhada acreditar que o seu casamento com Angelo ainda era provavel e sómente questão de tempo.

Rosina respondeo :

— Isso acabou.

E ficou estranha á conversação que sobre tal assumpto estenderão as duas senhoras.

Clotilde disse por fim, beijando a fronte de Rosina :

— Esta cabecinha está desgovernando, como a delle ; mas eu farei entrar o juizo em ambas.

E accrescentou :

— Vocês dous hão de casar-se!

A afilhada observou com doçura :

— Agora, minha madrinha, não é só elle, sou eu tambem a não querer.

Clotilde despedio-se de Rosina, batendo-lhe com a mão no hombro, e dizendo-lhe :

— Eu te mostrarei, enfesadinha !

Desde esse dia Joanna vio e notou que sua filha alterára e mudára consideravelmente, e sem as contradições e caprichos de genio manifestados nos dous ultimos mezes, seos costumes e seo proceder.

Triste, porém suave e razoavel, Rosina estava longe de parecer feliz ; mas vivia tranquilla.

Chegava menos vezes á janella, e quando o fazia, era indifferente aos seos antigos namorados de vaidoso entretenimento.

Usava de preferencia constante vestidos e adornos de simplicidade que não indicava calculo, nem tambem signal de desgosto de si, porque nelles havia sempre estudo de natural faiceirice de moça, e evidente cuidado em fazer sobresair as bellas proporções e a gentileza de seo corpo.

Joanna principalmente notou que Rosina não usava mais nem vestido, nem enfeite, que de Ernesto lhe houvessem vindo.

Afóra a tristeza da filha, todas as outras mudanças e alterações de seo procedimento lhe erão gratas e consoladoras : uma só causava dor á seo coração de mãe : Rosina, a formosa e habil pianista, tinha perdido o amor á musica.

Uma vez Joanna perguntou-lhe :

— Porque não tocas mais o teo piano, minha filha ?...

Rosina corou, como nunca tinha até então corado, e respondeo com os olhos no chão :

— Minha mãe... não toco, não tocarei mais naquelle piano...

E murmurou á custo e em confusão vergonhosa :

— As teclas daquelle piano... manchão meos dedos...

Joanna lembrou-se...

— Tens razão; disse, e abraçou a filha.

Entre os dias que ião passando, houve um, em que Rosina se mostrou, por excepção, menos igual no genio, e absurdamente ora mais triste, ora mais satisfeita, e como livre de afrontoso pezo.

Foi no dia em que lhe veio ás mãos a carta de Angelo.

A carta lhe trouxera nectar e veneno.

Angelo a libertára dos presentes de joias e da doação do *chalet*: era o nectar.

Rosina respirava finalmente livre e descarregada dos obsequios do homem que premeditára seduzi-la: tinha-o humilhado e punido diante de Angelo, cuja estima acabava de reaver: era o nectar.

Mas, nessa mesma carta, Angelo, que a saudava e a adorava, mais que regenerada, purificada, ainda lhe condemnava o passado, propondo-lhe no mundo a vida impossível do amor espiritual, escondendo em sophismas poeticos a repulsa punitorosa da pobre namoradeira, embora arrependida: era o veneno.

Rosina tinha esperado que Angelo lhe pedisse debalde a revogação do seu decreto de casamento impossível, e Angelo lhe aceitára o decreto, aceitando-lhe os motivos que ainda a menoscabavam: era o veneno.

Rosina bebeo o veneno com resignação de martyr.

Em sua subtilissima intuição de mulher que ama, vio, sentio, e recebeu no coração o derradeiro golpe desfechado pelo homem que amava.

Ella tinha-se embalado com uma sublime vingança de amor immenso e portanto immensamente offendido...

E nem pudera vingar-se!

Angelo a regeitava ainda e sempre, e á ella não era dado sublimisar o seo amor, ostentando a sua virtude na confissão franca de que amava, e na grandeza e no melindre honorifico da recusa do homem amado!...

Rosina submetteo-se á essa ultima desillusão, e escreveu magoada, mas senhoril sua resposta á Angelo.

Em sua resposta mandou ao orgulhoso a despedida extrema do seo amor.

Consolada por achar-se enfim livre de Ernesto, ella ainda teve lagrimas, e chorou o achar-se de todo livre de Angelo, sem que todavia pudesse deixar de ama-lo.

Coitada!... Rosina acabava de estender o crepe da morte sobre o seo amor.

VIII

Ernesto tambem preparava ou esperava a sua vingança tanto mais desejada quanto estava delineada de modo á completar seos designos criminosos. Não podendo seduzir, elle já não trepidava em tomar em suas garras a preza incapaz de resistir no torpor do somno envenenado.

Mas o elegante velho millionario não era mais o ufanoso seductor que confiado na sua sagacidade e na sua riqueza, sabia contemporisar, e destruir com paciencia e manha as contrariedades, e as mais obstinadas repulsas, ou finalmente retirar-se antes de desairado, quando reconhecia-se em face de inabalavel virtude.

Ernesto perdera o coração e a cabeça nos phrenesis da paixão desmesurada, e por ultimo humilhado, deprimido, vilipendiado face á face do seu rival feliz e por ordem da mulher que o desprezava e que ostentosamente lhe mandava

na presença affrontosa do seu amado o mais bar-
baro requinte de ludibrio, ajuntou á paixão ciu-
mes truculentos, e raiva.

O velho que fora serpente, tornara-se tigre.

Mas o tigre ainda muitas vezes tremia.

Não era a consciencia, era o medo que o fazia
tremar.

O trama de Propicio assombrava-o menos pela
preversidade do que pelo escandalo.

Ernesto era em todo o caso negociante de
grande credito e das melhores relações, devia-se
á sociedade de mais fino trato, e na sua idade e
condições sociaes ninguem lhe perdoaria o crime
que premeditava, e que nodoaria para sempre a
vida de um proprio estouvado mancebo. Ernesto
tinha medo do mundo.

Elle ainda então, e apezar de quanto Propicio
fizera para despertar os ciumes de sua mulher,
experimentava no seio da familia a indifferença-
soberba de Amelia, que desdenhosa e fria, e tal-
vez mais desdenhosa que d'antes, nem se quer
uma vez tornára á fallar-lhe de Rosina ; mas
desde que um escandalo publico fosse publico
ultraje feito á esposa, quem poderia medir as
proporções da desafronta da orgulhosa fidalga?...
Ernesto tinha medo de Amelia.

E, ainda mais, Rosina amava e era amada por um homem de animo e coração forte, como já o havia provado no desempenho de incumbencia, que elle devera ter antolhado arriscada : até onde chegarião a justa colera e o desespero do amante, talvez do noivo de Rosina?... Ernesto tinha medo de Angelo.

E pois que toda lição moral é util, a da ignominia tambem aproveita : em meio desses meados Ernesto não se lembrara de ter medo do pae de Rozina !...

Mas a paixão e a raiva vencião os terrores ou as apprehensões do tresloucado velho que esquecendo ó decoro o a decencia, e entregando-se todo ás maquinações malvadas de Propicio, foi procedendo, como elle ensinava.

Tendo deixado de ir á officina de Ursini, durante alguns dias, voltou emfim á ella, quando foi preciso preparar a ultima cartada da partida do crime, e apresentou-se sombrio e carrancudo.

Ursini depois de festejar a visita, recommençava a cansada historia da paixão e dos pudicos tormentos de Rosina ; mas o velho o interrompeo bruscamente.

— Basta de enganos e de falsidade !... disse elle com indignação.

— Como é isso ?...

— É isto !.. murmurou surdamente Ernesto, apresentando á Ursini as joias que Angelo em nome de Rosina o tinha obrigado á receber.

O italiano empallideceo, e com os olhos nas joias e na escritura, balbuciou estupidamente:

— Ah !... sim... mas como foi ?...

Ernesto contou-lhe tudo.

Emquanto o velho fallava, Ursini tornava á si da surpresa dolorosa, que o confundira, menos pela mentira em que fora apanhado, do que pelo prejuizo que lhe custava a nobre restituição feita pela filha.

Quando Ernesto acabou de referir o que se havia passado entre elle e Angelo, o italiano coçava cabeça com ambas as mãos.

— E fiem-sé lá em mulheres !... disse o pae de Rosina : ah !... como a tal menina me enganou !...

— Enganou-o ?...

— Pela Madona !... Rosina, enganou-me, senhor compadre !...

— Ainda assim, disse Ernesto ; suppondo que o senhor é alheio á esse facto, que muito me magoou, sinto dizer-lhe, que vim prevenil-o de que nossas relações devem ficar cortadas de hoje para sempre...

Ursini ainda estava ás tontas naquella meada intrincada de Rosina, Angelo, e Ernesto ; mas a quebra de relações com o compadre rico era-lhe terrivel ameaça.

— Menos isso !... exclamou.

E coçando sempre a cabeça, disse depois de breve silencio :

— Senhor compadre... anda ahi intriga que ainda não entendo... havemos de arranjar as cousas á sua vontade, e sem o menor constrangimento e dezar de V Ex...

— Parece-me impossivel...

— E eu lh'o asseguro...

— Mas com que conta ?... sua filha me injuria...

— Tal e qual !... é o que me prova que ella nem sabe o que faz !... pobre menina !... o senhor compadre perturbou-lhe a razão...

— Já não creio nisso...

— Oh !... hei de convence-lo : deixe-me essas joias...

— Não, isso não : na repulsa destas joias e do *chalet* recebi uma affronta que não vejo meio de lavar. O valor de umas e de outro pertencerá á qualquer instituição de caridade, e eu guardarei as provas do ultrage...

Ursini tam perturbado e atordoado se achava que ferido por ameaça de prejuizo ainda maior disse como em instinctiva defesa :

— O *chalet*... oh !... mas... a escriptura ?...

Ernesto contava com a objeição.

— Sim ; tambem o *chalet*, cuja escriptura de venda á sua filha será annullada : o senhor se prestará á concorrer para que isso se faça sem publico desar...

— Eu ?...

— Sem duvida : tenho em mim declaração assignada por sua filha que diz regeitar o *chalet*, porque a compra delle foi falsa, e só o teve por doação minha com intenção immoral que ella veio á reconhecer...

Ursini rio-se com um rir feroz e perguntou :

— E d'ahi ?...

— O meu advogado assegura-me que nada mais lhe é preciso.

Ernesto mentia ; mas Ursini, o italiano matreiro, se deixava prender em suas redes, vendo as joias de Rosina nas mãos do velho, e achando pois verosimil tudo quanto ouvia em relação ao *chalet*.

O producto vil de seis mezes de abjecção de pae desnaturado estava perdido em um só dia,

em uma hora, em um momento do que Ursini dentro de si estava chamando loucura e traição da filha.

O italiano retorcia-se para concentrar e esconder o seu desespero: não comprehendia, não acreditava ainda que o *chalet* lhe pudesse ser tomado; mas o simples receio dessa perda o angustiava, e as joias, cujo valor igualava ou excedia ao do *chalet* estavam alli á seos olhos perdidos para seos calculos da fortuna de Rosina...

Era horrivel aquelle receio, e mais horrivel essa realidade para quem via em deseseis ou vinte contos de réis toda a riqueza de sua filha!...

O miseravel ainda poudé supitar a furia e em mal arranjado parecer de animada confiança, e em prosternação de inqualificavel baixaza dizer á Ernesto :

— Oh, senhor compadre!... não o conheço mais!... um homem de juizo á tomar ao serio as doudices de uma creança!...

Ursini não atinava no que devia dizer; mas, coçando sempre a cabeça, procurava um expediente, um meio qualquer para aquietar, illudir Ernesto, e rehaver as joias perdidas.

Ernesto de seo lado tinha empenho em suggerir-lhe o meio, que devia ser o laço da mais negra perfidia.

— Sua filha não é creança ; disse elle ; e a injuria que me irrogou... e a escolha que fez do homem portador da injuria...

— Ah ! eis ahi está o signal mais positivo e claro do seo desvario !... pobre menina !...

— Mas no seo desvario ella me insultou duas vezes, insultou-me, calumniando minhas intenções innocentes e puras, e vilipendiando-me diante do seu amado !

O italiano aproveitou as duas queixas de Ernesto para contrariando-as, e explicando o procedimento da filha, conforme o seo antigo e costumado ardil, embelecar o velho, como sempre conseguira, não tendo percebido que este era quem o estava dessa vez embaindo afim de leva-lo ao ponto que mirava.

— Senhor compadre, disse Ursini ; que injustiça cruel !... minha filha conhece e honra suas intenções puras, e, eu a conheço bem, desde muito o haveria repellido, se pensase o contrario...

— Mas agora repelle-me !

— Se eu já lh'o disse !... não foi culpa do compadre... ou... sejamos francos, foi... em parte foi... mas o certo é que a coitadinha o ama... e sendo honesta, como é... o seo desespero e os seus arremeços... ora... isso é tão natural !...

— E esse Angelo...

— Que idéa !... Angelo pedio-a em casamento e Rosina o regeitou ; mas o teimoso anda ainda sem duvida pelo beijo, e a desastrada menina utilisou-se da toleima do pobre tolo...

Nesse dia Ursini fallava tão desconcertadamente e com tão pouca finura, que não teria mistificado Ernesto ainda no tempo de suas faceis illusões de velho namorado, senão conviesse a este ir parecendo deixar-se lograr.

— Está dizendo cousas inverosimeis ! murmurou Ernesto menos encolerizado, mas ainda duvidando, como quem deseja não duvidar.

— Inverosimeis !... verdadeiras... incontestaveis... sol ao meio dia ! exclamou o italiano com ardor mal calculado.

— Acredita no que assevera, compadre ?... perguntou o velho, avançando um passo, e fazendo um movimento de quem hia entregar alguma cousa.

— Pela Madona, juro-o ! respondeo Ursini, estendendo os braços e offerecendo as mãos para receber as joias.

Ernesto recuou immediatamente, e disse :

— Não !... é melhor acabar de todo com isto.

Ursini enxugou com a manga da blusa o suor que lhe corria da fronte.

— A desfeita foi enorme!... acrescentou o velho.

— Foi! foi! reconheço-o, senhor compadre!... mas...

— Mas... o que?...

— A reparação póde ser igual!... respondeu o pae de Rosina com falsificada doçura de voz.

— E como?...

O italiano coçou a cabeça.

— Olhe, senhor compadre... basta-lhe ver e ouvir a menina pedir-lhe perdão, confessando-se arrependida e... amorosa?...

O velho immoral não soube esbofetear aquelle pae ainda mais immoral que elle; disse-lhe porém, fingindo generosidade :

— Não : sua filha não será humilhada diante de mim : continuo á respeita-la muito : não quero isso.

— Nesse caso... é difficil imaginar de repente ; mas... senhor compadre ! por quem é não nos prive da sua amizade !... escolha, determine a reparação... vejamos...

— Eu?... ah !... além do contrasenso, eu duvido do que lhe ouvi...

Ursini estortegava as mãos, quando coçava a cabeça; mas chegára á dominar-se bastante para sorrir muitas vezes e manter o tom suave da voz.

— Ora, o senhor compadre!... o protector da minha familia!... quero convence-lo da verdade!... ponhamo-nos de accordo na reparação da... do que parece desfeita... e que foi só, verá que foi só... só... ora, por fim o compadre ha de ver, que está sendo até ingrato!...

— Ah, compadre!... você é uma serea, que me deita á perder!... exclamou Ernesto.

E poz-se á passear ao longo da officina, como quem reflectia.

Ursini acompanhava com os olhos e a phisionomia o passeio do velho millionario, com os olhos em chammas infernaes e a phisionomia decomposta pela raiva, quando elle lhe dava as costas, e com olhar terno e humilde e com visagens de ridicula e baixa adulação, quando o tinha de frente.

No fim de alguns minutos de passeio e de reflexão Ernesto parou diante de Ursini, e disse:

— Não quero reparação: ao envez disso exijo que não tornemos á fallar, nem D. Rosina me falle da affronta que recebi. O passado está passado.

— É o melhor: não houve tal cousa... não houve.

— Mas isso não me basta. Preciso de uma grande e eloquente prova do que o compadre á pouco me jurou...

— E qual, senhor compadre?...

— Uma prova de... amizade e de confiança.

— É dize-la...

— De hoje á cinco dias é domingo de carnaval...

— Exactamente; é de hoje á cinco dias...

— Você, compadre, levará D. Rosina ao baile de mascaras do theatro... pouco importa qual... escolha...

— Isso é o menos; escolherei e iremos; mas... de caras á mostra ou de dominó?...

— Como quizer.

— De dominó... é mais agradavel... o interesse das intrigas... o senhor compadre estará prevenido para reconhecer-nos...

— Á meia noute em ponto deixaremos o baile, e D. Rosina sempre em sua companhia, está entendido, irá cear comigo, onde eu lhe tiver preparado a cea.

— Sempre em minha companhia... não vejo inconveniente algum... o senhor compadre quer honrar-nos... que vingança generosa.

Ursini fallava sem hesitação ; mas dentro de si começava á hesitar : viera-lhe ao pensamento uma cea em orgia ; e embora á seo lado sua filha no meio de vinte ou mais libertinos.

O pae perversamente ambicioso concebia temores de vingança escandalosa, e não ousava pensar em levar de rastos a filha até a exposição das dissolutas.

— Aceita?... perguntou Ernesto.

— Decididamente ! respondeu Ursini risonho e animado ; o senhor compadre nos quer obsequiar e honrar, e ainda em cima quer que eu diga, se aceito !...

E logo, rindo-se ainda, perguntou por sua vez e como indifferentemente, e por curiosidade banal :

— Faço idéa da cea !... e quantos seremos á mesa?... gente da escolha do compadre !... que gloria ! sociedade fina...

— Não : seremos á mesa sómente nós tres... ou... se a comadre se prestasse á ir tambem...

— Qual !... disse Ursini respirando tranquillo ; é perder a esperança ; Joanna não sahe de casa para festas, nem folia.

Ernesto mostrou-se levemente contrariado, e disse :

— E todavia eu quizera além de nós tres
alguem mais de sua familia : veja se convence
a comadre...

— Não se convencerá...

— E seo cunhado?... ao menos elle...

— Propicio?... é um peralvilho : preferirá
a companhia mais debochada...

— Não faço questão ; mas eu estimaria ter
toda sua familia, todos os seos parentes á mesa
da cea que offereço á D. Rosina... nós tres, elles
e ninguem mais...

— O senhor compadre exagera a delicadeza...

— Não ; eu quero D. Rosina, aceitando a
minha cea, distinguindo-me, e dando pleno tes-
temunho da confiança que deposita em mim,
mas decorosa e perfeitamente autorizada á isso
pela presença de seo pae, e de todos, ou de mais
algum de seos parentes.

— Ou sómente nós tres ou quatro ou cinco,
senhor compadre !...

— Ainda bem : garante-me isto?... irá com
sua filha ao baile e depois á meia noute sahirá
com ella para cear comigo?...

— Sim, palavra de honra.

— Responde-me pela condescendencia de sua
filha?...

— Sem a menor duvida.

— Em todo caso voltarei um destes dias para que me dê a certeza.

— Oh!... volte todos os dias...

Ernesto apertou a mão de Ursini e hia sahir.

O italiano não se poudo conter, e perguntou desbriosamente :

— Ah, senhor compadre!... repare que leva as joias que já dera de presente á minha filha e que...

— Levo-as, sim ; mas só por cinco dias : depois da cea que offereço á D. Rosina que me desfeitiou cruelmente, todas estas joias, o *chalet*, e o dote que prometti lhe serão entregues para sua filha.

Ursini segurou com força a mão de Ernesto e disse-lhe :

— Por quem é!... isso indica resentimento!... attenda-me um pouco...

— Não : D. Rosina poz em duvida a minha honra : já lh'o perdoei ; mas só tornarei á dar-lhe o que ella me atirou á face com insultuoso desdem, e a enriquecerei ainda mais com os dons de minha protecção innocentemente amorosa e paternalmente dedicada, depois que ella se des-

mentir, mostrando o seu arrependimento da offensa na prova de confiança que exijo.

E arrancando a mão que Ursini prendia entre as suas, Ernesto deixou a officina.

IX

Ursini ficando só, mas sem as joias e sob a ameaça da perda do *chalet*, deo expansão á sua raiva por tanto tempo refreada, desprendendo torrentes de injurias e de pragas contra Ernesto, e não poupando Rosina nos arrojos da furia ; e da tempestade de invectivas.

O italiano fallava ora sentado, ora andando ás tontas e na maior exacerbação : de repente em accesso de abrazada ira contra a filha precepitou-se para fóra da officina ; e investia pelo corredor do sobrado, quando já em meio da escada parou, e logo depois voltou com a mesma precipitação para donde sahira, e atirando-se em um banco de páo, disse por entre os dentes :

— Um demonio de obstinada !... que ia eu fazer ?...

Pouco depois levantou-se.

— Não ligo duas idéas !... exclamou, arran-

do de si a blusa que atirou a um canto ; a colera é uma paixão estúpida !... preciso socegar e não posso !...

Em mangas de camisa, como se puzera, dirigio-se ao sobrado, tomou ali o paletot e o chapéo e sahio sem destino.

Nesse e no seguinte dia Ursini não procurou entender-se com Rosina sobre a regeição da joias e do *chalet*, e antes mostrou-se ignorante do facto.

Ursini, tendo conseguido apasiguar seo animo revolto, meditou largamente, estudando as circumstancias, e as disposições e intentos da filha por um lado, e de Ernesto por outro, pensando não menos e sobre tudo nos meios de rehver a propriedade e os valores perdidos em brilhantes, e outras pedras preciosas.

A experiencia das ultimas semanas o fez abandonar toda a esperanza de convencer a filha á renovar fingimentos de amor com o velho milionario.

Desde muitos dias Rosina negara-se formal e energicamente á obedecer ao pae nesse ponto, e o obrigára á recuar, lançando sobre elle a responsabilidade do descredito que a estava punindo.

Por ultimo, a escolha de Angelo para executor

da atrevida resolução de Rozina, e o zelo com que este soubera satisfazer-la, demonstravão plenamente á Ursini que sua filha e o joven pintor se haviam reconciliado, correspondião-se e entretinhão relações sem duvida sob os auspicios de Joanna.

O italiano que julgára Angelo excellente noivo para Rosina, detestou-o então pelo prejuizo que o seo amor lhe viera causar.

Considerando assim, concluiu que lhe era indispensavel enganar a filha, e afugentar Angelo para reconquistar as boas graças de Ernesto, e pôr-lhe ainda maior tributo a riqueza.

Ursini queria enganar a filha para poder leva-la incauta ao baile de mascaras e á cea, que lhe darião as joias e o *chalet*, e se isso pudesse conseguir de Rosina, tinha já urdido um meio de espantar Angelo com apparencias de nova traição da amada, a qual no desespero do injusto desprezo que pela segunda vez soffria, naturalmente, como já tinha feito, se desferraria, ou pelo menos seria menos indocil ás suggestões de seo pae.

É claro que Ursini raciocinava sobre principios falsos; porque estava alheio á quanto realmente se passara entre Angelo e Rosina: mas

ainda assim havia em sua ardilesa perfida veneno sufficiente para produzir grande mal.

Todavia o convite exigente de Ernesto para o baile e para a cea preocupava um pouco o italiano, que, vencida a colera por elle chamada cousa estúpida, e tornado pela calma á esperesa de seo espirito atilado, começou á esmerilhar na proposta todos os intentos imaginaveis e todos os perigos possiveis.

Convém não esquecer que Ursini estivera sempre e continuava á estar disposto e prompto á sacrificar o decóro de sua filha para torna-la rica, e assegurar-lhe futuro sem privações nem aspero trabalho; mas que resalvava desses sacrificios o que elle exclusivamente reputava honra e pureza de donzella.

Por mais repugnante e desprezivel que seja a materialidade e a immoral falsidade da theoria da virtude e da honestidade da donzella, como a comprehendia o corrompido Ursini, certo é que elle assim pensava, e ainda é mais certo que elle, o vil escravo do dinheiro, não admittia jamais em seos calculos de ambição grosseira, e de sede de ouro devoradora, a idéa do sacrificio da honra de sua filha, isto é, do que, em suas aberrações de todos os são principios, con-

siderava as unicas e reaes honra e pureza de donzella.

Ora Ursini lembrava-se de que Ernesto mostrara empenho em que toda a familia de Rosina, ou ao menos mais algum parente além do pae, concorressem á cêa: esta exaggeração de cuidados em defeza da reputação da mulher que o tinha gravemente offendido, suscitara apprehensões vagas no animo do italiano.

Ernesto sabia que além de seo pae Rosina não tinha outros parentes, senão a mãe, que por educação e habito nunca se mostrava em reuniões publicas de ordem ceremoniosa, seo irmão que ainda dormia ao collo da ama, e seo tio que era apenas tolerado em casa, mas repugnado pela familia.

Ursini concluia d'ahi que Ernesto fizera tal convite com insistente ardor, porque tinha a certeza de que não seria aceito; inspirando dessa arte confiança, que talvez em seos designios não devesse merecer.

Além disso uma noite de baile carnavalesco é noite de febricitantes ousadias, e uma cêa depois de semelhante baile é quasi sempre a collição suspeita de Baccho e amor.

Ursini inquietava-se...

Mas Ernesto assegurára que á mesa da cêa só se acharião elle, Ursini, e Rosina, e afóra elles somente os parentes de Rosina, que se quizessem prestar á corresponder ao mais franco e positivo convite.

Que risco poderia Rosina correr nessa cêa?... Ursini estaria lá á seo lado.

Se Ernesto mentisse, e á mesa da cêa se mostrassem outros e estranhos convivas, Ursini tinha o direito de retirar-se á tempo, e de exigir satisfação depois.

Ursini nem temia, nem mesmo imaginava hypothese de abuso de força: iria armado e contava comsigo. e contava sobretudo com a posição e o estado social de Ernesto, á quem mais que á qualquer outro prejudicaria extraordinariamente alguma scena de escandalo.

Era pouco explicavel, pouco verosimil em homem que fora tam ludibriado e offendido pela mulher amada esse simples desejo vingativo de cear ao lado da ludibriadora...

Mas Ernesto adorava Rosina, e fora sempre e devia ser ainda ridiculo, tonto e desfructavel, como todos os velhos apaixonados por jovens quasi ainda meninas...

Ernesto se havia mostrado até então tam cre-

dulo, tam escravo, tam cego, tam facil de se illudir, tam... applique-se a verdadeira e perfeita qualificação, tam velho tolo, que uma tolice demais não devia admirar.

Ha um infinito de fraquezas e de illusões risíveis para a zombaria, e lamentaveis para a caridade, é a mania amorosa dos velhos...

Ernesto achava-se nesse caso : aos sessenta annos amava apaixonadamente Rosina, que podia ser sua bispeta !...

Ursini confiava nessa paixão de velho que era fonte de desvarios, e de credulidades de criança...

E no fim da cea as joias e o *chalet* em paga da condescendencia, e depois os amorosos donativos sob a capa de paternal protecção...

Que podia recear Ursini ?...

Mas o refalsado italiano concebeo uma idéa sinistra, e confundidora de Ernesto, ou pelo menos perturbadora de seos calculos.

Ernesto estendera o seo convite para a cea offerecida á Rosina á todos os membros da familia desta, certo de que além de Ursini nenhum outro appareceria á mesa.

Ursini, italiano astuto, resolveo contrariar Ernesto, levando comsigo e Rosina o menos es-

perado dos seus dous unicos parentes, o reprovado da familia, Propicio!...

Assim por excesso de sagacidade e de contido o italiano cahia por si mesmo e sem o pensar no laço que lhe estava armado, fazendo-se acompanhar pelo socio ou cumplice de Ernesto, que alias ainda cogitava em alguma explicação plauzivel para fazer admittir Propicio á meza da cea sem despertar apprehensões, se o annunciasse previamente, ou causar surpresa e desconfianças, apresentando inesperadamente o seu convidado.

Mas Ursini não estava perfeitamente tranquillo sobre os disignios do seu compadre millionario e poderoso: lembrava-se da tarde do passeio ao *chalet*: combinava a tentativa perversa desse dia com a refervescencia da paixão criminosa do velho e com o penetrante e recente resentimento da injuria que soffrera; e queria por tanto precaver-se bastante para ter sua filha bem á salvo de alguma violencia premeditada; ou de insultuosa zombaria publica, unicos perigos que imaginava e temia.

Ora desde que Ernesto declarára que somente convidava para a cea os parentes de Rosina, Ursini não tinha o direito, nem podia levar

um companheiro estranho, e entretanto a presença de mais alguém, que fosse simples testemunha, ou auxiliar em caso de necessidade, instinctivamente lhe parecia muito conveniente.

Ursini fazia de Propicio o merecido conceito : tinha-o em pessima conta e sabia que elle se achava em relações frequentes e de boa intelligencia com Ernesto; não ignorava porém o motivo e o fim dessa ligação, que seria em todo caso inutil e esteril sem o concurso e a complacencia do pae de Rosina.

Ora Propicio estava tam certo que dependia ainda mais do cunhado do que do velho millionario no seu intento de casar com a sobrinha; que de insolente e intratavel que d'antes se mostrara ; tinha-se fingido dedicado e submisso, e não poupava palavras, nem acções para indicar-se arrependido e em tudo obediente áquelle.

Ursini estava tam convencido da deslealdade de Propicio, como contava com o seu apoio, desde que estivessem em face um do outro ; porque o seu maior interesse o obrigaria á isso.

Não tinha duvida de que Propicio á soldo de Ernesto, espiava e trahia a vida reservada

e os segredos possíveis de Rosina, de Joanna e principalmente d'elle proprio ; mas tambem para adula-lo e recommendar-se ao seo favor, dava-lhe conta não pedida das suspeitas, dos ciumes, dos furores e desconfianças, e emfim de quanto a paixão insensata do velho projectava, e esperava em impudicos arrebatamentos.

E nesse proceder traidor e detestavel Propicio déra por ultimo ao menos uma prova de que não mentia á Ursini.

Desde cinco dias o miseravel duplice espião, como o cunhado o reputava, tinha vindo dizer-lhe e repetir-lhe com certo ar de receio e de confusa previzão :

— Mano Ursini...

Porque elle tornára a trata-lo como nos primeiros tempos.

— Mano Ursini, tome cuidado ! ha grande novidade : o velho está endiabrado e furioso : parece que lhe cahio um raio em cima !... não desembucha por mais que eu o aperte e provoque á fallar ; mas, palavra de honra, ha grande novidade, mano Ursini !...

Durante cinco dias elle havia repetido isso, e Ursini que desprezara o avizo no primeiro, nos outros se impressionara, ouvindo-o ; porque

Ernesto não lhe apparecia, e emfim reconhecera a verdade, talvez bem tarde para remediar o infortunio.

E era muito verosimil que o velho desfeitoado e vergonhoso escondesse o ultrage lubdibioso á Propicio.

Este ultimo facto provavelmente concorrera para que Ursini se deliberasse á levar comsigo o cunhado á partilhar a cea offerecida por Ernesto.

Mas como se pode comprehender que Ursini, concebendo duvidas sobre as intenções e projectos do velho millionario, naturalmente ouzado pela sua riqueza; e receiando perigos para o pudor e a honra de sua filha, não recuasse ante a idea de expo-la ao escandalo publico, ou ás violencias do crime?...

É triste; mas é facil comprehende-lo.

Ursini queria reconquistar as joias que Rosina restituira desdenhosa e que valião alguns contos de reis.

Ursini tinha ido consultar confidencialmente um advogado de confiança e d'elle ouvira que a compra do *chalet* podia ser annullada, se Rosina a declarava ficticia, e denunciava a intenção immoral do doador, que dissimulára a transacção, dando o dinheiro para a compra do predio.

As joias e o *chalet* representavam o valor de deseseis á vinte contos de reis.

Ora, a aceitação da cêa tinha por premio a reivindicação das joias e do *chalet*.

O italiano era jogador : aceitou a parada e hia jogar a honra da filha.

X

Ursini não representava no theatro dramatico; mas era habil comico.

Tinha despendido metade de um dia á vencer a colera que era uma cousa estúpida, e empregado um dia inteiro á meditar, e á tecer perfida rede.

No terceiro dia, e á hora que mais opportuna lhe pareceo, deixou a officina, e subio ao sobrado com o rosto em alegria, os labios á sorrir, e os braços abertos, como á abrir o seio.

Foi-lhe facil encontrar e abraçar quem procurava: encontrou e abraçou Rosina que estava ao lado de sua mãe.

— Heroína!... tola, enormemente tola, ao menos porém heroína de arrebatár!... exclamou elle.

— Que ha de novo?... que fez ella?... perguntou Joanna.

— Tu bem sabes, conselheira do bem!...

— Eu?... juro que não entendo... nada sei...

Ursini não duvidou nem um momento da sinceridade de sua santa mulher.

— Ainda melhor!... disse; espontaneidade de anjo!... mas não lhe perdoou ter confiado mais no noivo do que no pae!...

E abraçou outra vez Rosina.

A mãe e a filha estavam enleadas e confusas.

— Que foi?... que houve?... perguntarão ambas á um tempo.

— Sangue italiano!... arrojo desinteressado e nobre de heroína!...

— Mas emfim!...

— Joanna!... esta menina faceira e vaidosa; este diabinho, por cuja força de vontade e resolução energica ninguem ousaria apostar, fez uma tolice que vale um milhão de abraços...

— Então?...

— Eu maldigo da tolice; mas adoro-a!... foi acto heroico!...

— Que fez ella?... tornou Joanna á perguntar.

— Oh!... a maior e a mais sublime parvoice: atirou com todas as suas ricas joias, e com a escriptura da compra do *chalet* á cara do nosso compadre!... e sem nós sabermos!... o bello

demoninho foi além ; porque escolheu para executor de seu decreto de rainha o rival do velho... o seu noivo presumptivo... o feliz e abençoado Angelo !...

Rosina empallidecera e logo depois corára.

— Rosina !... disse Joanna em tom de quem interrogava,

— É verdade, minha mãe : respondeo a donzella com os olhos no chão.

— Fizeste bem e mal ; bem no que mandaste regeitado ; mal no portador da regeição...

A sabedoria do amor maternal déra a sua lição.

Ursini tomou de novo a palavra :

— Minha filha, eu não me queixo mais de não haveres confiado bastante em teu pai : confesso: eu teria creado embarços á acção que praticaste ; porque conheço melhor as realidades deste mundo ; mas emfim o que fizeste foi bonito, foi estupendo !...

Rosina olhava admirada para seo pae : ao envez de reprehensões e de infezados ralhos, com que contava, recebia louvores e applausos !...

Ursini continuou :

— Entretanto, menina, pois que começaste a obra, é preciso remata-la : repito que embora

galharda e bella a tolice foi grande ; mas agora convém não desmerece-la, deixando-a incompleta...

— Que quer dizer, meu pae?...

— Quero dizer que aquella piano deve seguir o caminho das joias e do *chalet*.

Rosina atirou-se nos braços de Ursini.

Que sensações causaria na alma daquelle pae aquelle abraço da filha?...

Ursini commoveu-se e perturbou-se um pouco; logo porém reprimio o impulso da natureza, e proseguio dizendo :

— Deixa isso por minha conta : o piano é carga muito pesada para o teu noivo.

Rosina desejou; mas não ousou confiar então ao pae o triste desenlace do seu amor para não toldar a alegria de que elle se mostrava possuido.

— Obrigada, meu pae ! disse-lhe, beijando-lhe a mão.

— Bem, muito bem ; mas ainda não basta a remessa do piano.

— Que mais é preciso ?...

— Em primeiro lugar é necessario não deixar suppôr que te custou, o que fizeste...

— Oh !... não me custou, não !...

— Eu o creio e o estou vendo; mas a tua melancolia e o teu encerro, a apparencia de desgosto que te abate, podem indicar o contrario á *quem quer que seja...*

— Outros motivos me quebrantarão; murmurou Rosina.

— Sejão os motivos quaes forem, e eu appello para o teu proprio juizo, depois do que praticaste, essa tua tristeza te vai mal: debes ostentar-te alegre, faceira, feliz; debes sahir á passeio... divertir-te...

Ursini preparava o animo da filha para o baile do carnaval, á que lhe convinha leva-la.

Joanna veio innocentemente em socorro do marido.

— Ursini pensa com acerto, Rosina!... disse ella.

Rosina não respondeu: julgava-se incapaz de affectar alegria, e comtudo achava razão no que seu pae dizia.

— Resolvido este ponto, continuou Ursini, convem resolver promptamente outro...

O italiano chegava astutamente á provocação de revelações de segredo, cujo conhecimento almejara para mais seguro se conduzir em sua empreza difficilima.

— Que outro ponto, meu pae?... perguntou Rosina.

— Que outro ha de ser?... o do teu casamento com Angelo.

Rosina descorou.

— Da minha parte approvação jubilosa ; da parte de Joanna, pendor antigo e sympathico para o feliz e digno rapaz ; da tua, minha filha, não tenho mais á inquerir : só um noivo se prestaria á ser portador do presente de espinhos que mandaste ao meo rico e ridiculo velho compadre...

Rosina e Joanna olharão-se confundidas, e sua confusão não escapou á Ursini, que proseguio, dizendo :

— Porque Angelo não nos visita e frequenta?... querem ver que elle desconfia de mim?... voces ambos o tem talvez levado á isso !... como me julgarão mal !... mas hei de vingar-me com o tal pintor do quadro da visão do Tasso...

— Oh !... exclamou Rosina.

— Ursini ! disse Joanna ; esquece isso hoje...

— Como !... então ?... que embrulhada !... voces me põe doudo !...

Rosina estava captiva de seo pae que tão bom, complacente e amoroso lhe abençoára o acto, de

que aliás transpirava desconfiança do seo amor. Ella tomou-lhe a mão, e disse-lhe commovida :

— Perdão, meo pae !... fui ingrata, escondendo-lhe segredos, porque o julguei menos zeloso de sua filha !... fui ingrata, e este dia veio provar-me que o fui !... perdão !...

— Perdoo-te... e que remedio ?... convenho, em que havia apparencias á condemnar-me... e todavia... era tudo amor de pae !... mas porque choras ?... que me importa o passado ?... guarda lá os teos segredos...

— Não ! não !... disse Rosina, soluçando ; meo pae deve ler em meo coração... tudo !...

— Deixa isso, menina !... para que has de affligir-te !... acudio, dizendo-o, Joanna que ou queria poupar a filha, ou ainda não confiava bastante do marido naquelle assumpto.

Mas a joven donzella, tomando lugar ao lado do pae, á quem fizera sentar-se, cravou os olhos no collo, e com a mais doce e triste expressão de confiança, foi refferindo á Ursini de principio ao fim todo o enredo de sua vaidade, de seo amor, de sua paixão, e do seo desencanto com Angelo ; disse-lhe tudo, reppetio-lhe a substancia de suas cartas, e finalmente deo-lhe conta da quebra de seos laços, e do abysmo cavado profundamente entre ella e o amado que amava.

Ursini escutou-a com attenção, e mais de uma vez fugitivo sorrir passou por seos labios, e se os olhos brilharão em flammias passageiras: elle ouvia, recolhia confissões, e meditava. Em vez de commover-se, aquelle pae de filha infeliz parecia animar-se...

Quando Rosina acabou de fallar, Ursini poz-se á rir e disse :

— Dous corações de cherubins, duas cabeças de creanças estonteadas, e casamento em breve !...

— Nunca !... respondeo Rosina, levantando a cabeça, e mostrando a fronte orgulhosa e serena.

— Questão de proximo futuro ; fique adiado por oito ou quinze dias : declaro-me protector de Angelo e inimigo jurado da cabecinha volcanica de minha filha !... mas, Joanna tem razão ; não tratemos deste assumpto hoje... hoje vim dar um alegrão á Rosina e quero voltar e volto alegrissimo.

E Ursini levantou-se para sahir.

— E como soubeste o que eu não sabia ?... perguntou Joanna ; quem te disse, o que Rosina por si e tão secretamente fez ?...

— O tigre velho veio esta manhã rugir embravecido na officina.

— E tu !...

— Que remedio ! confesso que me doeo o prejuizo ; mas a bella doudice já estava feita ; puz-me á rir, e disse que Rosina sabia melhor que todos o que o dever e o decoro lhe aconselhavao..

— E elle ?...

— Rugio ainda mais furioso, e poz-se fóra, como navio á vélas soltas...

— Ainda bem !... estamos livres desse homem !...

Ursini fora recuando, e já estava na porta.

— E o piano, meo pae ?... perguntou Rosina.

— O piano ha de ir e quanto antes : ah, menina de fogo ! não fui eu quem te lembrou a restituição do piano ?... deixa isso á mim.

E Ursini desapareceo, descendo a escada precipitadamente.

O pae acabava de enganar a filha.

Tinha-lhe sido facil illudi-la, fazendo-a acreditar em sentimentos, que o amor filial devia achar verosimeis, e que a natureza explica e abençoa : Ursini havia ainda, aconselhando Rosina á vencer sua melancolia, á furtar-se ao isolamento e ao encerro no lar domestico, e á mostrar-se contente, faceira, como d'antes, pre-

disposto os meios de leva-la á condescender em ir com elle ao baile de mascarar.

Até ahí não era difficil a empresa, e já em grande parte estava bem encaminhada.

Mas a cea ?...

Ursini tinha engendrado, e regeitado dez ou mais estratagemas por inexequiveis ou demasiadamente compromettedores de seo caracter de pae.

Elle começava á ter medo da opinião e da consciencia da filha.

Todavia as joias e o *chalet* o impellião á novo opprobrio, e o ambicioso cedia ao empenho.

Ursini voltava sempre a imaginar planos, e ciladas em que parecesse innocente, e esperava sempre ou da sua astucia, ou do acaso, alguma inspiração feliz.

Não a tivera até então nem da sua astucia, nem do acaso ; mas deo-lh'a a propria Rosina, confiando-lhe imprudentemente toda a historia do que se havia passado entre ella e Angelo.

Ursini ouvira attentamente a narração do amor, do desengano, do infortunio da filha, pensando em Ernesto e na cea.

Quando acabou de ouvir, já tinha por ganha a partida.

Deixando Rosina embalada em doce illusão, e para não expôr-se á que ella visse Ernesto procura-lo na officina, o italiano ambicioso apressou-se á ir ao escriptorio do compadre levar-lhe a segurança da aceitação do convite.

Ernesto recebeu friamente Ursini em sua sala particular.

— Veio trazer-me a negativa de D. Rosina?... perguntou-lhe.

— Ao contrario, senhor compadre; venho dizer-lhe que iremos ao baile, e que aceitaremos a cea.

— Então... sua filha conveio...

— Por ora em metade, porque já se resolveo á ir ao baile...

— É o menos...

— Mas eu respondo pelo mais.

-- Como?...

Em vez de responder Ursini perguntou :

— Sabe porque não o esperei lá em casa para dar-lhe a resposta que lhe vim trazer aqui!...

— Não.

— Porque podia acontecer que Rosina visse o senhor compadre entrar na officina, e ali ficar em conversação comigo.

— E que mal havia nisso?...

— Nem é bom imagina-lo : a menina desconfiaria da nossa intelligencia, e ficaríamos com a cea perdida.

— Ah!...

— Só vejo um meio de leva-la á cea, é ella... e eu tambem enganar-nos sobre a pessoa, com quem iremos cear.

— Explique-se ; disse Ernesto de máo modo.

— Senhor compadre, a menina é um anjo!... confessou-me tudo... tudo... ah! se o compadre fosse solteiro e a quizesse honrar, dando-lhe o seo nome!...

Apezar de quanto Propicio lhe havia dito, esclarecendo-o sobre a irrisão de que era victima, Ernesto, o velho namorado, ainda abalou-se, ouvindo Ursini, e perguntou com interesse :

— Que lhe disse ella?...

— A pobre menina!... declarou-me que por sua desgraça, disse-o assim e chorando, que por sua desgraça amava ternamente ao compadre... increpou-o muito, jurando-me que o compadre a incitava á ama-lo de modo que mais de uma vez ella se sentira enfraquecer...

Ursini interrompeo-se, fingindo que se confundia.

O velho, reconhecendo a verdade nas queixas

attribuidas pelo italiano á filha, commoveo-se apaixonado, e grato á accusação que lisonjeava a sua vaidade, e murmurou, suspirando :

— Que injustiça !... o inco amor... tão santo...

— Isso mesmo lhe repeti eu ; ella porém á chorar ainda mais, protestou que dobradamente criminoso era o amor que a inflammava e que a fazia corar...

— Compadre !... exclamou o velho.

— E eis-aqui agora o peor do caso ! continuou Ursini ; a triste martyr disse-me, que para salvar-se resolvera não tornar á ver o compadre, restituir e regeitar os presentes e donativos que havia aceitado, offendel-o assim e ainda mais com a escolha do portador da affronta para que o senhor compadre a esquecesse, a odiasse, e della fugisse para sempre...

— Eu?... ah !... tornou á exclamar o velho ; o senhor é pae de Rosina, e se está mentindo, é infame !!!

Ernesto, esquecido das prevenções e dos avisos de Propicio, tornava ás suas horas de insensata credulidade.

— Eu mentir !... eu !... respondeo Ursini ; mas o peor do caso agora é que vae !... a doudi-

nha rematou o proprio sacrificio, promettendo e ajustando casamento...

— Á quem?... com quem?... ah! sim... com elle...

Ernesto agitava-se desatinado.

— Exactamente: Angelo na historia; eu porém não quero que minha filha se case com esse... ninguem.

— É o nome... mas... D. Rosina...

— Mudará de resolução na cea; disse Ursini com incrível desfaçamento.

— A cea!... ella não irá... não irá!...

— Se ha de ir! tenho nisso dous grandes interesses: o de reconciliar a menina com o compadre, e o de livrar-me do casamento que reprovo.

— E como conseguirá?...

— Rosina e eu... pensaremos que vamos cear com Angelo, e nos acharemos á mesa com o senhor compadre.

— Impossivel!

— Travessura facilima no carnaval: todos os mascaras fallão em falsete: o senhor compadre é habilissimo, e eu lhe confiarei certos segredos que farão com que Rosina o tome por Angelo. É o unico expediente.

— Angelo é mais alto e muito mais magro do que eu...

— Botinas de altos tacões e grande capuz no dominó disfarção a altura, e não ha magreza que que possa notar-se dentro das proporções amplas desse *costume* que até é capaz de dissimular o sexo.

— Compadre! compadre! disse Eruesto; eu queria que sua filha aceitasse o meo convite... era a minha condição... e... mas... o que você me diz é provocador!

— E... o caso torna-se romanesco...

— E os segredos que devo saber?...

— Temos ainda dous dias antes do carnaval. Conte comigo aqui depois de amanhã á esta mesma hora.

— Mas na cea? no momento da desillusão?...

— Ficarei eu espantado, e ella...

— E ella?...

— Naturalmente sorprendida e agradavelmente reconciliada pelo duplice encantamento da intriga, e da generosidade do senhor compadre.

— Aceito o seu expediente, disse Ernesto depois de reflectir algum tempo.

Convinha ao lascivo e tredo velho qualquer traça que lhe trouxesse Rozina á cea, em que elle contava consummar o crime premeditado; julgára porém dever fingir que reflectira antes

de decidir-se, porque já sabia que tratando com Ursini, não havia manha que demasiada fosse.

O ajuste se achava feito, e Ernesto silencioso parecia estar com os olhos á despedir o italiano, que aliás risonho e contemplativo se conservava sentado.

O velho adivinhou-lhe o pensamento, e disse-lhe :

— Dou-lhe minha palavra de honra, que se dona Rosina cear connosco na noute de domingo do carnaval, entregarei na manhã da segunda-feira ao compadre todas as joias que ella repudiou, e me obrigo tambem á manter a venda do *chalet* á sua filha, se ella o quizer, ou, no caso contrario, á substitui-la por contracto de venda feita propriamente ao senhor.

— Ah, meu caro compadre !...

— Dei-lhe a minha palavra de honra. Basta. Ursini obedeceu á despedida.

XI

Tudo concorria para que tivesse exito completa a execranda traição.

O ouro do velho millionario e depravado tinha comprado a cumplice que devia prestar sua casa para a perpetração do crime.

A torpeza perversa de Propicio assegurava á Ernesto um adjutor infame e illimitadamente dedicado.

A ambição infima, inqualificavel de Ursini desfazia todos os obstaculos que poderião impedir o attentado que se premeditava.

E finalmente Rozina estava tão penhorada da bondade e do amor com que seo pae approvára ou pelo menos sustentára o seo procedimento arrojado no facto do repudio dos presentes e donativos de Ernesto, que não soube oppor seria resistencia ao instante convite para ir ao baile de mascaras.

Desde que contou com a aquiescencia da filha, Ursini que não perdia de memoria a necessidade de pontos de defeza ulterior para si, propoz á Joanna que os acompanhasse ao theatro.

Elle tinha a certeza de não o conseguir.

Não houve eloquencia de marido e de filha que pudesse convencer Joanna, á quem a idea de expor-se sem mascara aos gracejos e intrigas proprias desses bailes cauzava vexame e temor, e o recurso de tomar um dominó repugnava pela educação recolhida, timida, e modesta que recebera de seo pae, e mantivera em sua vida conjugal.

— E, todavia, dice Ursini, no baile de mascarar respeita-se mais á um par, do que á um individuo, e mais á um grupo do que á um par!... e tu não imaginas, Joanna, como aquillo é divertido!...

— Deos me livre! no meio daquella multidão de gente douda!...

— Eu vou tomar um camarote... nelle estaremos livres da multidão...

— Rosina vae bem, indo contigo... ella precisa distrahir-se, e eu devo ficar junto de meo filho. É tempo perdido teimar.

Ursini pareceo contrariado.

— Faze o que te parecer : és obsti nada de mais !... eu vou já escolher *dominós* para mim e Rosina : que cor preferes, menina ?...

— A que julgar melhor, ineo pae : de outra cousa me occupo mais... respondeo Rosina.

— De que ?...

— Da promessa que me fez e ainda não cumprio. Olhe... o piano continua á estar ali....

— Que queres ?... o velho desapontou de modo, que não tornou á apparecer-me... não hei de mandar-lhe o piano ao escriptorio, e menos á chacara, onde elle tem a familia... isso faria ruido que não convem...

— E se elle não voltasse mais ?... não era razão para ficar aqui o piano...

— Por certo, minha exaltada ! vou escrever terminantemente ao tal meu compadre, exigindo que me indique onde quer que seja entregue esse ultimo objecto... que...

— É melhor assim; disse rapidamente Rosina, cortando a palavra de seu pae.

Foi na sexta-feira, ante-vespera do carnaval, que Ursini conseguiu, sem grande esforço, que a filha se prestasse á ir ao baile mascarado na noite de domingo.

Na manhã do dia seguinte, aquelle pae desnaturalado pela ambição passou não menos de duas horas encerrado com Ernesto na sala, onde estivera dous dias antes; garrulo, adulador e ignobil, não esqueceo um só dos segredos dos amores, dos ciumes, e das ternissimas e apaixonadas discordias de Rosina e de Angelo.

Ernesto achou-se habilitado para, sob o socorro da mascara, fingir a pessoa de Angelo, e Ursini, tendo acabado de atraiçoar a confiança da filha, retirou-se tranquillo, e seguro de que ninguem, afóra o velho millionario, podia dar testemunho da sua inacreditavel perfidia.

Mas apenas Ernesto ficou só, Propicio adiantou primeiro a cabeça, e logo depois sahio do pequeno e indiscreto quarto que havia no fundo da sala.

— Que patife!... disse; mas é elle mesmo que põe o pescoço no laço e não haveria justiça na terra, se não o enforcassemos!...

Ernesto sorriu-se.

— Mas, que diabo!... V Ex. esqueceo-se de mim...

— Como?...

— De que modo apparecerei no melhor da historia?... ainda não se resolveo a minha verosimilhança de convidado para a cea...

— Tem razão: passou-me isso... mas... nem sei!... talvez um encontro no baile...

— Créio que é circumstancia grave... eu sou suspeito... aquella sucia lá de casa tem a insolencia de desconfiar de mim!...

Ernesto confessava-se embaraçado: o concurso de Propicio lhe era indispensavel; mas a explicação da sua presença na cea era difficil.

Propicio não adiantava idéa...

O velho esperançoso, animado, e certo de todas as condescendencias de Ursini, acabou por dizer:

— Pensemos ambos nesta especie até amanhã á hora em que temos de encontrar-nos: se ainda então nenhum de nós tiver inventado pretexto aceitavel para o caso, resolverei a difficuldade pelo unico modo possivel, direi á Ursini que o encontrei, e que... o convidei para a cea, attendendo ao seo parentesco...

— E as desconfianças do tratante de meo cunhado?... olhe, não deite á perder a obra!...

— Seo cunhado é meo escravo, e não tem nem faculdade de pensar, nem consciencia, emquanto não apanhar as joias, que a filha regeitou, e o *chalet*, de que suppõe que ainda estou no caso de de dispôr á minha vontade. Eu respondo por Ursini.

— E pela vivatona de minha sobrinha?...

— É ella que me desassocega... pensemos pois até amanhã... tudo mais está em optimo caminho... é impossivel que não achemos alguma luz para este unico ponto escuro...

— Diabo!... o que eu queria era achar um bocado de escuridão para este ponto demasiado claro!...

— Ou isso: pensemos até amanhã: agora deixe-me só.

Propicio aproximou-se de Ernesto, e sem corar nem vexar-se disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

O velho conteve um movimento de desagrado, e tirando do bolso a carteira, deo á Propicio um bilhete de cem mil réis.

A corrupção rica pagava o aluguel da corrupção pobre.

Erão duas corrupções irmãs: entendião-se; porque uma precisava da outra.

Mas Ernesto havia adivinhado: estava para elle tudo em tão bom caminho, que era impossivel não achar-se alguma luz para o unico ponto escuro, ou, como dissera Propicio, um becado de escuridão para esse ponto demasiado claro.

Ursini resolvido, como estava, á obedecer ao

arbitrio caprichoso de Ernesto, nem por isso dissipára os receios vagos que lhe inspirava aquella cêa offerecida com apparencias generosas por esse velho orgulhoso, apaixonado e recentemente offendido. Dir-se-ia que os ultimos instinctos do amor paternal ainda se despertavão em natureza tam estragada.

A facilidade com que Ernesto, que poucos dias antes se manifestára desabridamente resentido, e altivamente generoso, aceitára o expediente insidioso de ir no baile de mascaras insinuar-se, como se fôra o seo proprio rival, para conseguir por maliciosa astucia, o que aliás tinha exigido que fosse devido á voluntaria condescendencia, ou á submissão de Rosina, aggravára ainda mais os temores incertos, mas inquietadores do animo do italiano.

Assim, acalentando sempre a idéa de soccorrer-se á Propicio, que tanto delle estava dependente, Ursini esperou cauteloso pela tarde do sabbado para entender-se com o cunhado na persuasão de que este não se tornaria á encontrar com Ernesto antes do baile.

Propicio que representava como podia o seu papel de vadio arrependido, e que lisongeava por todos os modos o pae de sua sobrinha, era

certo em todas as tardes á fazer-lhe humilde côrte.

A hora do costume aproximou-se respeitoso, e conforme uzava para obrigar o cunhado á ouvi-lo, e á dizer-lhe em troco algumas palavras, fallou-lhe de Ernesto, á quem frequentava, dizia elle, sómente no interesse de Ursini e de Rosina.

Propicio informou que o velho de furioso e desesperado que se mostrara nos dias anteriores, affectava, ou deveras sentia anciedade menos colerica, e antes esperançosa, guardando porém como d'antes reserva absoluta sobre os seus sentimentos.

Ursini, empregando refinada habilidade, interrogou o cunhado de modo á surprehender-lhe nas respostas o mais leve indicio de que Ernesto o houvesse prevenido do convite para a cêa.

Propicio respondendo com promptidão á tudo, soube conservar-se impenetravel. Das suas respostas conhecia-se apenas e sempre que Ernesto procurava por-se ao facto de quanto se passava e se dizia na casa de Ursini. Em relação ao carnaval, de que aliás o italiano não fallára, sómente relatou uma pergunta que o velho lhe fizera *d tres dias* : « a gente de sua casa costuma concor-

rer ás festas ~~car~~navalescas?...» « — Nem sempre;» dissera elle, e Ernesto carregára os sobrolhos e pouco depois o despedira.

Ursini lembrou-se de que *á tres dias* o seo maldito compadre ainda não tinha recebido a certeza da aceitação da cêa, e portanto Propicio parecia dizer-lhe a verdade.

Seguiu-se longo silencio entre os dous. O italiano rocolhia e arrumava seos instrumentos de trabalho.

Propicio fez um movimento para sahir.

— Espera disse-lhe Ursini.

Propicio ficou em pé e immovel.

O italiano tendo acabado de guardar a ferramenta, voltou-se para o cunhado e fallou-lhe menos rispido e severo que do costume.

— Façamos por esquecer-nos agora desse velho perverso, que ajudado por minhas imprudencias, comprometteo a reputação de Rosina.

Propicio abriu grandes olhos.

— Tu não sabes o que ha.... sabe-lo-ás depois; mas uma só e ultima vez terei de submeter-me á tolerar com boa cara as impertinencias, e ouzadias do meo compadre millionario... é preciso e inevitavel... e depois...

porta fechada! já não ha interesses nem considerações que me possam dobrar á supporta-lo... detesto-o...

Propicio não sabia que pensar; mas desconfiava do cunhado tanto, quanto o aborrecia.

— Todavia, continuou Ursini; Rosina, embora innocente, é e fica mal julgada!... esta idea me mata!... eu amo minha filha, Propicio, e concorri para a seo infortunio!

— Se alguém ousasse faltar o respeito á Rosina, o mano Ursini não precisaria incomodar-se!... disse Propicio, mostrando os punhos fechados.

Ursini sorriu-se tristemente, olhando agradecido para o cunhado.

— Ninguem se atreverá á desrespeita-la; mas que homem estimavel quierer á casar com ella?... eis o que me afflige. Angelo que a amava, é orgulhoso e insensato: hoje ainda que elle se apresentasse, nem eu, nem Rosina o aceitaríamos...

— Nem ella, mano Ursini?...

— Nem ella.

E após curto silencio, o italiano proseguio, dizendo:

— Propicio!... és capaz de tornar-te verdadeiramente bom?...

Propicio cravou os olhos no rosto do cunhado, e respondeu hypocritamente :

— Fui, tenho sido máo : confesso-o...

— Tens sido famoso vadio !... olha : eu vejo bem que pareces querer corrigir-te... desde algumas semanas és outro homem... se quizesse trabalhar e regenerar-te !...

— Se quero, mano Ursini ?...

— Propicio ! tu amas tua sobrinha... sabes que ella é innocente e pura... regenera-te... trabalha... sê homem de bem !...

— Oh ! sim ! palavra de honra !... ao diabo a vadiação !... mas depois ?...

— Eu nunca te odiei... condemnava os teos vicios... Propicio ! tu podes ser, alem de meo cunhado, meo genro !...

— Ah !... juro trabalhar sem descanso !...

— Nem tanto...

— Mano Ursini !... isto é deveras ?...

— Se provares que te corrigiste da ociosidade e das más companhias...

— E minha sobrinha ?... ah, mano Ursini !... ella me detesta...

— Eu respondo por minha filha.

— Então... palavra de honra !... leve o diabo o carnaval !... mano Ursini, imponha-me trabalho, e verá como me desenvolvo...

— Não ! o carnaval é para a folia : basta que venhas trabalhar comigo ao começar da quaresma... é o periodo da penitencia e do arrependimento... despede-te da vadiação e das orgias nesses tres dias de loucura... vae aos bailes de mascararas... vae !

— Já nem penso mais nisso...

Ursini sorriu-se e disse :

— Não gósto de extremos : eu tambem aproveito os dias de folgança...

E como se lhe acudisse subito pensamento, Ursini exclamou :

— Propicio !... uma idéa !... queres ir amanhã comigo e Rosina ao baile de mascararas ?...

— Amanhã ?... Rosina vae ?

— Rapaz, veio-me neste momento uma inspiração feliz... nem sabes... nem pensas, onde te levarei !... mas quero que vás comigo... prepara-te : iremos ao baile...

— Mano Ursini !...

— Amanhã á tarde não deixes de vir fallar-me : eu te confiarei então um segredo importante... para nós ambos : agora vae alugar ou comprar o *costume* carnavalesco que melhor te parecer, e amanhã á tarde aqui !...

Propicio adivinhou que o cunhado ia convida-

lo para a cea de Ernesto, e temendo atraiçoar-se pela satisfação e contentamento que sentia, deo-se pressa em deixar o cunhado, dizendo-lhe :

— Disponha de mim sem limites... amanhã á tarde aqui !...

Ursini não procurou reter Propicio, e apenas se achou só, foi sentar-se á mesa onde tinha seos livros, e tomando uma folha de papel de pezo pequena marca, escreveu com a mão esquerda para mais seguro disfarce da letra :

« Angelo : — Amanhã no baile de mascaras do theatro de S. Pedro de Alcantara, Rosina, a filha de Ursini, disfarçada em *dominó preto*, com fitas escarlates, se encontrará com o seo querido velho Ernesto que tambem em *dominó* se fará reconhecer, e, á meia noute em pouto, ella e seo pae, e elle e um confidente, sahirão para ir cear juntos, onde os espera amiga e discreta protecção de seos amores. Vae! observa! convence-te! desengana-te. »

Tendo ajuntado á essas linhas a data de 26 de Fevereiro de 1870 que era a da vespera do domingo do carnaval, Ursini fechou o bilhete anonymo, poz-lhe o subscripto, marcou a rua e o numero da casa de Angelo, e logo, sahindo de casa, foi lançar a carta perfida e envenenada

que devia livra-lo da influencia suspeita do mais
nobre adorador de sua filha, na mais proxima
caixa do correio urbano

XIII

Chegára o domingo do carnaval.

Rosina ainda mais triste do que nos dias antecedentes apenas olhára para o rico *dominó* de velludo preto com laços de largas fitas de chamalote incarnado vivo, que seo pae lhe troucera.

Ternissima lembrança cheia de saudade e de amargura enchia a alma da donzella, que se voltava toda para o passado.

O dia estava passando assim.

Joanna esforçava-se por não perseguir a filha com estereis consolações e perguntas vans; vendo porém duas lagrimas á tremer-lhe nos cilios, não se conteve, e disse:

— Que consumição, menina!... hoje ainda peor que hontem!...

— É natural; respondeo Rosina, suspirando.

— Porque?... vás de má vontade ao baile?... ainda é tempo... não irás...

— Oh !... ir ou não ir, que vale isso !... a dôr não está lá no baile... está aqui.

E apontou para o coração.

Joanna ficou olhando em silencio : que podia ella dizer ?...

Rosina sorriu-se com aquelle rir de ironia que as vezes escapa á melancolia acerba na recordação do bem que não se soube aproveitar.

E á sorrir desse modo, disse.

— Minha mae, hoje devia ser o meo dia de nupcias !...

— Como ?...

— Angelo me tinha dito... foi em Setembro do anno passado... oh ! tenho bem de memoria a noute... a minha agitação e o empenho de casarme... sem amor... ai ! eu não o amava então !... mas tenho de memoria suas palavras !...

— Menina !... minha filha !... exclamou Joanna.

— Elle me disse : « espera-me seis mezes... se queres, marquemos o dia da minha suprema dita... a nossa felicidade se realise no meio das alegrias de todos... o nosso casamento no domingo do carnaval...

E Rosina após curto silencio murmurou como se o coração lhe gemesse nos labios.

— Era hoje !...

E movendo tristemente a cabeça para um e outro lado, accrescentou :

— Não posso queixar-me d'elle ; mas .. hoje é o domingo do carnaval... e... tudo aquillo... tudo é apenas sonho do passado !...

Joanna á quem Clotilde aninava com esperanças cada vez mas lisonjeiras, asseverando que Angelo não tardaria á prostrar-se arrependido e mais que nunca apaixonado diante de Rosina, julgou opportuno o ensejo para abrandar o animo pertinaz da filha.

— Apenas sonho do passado ?... disse ; talvez... mas porque és absurdamente obstinada...

— Em que?... perguntou Rosina que embebida em sua saudosa lembrança não comprehendendo logo a insinuação de Joanna.

— Se Angelo voltasse... á nos... viesse amante... solícito... á pedir-te perdão...

De melancolico mas commovido pela saudade, como estava, tornou-se o rosto de Rosina grave e sombriamente severo.

— Minha mãe julgou mal de mim ; disse ella :

— Eu?... porque, minha filha?...

— Angelo está morto para mim... ou fui eu que morri para elle.

— Mas... Rosina!... tu o amas!...

— E não se pode ficar amando, a quem já morreo?... oh, minha mãe!... supponhamos que...

— Dize!..

— Nunca fui casada... mas... estou viuva. Joanna quiz tentar um gracejo.

— Viuva fiel á teu finado esposo, elle vae em breve resuscitar... espera teo noivo!...

Rosina respondeo com simplicidade solemne :

— Minha mãe, isso é impossivel; porque eu não quero.

— Teimosa!...

— Entre mim e Angelo ha um abysmo que nos separa: é a minha dignidade, ou se quiser, o meo capricho: esse abysmo tem nome, chama-se: — jamais!...

— Jamais?... menina inexperiente!... só Deos é que pode determinar isso; só Deos pode dizer — *Jamais!*...

— Pois eu o digo e o cumprirei á todo trance: ve-lo-ha!... eu o digo: jamais!...

— Fraca e pobre creatura cheia de orgu-

lho!... olha, que Deos pode confundir-te e humilhar-te!... não falles assim...

— Jamais!... repetio Rosina com força.

A mãe e a filha calarão-se e pouco depois Rosina, affectando tranquillidade que não sentia, foi experimentar o seo *dominó*, e em seguida occupou-se em corrigir alguns leves defeitos que nelle achou.

As nove horas da noute Rosina em *dominó* preto, e Ursini disfarçado em elegante cavalleiro da corte de Luiz XIV, despedirão-se de Joanna, e forão descendo a escada.

Ursini honrando a verdade chronologica da época que representava, e conmeçando immediatamente á fazer carnavalesco ruido, desceo a escada gritando em falsete: « L'état, c'est moi!... »

O grito em falsete era um avizo.

Ao pôr os pés na rua o *dominó* preto e o cavalleiro de Luiz XIV esbarrarão com um Arlequim ricamente enfeitado.

— Ah!... exclamou o Arlequim, mano Ursini!...

— Que diabo!... mas... é Propicio!...

— Eu não sabia que vossa mercê... e... Rosina sahião...

— Pois sahimos... que tem com isso?... vamos para o theatro de S. Pedro...

— E eu tambem...

— Boa viagem!... não quero que nos atraícoes... vê lá!

— Se o mano Ursini, e Rosina permitissem...

— O que?...

— Pois que vamos para o mesmo theatro, eu os acompanharia, e lá... uma vez por outra iria pôr-me ás ordens... nesses bailes ás vezes... um companheiro serve muito...

— Vae andando á diante; disse Ursini.

Propicio obedeceo.

Ursini, fallando em voz baixa á Rosina, perguntou-lhe :

— Que dizes ao pedido ou proposição desse Arlequim... queres tê-lo comnosco?...

— Que me importa... disse Rosina.

— Repellido, o tratante poderia vingarse atraíçoando-nos...

Rosina não respondeo.

— Mas... que pensas?...

— Que me importa!... tornou Rosina; se meo pae quizer... leve-o comnosco...

— Doudice de carnaval!... tomemo-lo por companheiro...

E elevando mais a voz, Ursini disse á Pro-
picio, que marchava ádiante :

— Oh, Arlequim!... sê dos nossos!... ca-
marote n. 12 da segunda ordem... podes ajun-
tar-te á nós... e... segredo!...

O Arlequim poz-se á pinotear grotescamente,
e como se a aceitação da sua companhia o
houvesse entusiasmado.

Em breve o dominó preto, o elegante caval-
heiro da côrte de Luiz XIV e o Arlequim
entrarão no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Mas ao tempo que elles lá entravão, Clo-
tilde batia á porta do sobrado, que Joanna
mandára logo trancar.

A visita era inesperada e surprehendente.

As duas amigas e comadres trancarã-o-se na
sala; porque Clotilde annunciara novidade
grave e exigente de segredo.

— Que ha?... perguntou Joanna sobresal-
tada.

— Rosina foi ao baile de mascaras?... disse
Clotilde.

— Sim... foi...

— Em dominó preto com fitas escarlates?...

— Como o sabes?...

— Oh!... exclamou Clotilde; Angelo rece-
beo hoje á tarde esta carta anonyma...

E tirando do seio a carta insidiosa, leo-a á meia voz.

Joanna ouviu a leitura com espanto e viva inquietação.

— É falso! disse; não ha ajuste, nem poderá haver encontro com Ernesto... Rosina foi e está ao lado de seu pae...

— Em todo caso... alguma traição se manifesta... quem poderia ter adivinhado a ida ao baile, e a côr do dominó e das fitas?...

Joanna disse á tremer:

— Ah!... tens razão... Propicio...

Clotilde accrescentou sem hesitar:

— Ou teu marido.

A mãe de Rosina, em vez de protestar, clamou:

— Meo Deos!... minha filha!...

E logo perguntou:

— E Angelo?...

— Levou-me esta carta, e sem fallar, sem praguejar, nem queixar-se, mas com a face decomposta, os cabellos em desordem, e com o ciúme á luzir-lhe nos olhos, deixou-me accellerado e immediatamente.

— Onde iria elle?...

— Quem sabe?... ah! talvez... certamente ao theatro...

— Ao theatro !... exclamou Joanna ; sim... sim !... mas então, Clotilde, que Deos nosso Senhor guie Angelo no theatro !...

A pobre e afflicta mãe, perdida totalmente a confiança no marido, voltava-se para Deos, e na terra depunha sua ultima e unica esperanza em Angelo !...

XIV

Rosina já muitas vezes tinha ido á bailes de mascarar, e portanto nem havia nesse á que desgostosa e quasi á força se deixara levar o encanto da novidade para distrahi-la.

As brilhantes sociedades carnavalescas, a multidão de mascarados, a variedade infinita de costumes e disfarces, uns riquissimos, outros grotescos, outros de originalidade espirituosa, e muitos de pasmosa necidade, a turba de mulheres loucas de todo anno e bacchantes do carnaval com os seios nus, e a petulancia nos modos, a furia do can-can indecente, as gargalhadas, o estrepito, o movimento e vai-vem, e rodemoinho da multidão erão nessa noute indifferentes á Rosina.

Ella estava sentada e immovel em seo camarote, e Ursini se esforçava de balde por dissipar-lhe a tristeza.

Rosina pensava sempre que o domingo de carnaval pudera ter sido o dia do seu casamento com Angelo. Sua imaginação ás vezes pudica sonhava os doces e sublimes vexames da troca solemne e publica dos santos juramentos aos pés do altar... sonhava o seu veio, e a sua corôa de noiva, e ás vezes ousada e imperiosamente illimitada sonhava as confusões, e o medo angelico, a relutancia, e os tremores á porta do quarto nupcial, e dentro o ardor, a paixão, a gloria de Angelo á espera-la... á almeja-la...

E ella cahia da imaginação na realidade; e achava-se no domingo do carnaval nesse baile de mascarar sem noivo, sem amor de amado, sem esperança!...

E Rosina cruel consigo mesma, rindo de si mesma, á atormentar-se, á castigar suas culpas de namorada, repetia entre si á cada instante :

— É hoje a minha noite de noivado!... é hoje que Angelo, meu esposo, está me esperando no thalamo das nupcias!... é hoje!... é hoje!...

Propicio ora entrava no camarote e dava conta dos mais divertidos episodios do baile, ora se ausentava, parecendo todo absorvido nos

delirantes folguedos, e na febril alegria do baile.

Rosina nem via, nem ouvia Propicio.

Ursini depois de uma hora de estacção no camarote, tomou uma das mãos da filha e disse-lhe :

— Estamos sendo duas estupidas figuras carnavalescas !... á pé, meo dominó preto ! vamos passear ao salão.

Rosina levantou-se e automaticamente acompanhou seo pae.

O salão estava cheio de boa e má sociedade.

A mulher perdida e escandalosa roçava ali o seo saiote curto pelo vestido da senhora honesta.

Ursini dava com Rosina terceira volta pelo salão, quando um *dominó* azul os obrigou á parar, estacando diante delles.

— Que nos queres ?... perguntou Ursini.

O *dominó* azul deixou ouvir em vez de falsete uma voz affectadamente rouca, e disfarçada com perfeição magistral.

— Comtigo nada quero nem perderei o meo tempo ; disse elle ; não creio na tua nobreza de cortezaõ do grande rei ; sei quem és, e te ponho de lado...

— Supponhamos...

— Eu não supponho, tenho a certeza : és tão vaidoso mettido nessas vestes de fidalgo, como é modesta a mais angelica formosura escondida nas nuvens desse dominó preto...

— Enganas-te connosco, dominó azul ; eu levo pelo braço uma velha tão feia, como tu és impertinente, massante, e pobre de espirito.

— Tudo isso e mais que te pareça ; mas enganar-me com vosco, não !... queres que te diga !... o bello *dominó* preto se disfarça mal e se atraiçoa muito...

— Como, importuno ?..

— Atraiçoa-se pela graça do andar... não conheço duas pessoas que andem assim... se eu fosse indiscreto, repetteria o seo nome em voz alta...

— Pois bem... chega-te mais, e no-lo diz em voz baixa.

Rosina não prestára attenção ao *dominó azul*, vendo-o porém aproximar-se della á ponto de quasi se tocarem, recuou um passo.

— Oh ! mal sabes quanto te respeito !... disse elle : sabe-lo-has, conhecendo-me, e hasde conhecer-me, ouvindo-me pronunciar o teo nome !...

E chegando-se de novo á Rosina, disse, abaiçando, quanto poude, a voz :

— Chamas-te — Eleonora!

Rosina estremeceo.

E o *dominó azul* fugio apressado e desapareceu por entre a multidão.

— Que estonteado !... observou Ursini á filha.

Rosina intrigada, ou comovida, ou emfim palpitante e curiosa pela mais doce suspeita, procurava descobrir, tornar a vêr o *dominó azul*. e nesse infructuoso empenho apenas notou em um outro *dominó não azul*, mas *vermelho*, que immovel a considerava de perto, e cujos olhos brilhavão chammejantes.

O baile começava á interessar á donzella ainda á pouco tão indifferente á elle.

Meia hora depois e ao tempo em que Rosina preocupada corria com pesquisadoras vistas todos os camarotes e o immenso tablado, onde se misturavão em turbilhão centenas de mascaras, o *dominó azul* entrou no seu camarote, e batendo no hombro de Ursini, disse :

— Que pena, cavalleiro !... não jogas esta noute !...

Rosina estremeceo de novo, e logo voltou-se e embebeo os olhos no *dominó azul*.

— Outra vez este abelhudo !... querem ver que és meo parceiro de jogo ?...

— Não : só te conheço pelo mal que me tens feito ; mas estás escapo do meo odio, porque és pae daquelle *dominó preto*.

— Como és tolo !... eu não tenho filha... sou solteiro e quero casar-me : tens alguma irmã bonita ?...

— Pobre cavalleiro ! desejo muito que não te oução fallar porque saberião todos quem és, e portanto quem te acompanha : finge-te mudo para não confessar a tua nacionalidade.

— Se eu sou turco !...

— Da Corsega.

Ursini pareceu confundir-se, e desatou á rir para esconder a confusão.

Mas Rosina levantára-se anhelante e em agitação que occultava sob a mascara : indo ao *dominó azul*, perguntou :

— Quem és tu, e que pretendes ?...

— Quem sou eu, já o sabes : não t'ó disse no salão ?... pelo teo nome adevinhaste o meo.

— Tu te enganaste com o meo nome, *dominó pretencioso*.

— Ah !... em tal caso eu ter-me-hia sómente enganado com o teo coração !...

Rosina vacillava e embevecia-se, tinha medo e exultava, attonita ouvia, e cubiçosa tentava,

mas de balde, ver através da máscara o rosto do *dominó azul*.

— Que diz esse diabo azul?... perguntou Ursini.

— Digo que o *dominó preto* e eu já nos conhecemos e nos desconhecemos para reconhecer-nos tarde neste mundo e emprazados para o outro!...

Rosina recuou á tremer de abalo e talvez de felicidade e sentou-se, suffocando um suspiro.

— Até que enfim!... exclamou Ursini; já sabemos quem és sem te saber o nome.

— Quem sou?...

— Um doudo alegrão fugido hoje do hospício, onde marcava conferencias nos palácios da eternidade.

— Doudo?... talvez: póde ser que tenhas razão: doudo!... sim... eu tive uma *visão*!... a *visão* do *dominó preto*!

— Insensato! só poderia ser *previsão*!...

O *dominó azul* continuou á fallar.

— Doudo!... sim... porque cheguei á sonhar no céu a maior gloria da terra, e hoje choro, e padeço porque me matarão a esperança da gloria do céu realisada na terra!

Rosina escutava transportada o *dominó azul*:

era Angelo que lhe fallava: só Angelo podia dizer-lhe, repettir-lhe pensamentos e palavras de suas cartas depois de te-la chamado Eleonora, e de haver alludido ao quadro da *visão* do Tasso.

Oh! Angelo a amava, e arrependido chorava a perda de suas esperanças de amor!...

Mas Ursini, intrigado e já indicando-se suspeito e impaciente, disse ao *dominó azul*:

— És um guapo asneirão, ou um impertinente perseguidor desengraçado! já representaste o teo papel, e podes recolher-te aos bastidores...

— Submetto-me á formal despedida: boa noute, mestre Ursini!...

O italiano deo um salto, e perguntou:

— Diabo azul! quem és?...

— Adevinha.

— Juro que hei de sabe-lo!...

— É tão facil!

— E como?...

— Tirando eu a mascara.

Rosina ergueo-se e avançou um passo.

— Tira-a! disse Ursini.

— Aqui não.

— Onde então?...

— Em breve o saberás.

E o *domino azul* fugio, correndo.

Rosina lançou-se rapida até á porta do camarote; mas, em vez do *domino azul* vio o *domino vermelho*, cujos olhos lançavão flammias pelas duas aberturas oculares da mascara.

— Que *domino* é aquelle, meo pae? perguntou ella que pela segunda vez reparava no mudo e sinistro observador.

— É um d'entre mil estupidos mascarados que amanhã pretenderão ter si-lo os herões do baile, de que forão apenas ignorados comparças.

Rosina recolheo-se ao camarote, e voltou á sua cadeira.

— Conheceste o *dominó azul*?... confesso que me acho perfeitamente intrigado!...

— E eu... tambem: disse Rosina, rugindo á responder e á explicar-se.

— Que bregeiro!... como diabo reconheceo-nos elle, pois que evidentemente sabe quem somos?...

Era essa a pergunta que Rosina estava fazendo á si mesma. Com toda a sua vaidade, não admitia o privilegio traiçoeiro da graça do seo andar.

Acaso Angelo se teria posto de espreita, e tinha-a visto sahir de casa em *dominó*?...

Acaso, estando no baile, como ella estava, ti-

nha ouvido seo pae fallar, e o reconhecera pelo estrangeirismo da pronuncia?...

Como quer que fosse o *dominó azul* era Angelo, não podia ser senão Angelo.

A voz não era delle; mas a voz era contrafeita, disfarçada com o maior cuidado, e podia ser tanto a de qualquer outro, como a delle.

A intriga, as allusões, a indicação, a alma á fallar do passado, o coração a manifestar-se nos segredos do outro coração só podião ser de Angelo.

O *dominó azul* era Angelo.

Rosina sentia-se feliz.

O domingo do carnaval não era o dia do seu casamento; era-o porém do triumpho do seo poder de formosura: a noute não era de noivado; mas era de suavissima e enexprimivel dita consoladora.

Rosina tinha enfim Angelo vencido, captivo confesso, solicitante, e prostrado á adora-la, á estima-la, á quere-la, á deseja-la, escravo de seo arbitrio, abandonado á sua vontade!

Angelo, embora ainda em disfarce de carnaval, já á seos ouvidos tinha pronunciado a palavra — *arrepellido* — e declarado que *chorava e padecia porque lhe havião matado a esperança da gloria do céu realisada na terra.*

Rosina exultava.

E, nessa primeira hora de exultação, ella começára logo á experimentar dentro de si o combate que devia naturalmente travar-se entre a sua dignidade ou o seo orgulho e o seo amor.

O baile de mascaras se tornára para Rosina cheio de animação e de magia.

Em novo passeio pelo salão ella tomára parte na festa geral, ora, entretendo-se com os seus multiplicados, e successivos episodios, ora chegando á intrigar alegre e espirosamente pessoas conhecidas que encontrava.

Esperançosa, quasi certa de que o *dominó azul* outra vez lhe appareceria, Rosina não se impacientou por te-lo buscado debalde no salão, e recolhendo-se ao camarote, ficou tam absorvida em doces reflexões, que nem vio Propicio que pela decima vez entrára para fallar das suas proezas, e das novidades do baile; mas de repente uma voz que não era a de Propicio á fez voltar-se, ver e ouvir ternamente abalada.

— Eis-me aqui! acabava de dizer o *dominó azul*, penetrando no camarote.

— Ainda! observou Ursini

— Se eu sou homem de palavra.

— Salvo o meo direito de não querer negocios contigo...

— Ora!... não me chamas *diabo azul*?... o diabo tenta... vim tentar-te pela curiosidade...

— De que modo?...

— Proponho-me á tirar a mascara...

— Um diabo desmascarado!... vamos á isso...

— Repitto o que já disse, aqui não.

— Repitto o que já perguntei: onde?...

— Espera: devo primeiro prevenir-te que amo e mereço a confiança de tua familia: tua mulher, D. Joanna, aquella santa creatura, á quem enganas tanto, ficou em casa com o pequenino?... é pena: estimára ve-la aqui.

— Oh!... querem ver que és...

E Ursini declinou um depois de outro tres nomes de amigos seus...

— Pára ahí, e não erres mais! estás me causando pena: não podes reconhecer-me: e tens razão: sou muito mais amigo de tua mulher do que teo; mas nem por isso ignoro que hontem perdeste ao *lasquet* duzentos mil réis em dinheiro e o dobro sob palavra.

— Que maldito!... na verdade... mas então... estavas lá?...

— Juro que não; até hoje ainda não entrei em casa de jogo...

E voltando-se para Propicio, accrescentou:

— Nem em billiares, *arlequin* vadio!

— Olé! exclamou o *arlequin*; queres *entroviscar-te* comigo?...

— Perdoa! respondeo o *dominó azul*; fui indiscreto... bein sei, que andas fingindo *contrição*...

Ursini conteve Propicio que fizera um movimento de *ameaça*.

O *dominó azul* inclinou-se respeitoso diante de Rosina, e disse:

— Bello *dominó preto*, accuso-te de ingratição!... agora frequentas menos a casa de tua *madrinha*... fazes mal: D. Clotilde é a melhor de tuas amigas, e nõ que ella te diz... e te aconselha... Deos a inspira!...

— Como sabes tanto?... perguntou Rosina, *disfarçando* a voz, que lhe sahio *balbuciante*.

— Não preciso dize-lo, porque não o ignoras.

O *dominó preto* não replicou; mas pareceo *observar* com ancioso cuidado os dous *mascaras* seos *companheiros*, que trocavão *palavras* em *segredo*, e se mostravão *enredados* e *curiosos* ao *extremo*.

E todavia a *unica enredada* era Rosina que não podia *advinhar* o *accordo* e a *combinação* do *dominó azul* com o *cavalleiro* e o *arlequin*, á quem *apparentemente* confundira.

Rosina começava á temer que Angelo se atraísse demais...

Ursini rompeo o silencio, que por momentos durára.

— Rendidos á descripção! disse elle ao *dominó azul*; tu nos reconheceste, e te manifestas amigo, e da confiança da nossa familia...

— Evidentemente, e além disso ardo em desejos de tirar a minha mascara...

-- Para que te demoras?...

— Para causar-vos a maior surpresa: convidado-vos á ceiar comigo: descobrirei o rosto á meza da cea.

— Convidas-nos para uma cea de carnaval!... á mim, comprehende-se; mas...

— Tranquillisa-te: a cea será em casa particular e respeitavel, e além de nós tres, ou se quizeres, de nós quatro, ninguem mais se achará á meza.

— Qual de nós é o convidado, que deixas ao meo querer?...

— O *arlequim*.

— Regeitado o convite com solemne desprezo; respondeo Propicio.

Ursini fallou em voz natural.

— Minha filha não condescende em aceitar taes convites antes de conhecer quem os faz.

— Paciencia : eclypsar-me hei incognito.

— Que perdemos com isso ?...

— É questão que não me cabe resolver : por mim já ganhei bastante, podes cre-lo.

— Mas... semelhante mysterio...

— É de carnaval; já me declarei amigo e não prescindo da surpresa. Tenho o meo carro á porta do theatro... vou esperar-vos lá... um quarto de hora... e ou iremos ceiar juntos ou não tornareis á ver o *dominó azul*.

E, curvando-se ainda uma vez diante de Rosina, disse-lhe :

— Minha senhora... convença seo pae!

E retirou-se á passos apressados.

Ursini e Propicio bem sabião quem era aquelle que se retirára assim ; mas fingirão-se ambos tão emmaranhados, como acesos em curiosidade.

Rosina ficára perturbada com o pedido que lhe fizera o *dominó azul*. Sua razão e sua dignidade a aconselhavão não ir á cea; o amor porém a incitava ao contrario : estava perplexa, e á não querer e á desejar...

Ursini perguntou á filha :

— Suppões saber quem seja esse *dominó*?

Rosina respondeo sem responder, pronunciando apenas, como admirada da pergunta :

— Eu?!!!

O amor punha outra vez em amotinação os sentimentos da joven que tão decidida como se dissera á considerar-se morta na terra para o coração de Angelo, sentia-se reviver para elle ao encontra-lo solícito, apaixonado, e impetrando-lhe perdão nesse baile de mascaras que ella abençoava.

Talvez concorresse muito para essa desordem e alteração de ideas, para esse irreflectido enlevo de Rosina o fortissimo contraste que ella experimentára da lembrança afflictiva com a surpresa do amor que inexperado viéra aditar-lhe a alma: o contraste fôra fortissimo: a noute de noivado perdida, era noute de reconquista do noivo amado!...

Rosina devia ter declarado desde o primeiro encontro no salão, devia declarar principalmente logo depois do convite para a cea, que Angelo não se disfarçava para ella, e antes procurava indicar-lhe quem era envolto no *dominó azul*: mas á principio docemente enlevada pelo gozo da intriga, e no fim temerosa de Propicio, estorvada pelas confusões do pejo, arroubada pela i naginação. feliz e attonita pela felicidade, não querendo pedir á seo pae que a levasse á

ceia offerecida, e almejando ser levada á ella sem **in**strangimento e opposição, ao menos porém com a decorosa escusa de obediencia filial, dissimulou ter conhecido Angelo, absteve-se de pronunciar-se pela aceitação, ou rejeição do convite feito, e esperou anciosa pelo arbitrio de seo pae.

Ursini, tendo-a consultado em vão, discutira com Propicio.

Em ambos patenteava-se igual o desejo de conhecer o *dominó azul*; mas Propicio repugnava, e Ursini desejava aceitar a cea.

— E se o *dominó azul* fôr um inimigo, ou um perverso?... perguntou Propicio ao cunhado.

O italiano rio-se e respondeo:

Tu irás connosco, e além de ti, eu levo este fiel companheiro.

E mostrou um revolver que logo tornou á esconder no seio.

— Em tal caso estou prompto, vamos: sujeito-me á ir, como convidado por condescendencia... mas tambem não vou só... palavra de honra !...

E sacou do bolso um enorme canivete de mola, que immediatamente recolheo.

Rosina murmurou tremendo ao ver aquelles instrumentos de morte:

— É melhor não ir...

Mas, oppondo apenas fraca resistencia, tomou o braço de seo pae, que exclamara :

— Não ha perigo... nem risco... estás á meo lado e sou teo pae ! vamos ! quero ver a cara desse *dominó azul*...

E sahirão.

Propicio acompanhou Ursini e Rosina.

Á porta da sahida do theatro o *dominó azul* os esperava de relógio na mão.

— Ainda bem ! disse elle.

E offereceo a mão á Rosina, que a aceitou depois de ligeira hesitação.

O carro estava á dous passos e o pagem tinha a mão na portinhola aberta.

— Entremos ; disse o *dominó azul*.

Rosina voltou o rosto, e olhou para traz, como á consultar ainda seo pae, turbou-se porém vendo perto á vigia-la ou á segui-la o *dominó vermelho*.

Dessa vez o aspecto e a attitude desse *dominó* lhe parecerão de agouro sinistro ; mas nem tempo teve de reflectir, e entrou no carro.

O *dominó azul* sentou-se ao lado de Rosina : Ursini e Propicio defronte.

O carro partio : o cocheiro já sabia, onde lhe cumpria parar.

XV

Não longe do theatro de S. Pedro de Alcantara e em rua aliás muito frequentada, mas cuja denominação pôde sem inconveniente deixar de ser mencionada, morava a mulher á quem Propicio designara pelo nome de M^{me} Fortuna.

Depravada na mocidade essa mulher, uma franceza adepta dos prostibulos de Paris, viera ostentar velhice escandalosa na cidade do Rio de Janeiro. Como realmente se chamava, pouco importa; chamava-se ou tomara por nome de officio M^{me} Fortuna.

Occupava uma casa de sobrado de tres janelas de grades de ferro, e de boa apparencia: alojava-se no pavimento terreo, deixando o sobrado para os hospedes que recebia em secretos aposentos. Discreta por interesse guardava á preço de ouro segredos de miseras fraquezas:

corrupta e desfaçada escancarava a porta á todas as devassidões que procuravão covil.

Era nessa casa infamissima que Propicio preparara a cea, em que sua sobrinha devia adormecer para accordar nos braços de Ernesto.

M^{me} Fortuna tinha-se prestado á tudo : á meia noite a cea estava na mesa : dous creados esperavão os hospedes : ella só appareceria, se fosse chamada.

O carro, em que vinha o *dominó azul* com os seos convidados, parou enfim, depois de breve tracto, á porta da casa de M^{ms} Fortuna.

O *dominó azul* saltou, e deo a mão á Rosina que apeiou-se tremula de commoção e de susto.

Entrarão.

O carro não esperou ; e Rosina que fizera um movimento de impressão desagradavel, ouvindo-o rodar em retirada, ainda mais se desgostou, quando ao subir a escada, sentio que trancavão a porta da rua : pareceo-lhe achar-se em uma prisão.

Descansarão alguns momentos na sala da frente : as janellas estavam abertas ; mas a rua deserta : apenas passava algum mascara desgarrado.

Ursini observava curioso a sala, e a casa. Em verdade elle não a conhecia.

Finalmente o *dominó azul* offereceo o braço á Rosina para conduzi-la á mesa, e ali fe-la sentar-se á seo lado.

A cea era magnifica : Ursini festejou-a com o mais cubiçoso olhar.

Rosina esperava com ancia ver descoberto o rosto de Angelo...

O italiano exclamou com alegria :

— Estamos á mesa ; é a hora !...

O *dominó azul* o comprehendeo e fez um signal aos creados que se retirarão.

Levou então ás mãos á mascara ; mas antes de tira-la disse :

— Peço perdão !... armei innocente cilada : porque resignado á perda do amor, desejo me-recer ao menos a amizade de D. Rosina !...

E descobrio o rosto.

Rosina soltou um grito de terror, e levantou-se.

— O senhor compadre !... disse Ursini bo-quiaberto.

— O senhor commendador ! disse Propicio.

Rosina correo para seo pae.

— Quero ir-me embora !... exclamou.

Ernesto aproximou-se della ; e fallou-lhe com doçura e respeito :

— Minha senhora, não me julgue nem pelos meos desvarios passados que bastante já castigou, nem pelas más apparencias desta traição nobre que acaba de trazer-la aqui! julgue-me pela consideração com que hoje e d'ora ávante hei-de honrar a sua virtude! esqueça e perdoe os desatinos de um velho, que agora só lhe pede desculpa do passado e amizade no futuro!

Rosina mostrava-se inflexivel, teimando em retirar-se.

Ernesto redobrou de esforços, redobrando de hypocrizia.

Ursini começou á julgar inconveniente a obstinação da filha, e empenhou-se em convence-la de que era tarde para regeitar a cea.

Uma pergunta de Ernesto venceo a pertinacia e a colera de Rosina.

— Minha senhora!... de que póde ter medo?...

— Medo?... respondeo ella com orgulho e viveza; eu não tenho medo do senhor...

E foi sentar-se, afastando a sua cadeira da de Ernesto.

A cea começou e se foi adiantando.

O velho patenteou habilidade admiravel, occupando-se de Rosina: esmerou-se em paciencia, em delicadezas, e em cuidados tão respeitosos

e innocentes, que devião obrigar pelo menos o reconhecimento da cortezia.

Mas Rosina tinha raiva no coração : ella jubilosa e feliz contára com o rosto e com o amor de Angelo, e, arrancada a mascara do *dominó azul*, esbarrara com Ernesto !...

A desillusão fôra horrivel !... e além da desillusão ella desconfiava, temia, e cautelosa investigava no rosto, nos gestos, nas palavras de Ernesto, de Propicio e de seo proprio pae indicios de algum trama, e de traição ainda mais perigosa. A hora e a solidão da casa a apavoravão.

Ursini parecia ter esquecido a filha, devorando a cea, e por ultimo, e depois de provar dez diversos vinhos generosos, batera palmas ao offerecimento do *lacrima-Christi*, de que saboreou em curtos intervallos tres calices.

No entanto Ernesto exasperava-se : á despeito de todos os seus esforços, Rosina não tocara em prato algum, e nem mesmo urgida por seo pae consentira em molhar os labios no *lacrima-Christi*.

Ernesto e Propicio perderão a esperanza que havião depositado no somno de Rosina.

E Ursini acabava de debruçar-se sobre a mesa, donde levantára a cabeça para risonhamente estúpido beber mais meio calix do vinho pertido e cahir em somno irmão da morte.

A desconfiança de Rosina aggravou-se, vendo o pae naquelle torpor suspeito, e apanhando de relance uma troca de signaes entre Ernesto e Propicio.

Afigurou-se-lhe que Ernesto interrogara com um gesto, e que Propicio, com energia de olhar, e com meneio forte do punho, aconselhava força e violencia.

Ella não se tinha enganado.

O velho porém ainda empregou novo esforço para induzi-la á libar o vinho entorpecedor.

Vendo a taça quasi levada á seus labios pela mão de Ernesto, Rosina empurrou-a rudemente, fazendo entornar o vinho sobre a mesa, e levantando-se subita foi á seo pae, chamou-o em grita, segurando-o e puchando-o pelos punhos, e reueu espavorida por não poder desperta-lo...

Com a alma e o medo nos olhos procurou e espreitou Ernesto e Propicio...

Oh!... Ernesto erguera-se tambem, e avançava para ella com a lascivia chammejante no rosto, e Propicio, já em pé, correra á fechar a porta do corredor, por onde tinham entrado para a sala da cea.

Rosina vio, sondou, reconheceo tudo com o olhar instinctivo da defeza desesperada, e em-

purrando com suprema força Ernesto que se lançava á ella, e que foi, para não cahir, apoiar-se na mesa, precipitou-se pela porta de outro corredor, que tambem conduzia á sala da frente, como aquelle de que Propicio já lhe fechára a sahida.

Chegando á sala, e ouvindo os passos de Ernesto e Propicio, que corrião á persegui-la, Rosina, tomada de terror e desespero, arrastou uma cadeira até a grade de uma das janellas, subio á ella e pondo um dos pés sobre o parapeito da sacada, medio, curvando a cabeça e com rapido olhar a altura da janella, e o medonho perigo da quéda, e immediatamente voltou o rosto e olhando para trás, esperou...

Esperou, coitada, apenas um momento, hesitando instinctivamente ante a morte que se lhe afigurára infallivel...

Mas Ernesto e Propicio romperão do corredor, e se arrojarão para ella.

E Rosina, soltando um brado de agonia, estendeo os braços, e atirou-se da janella á baixo.

XVI

A carta anonyma escripta por Ursini tinha produzido os resultados immediatos com que elle calculara.

Angelo, devorado de ciúmes, e com todas as antigas desconfianças reacendidas, quiz ver com os proprios olhos a perfidia e a ignobilidade de Rosina, ou convencer-se da infame calumnia do mais perverso intrigante...

Elle não se embalava com a esperanza de reconhecer a innocencia de Rosina; conjecturára que a carta anonyma lhe viera de Henrique, e portanto acreditava no aviso denunciador do vil rendimento da filha de Ursini.

Correndo á casa de sua tia, e confiando-lhe a carta, quiz deixar-lhe nella, com a accusação de Rosina, o fundamento do seu mais profundo desprezo dessa donzella hypocrita e refalsada, e a explicação ou desculpa de qualquer acto de de-

sesperação ou de insamnia que elle pudesse praticar; porque não tinha mais consciencia da sua razão, e menos ainda da fortaleza de seo animo.

Já vinte vezes em uma hora um pensamento horrivel e criminoso passára com azas negras pelo espirito de Angelo...

O seo amor tão santo desnaturava-se pela segunda traição que viera esmaga-lo com o peso de ludibrio infernal. O seo amor cahia das alturas brilhantes do céu, nos fundos e escuros abysmos do inferno.

Angelo estava aborrecendo a vida... sinistra vingança agitava-se em redomoinho no seo animo...

Elle imaginava o castigo de um remorso para Rosina... antes porém queria ver tudo...

Tomou o primeiro *dominó* que lhe apresentáram : era *vermelho*...

Angelo sorriu-se lugubrememente, vendo no *dominó* a côr de sangue : affigurou-se-lhe um prognostico.

Mascarou-se e partio...

No theatro de S. Pedro de Alcantara encontrou sem difficuldade o *dominó preto* com fitas escarlates : reconheceo Rosina, Ursini e Propicio, e em breve no *dominó azul* o velho millicinario.

A carta anonyma dissera-lhe a verdade!... Rosina era fementida e impudica!...

O que Angelo soffreo nesse baile de mascarar, seguindo Rosina, perseguindo-a com a sua presença mysteriosa, com a sua observação teimosa, com o seo silencio suspeito, o que elle soffreo, abafou, e devorou em horrida e torturadora mudez, não é possível descrever-se.

A palavra é insufficiente para exprimir a dôr inconcebível da victima, cujos ossos erão despedaçados no cavallette das torturas.

Assim foi a dôr de Angelo com a differença que não erão seus ossos, era o seo coração que despedaçavão.

Quando o carro partio, levando Ernesto e Rosina, e os dous miseraveis cumplices, sahio do peito de Angelo um gemido alterado pela raiva.

Um mascarado exclamou :

— Tigre á gemer!... bem imitado... arre-da!...

Angelo não ouviu a exclamação : lançara-se atrás do carro : correu, voou com as azas da furia... parou, vendo o carro parar, estacou afrontado pela fadiga e pela colera, vendo Rosina, Ernesto e os dous cumplices entrar naquella casa que não era a de nenhum delles, e cuja porta se fechou immediatamente.

Que algum homem que tenha amado devéras, se imagine na situação de Angelo!

A reflexão calma e prudente, o conselho da sabedoria, são faceis para quem não está conjecturando, adivinhando a felicidade de um rival, e as condescendencias, as submissões, e os favores da mulher extremosamente amada.

Angelo ficou em pé e immovel á olhar como insensato a casa em que estavam fechados Ernesto e Rosina.

Penetrara em sua alma uma convicção hedionda, negra, horrorosa; a convicção de que Rosina desde aquella noute era escrava de Ernesto por sacrificio absoluto de si mesma.

E ainda assim elle se deixou ali á olhar a casa, e á esperar que se abrisse a porta.

Dominava-o uma unica e inabalavel resolução: queria á todo trance encarar de face Rosina, e obriga-la á encara-lo um instante, e depois fugir-lhe para vingar-se, lançando-lhe na vida o remorso funebre e medonho.

Angelo era como victima moribunda que de-seja cravar os olhos em seo algoz, antes de expirar, para deixar-lhe, na lembrança desse olhar, perpetuo tormento perseguidor.

Adiantava-se a noute: os sinos das igrejas

tinhão já annuciado duas horas da madrugada, e Angelo immovel, como estatua, estava em pé defronte da casa maldita.

Mas de repente estremeceu sobresaltado... vio Rosina em *dominó preto* subir impetuosa e mostrar-se erguida sobre a sacada do sobrado... vio-a dobrar-se e sondar a altura... o espaço, que havia até as lages da rua... oh!... vio, adivinhou fuga... perseguição... angustia... tremendo perigo...

Angelo avançou alguns passos...

Era tempo!...

Rosina precipitara-se do alto do balcão na rua...

Angelo estendeo os braços, e recebeu nelles o bello e mimoso corpo, e embora titubando ao choque, e ao peso que pelo movimento physicamente accelerado se reduplicara, poude sustentar-se em pé.

Tinha sido herculeo o esforço, e o nobre manco ainda fortemente abalado pela impulsão que soffrera e pela vigorosa resistencia que oppusera para impedir que Rosina cahisse sobre as pedras da calçada, accommodava em seos braços a infeliz donzella completamente desmaiada, quando ouviu Ernesto e Propicio á

reclama-la, e erguendo os olhos, a ambos distinguio debruçados na sacada.

Angelo já não tinha na alma o inferno; o acto de desespero da sua amada revelara-lhe assombrosa traição de que ella procurara e conseguira escapar, ainda mesmo expondo-se á morte: não vacillou... tinha nos braços o seo amor e na consciencia dever sagrado á cumprir: partito-accelerado, levando em Rosina um deposito que a providencia de Deos lhe confiára.

EPILOGO

As dez horas da manhã da segunda-feira do carnaval Joanna estava só e debulhada em afflic-tissimo pranto.

Ursini por um lado e Propicio por outro tinham sahido em procura de Rosina, ou á recolher indicios do seo destino.

Clotilde entrou precipitada em casa da amiga e comadre.

— Trago-te consolação !... disse.

Joanna lançou-se á Clotilde, gritando :

— Minha filha ? ! !

— Escreveo-te.

— E onde está ella ?...

— Não sei; mas se suppõe feliz, e eu creio que o será.

— Oh !... Rosina !...

— Ouve.

Como Joanna não sabia ler, Clotilde abriu a carta de Rosina e leu o seguinte :

« Minha querida mãe :— Na noite de hontem escapei á mais perversa traição e á ultima ignominia, atirando-me da janella de alto sobrado abaixo : um *anjo* me livrou da morte ; vou ser esposa desse *anjo*. Console-se : julgue-me tão ditosa, quanto posso se-lo, sentindo uma unica, mas pungente magoa, a da separação inevitavel de minha querida mãe. Vou para muito longe ; confie porém em Deos : havemos de tornar á ver-nos. Oh, minha santa mãe !... abençoe-me !... abençoe o noivo de sua filha !... adeos !... até um dia. — ROSINA. »

Quando Joanna poudo fallar, murmurou :

— E nem uma palavra para o pae !!!

— Mostra-lhe a carta de Rosina, e pergunta-lhe, porque ella o esqueceo tão cruelmente.

— Clotilde !... que sabes tu ?...

Rosina esquecerá o pae para não accusa-lo ; mas Clotilde não tinha o mesmo dever de poupa-lo.

As duas amigas conversarão longo tempo em segredo.

O castigo de Ursini aggravava-se.

Rosina tinha desaparecido da casa de seus paes, e Angelo desaparecera da cidade do Rio de Janeiro,

Henrique conseguira saber que o seu amigo alforriara o escravo, e dera poderes á um procurador para alugar a casa que herdara de seu pae. O mais não houve quem lh'o explicasse ; elle porém adivinhou.

Um anno correu, e em Fevereiro de 1871 Henrique recebeu da Europa uma carta de um pintor, filho da nossa academia, e portanto seu irmão de arte e de escola.

A carta era longa, historiava a guerra da Allemanha e da França e os desastres pasmosos desta ; mas continha alguns periodos, que servem para remate da historia da — *Namoradoira*. —

É de obrigação transcreve-los aqui.

« ... Força nos foi fugir em debandada de Paris que ia ser sitiada e bombardeada : a nossa colonia de brazileiros dispersou-se : uns forão para Bruxellas, outros para a Italia, eu e alguns mais nos retiramos para Lisboa.

« Palavra de artista e de brazileiro que acertamos !... fomos encontrar em Lisboa o cantor do Colombo, o pintor de quem a indiferença

da gente da nossa patria quebrou estúpida e criminosamente a palheta, encontramos o *Porto Alegre*, consul do Brazil naquella capital, um velho de annos, e joven de enthusiasmo, de inspiração e de patriotismo, um amigo, um pae, e um mestre.

« Que horas de amena e proveitosa palestra, de lição, de experiencia, e de patrioticos arrebatamentos temos passado e gozado na companhia desse illustrado artista e poeta brasileiro, cuja casa é aqui a imagem do nosso Brazil, hospitaleiro, expansivo, amigo e consolador !...

« Mas vou dar-te uma noticia que te será grata : eu tinha encontrado em Paris, e tornei á encontrar por vezes em companhia do *Porto Alegre* o nosso esperançoso e modesto Angelo.

« Tanto lhe vantaja-mos e louvamos o talento, e até o genio, que o *Porto Alegre* exigio com a sua autoriãade de mestre ver e apreciar alguma de suas obras.

« Angelo muito confuso e enleiado cedeo, emprazando-nos para ir jantar com elle em sua casa.

« Nenhum de nós faltou, e Angelo duvidoso de si, e sempre timido exhibio duas paisagens

que erão recordações saudosas da patria, notaveis pelo colorido, e pela verdadeira imagem da natureza do Brazil, um retrato que diz ser de sua tia, e que mereceo grandes louvores do *Porto Alegre*, e por fim aquelle famozo quadro da — *Visão do Tasso* — que ahi, no Rio de Janeiro, nos fez andar ás tontas, admirando a inspiração e della desconfiando.

« O nosso velho mestre enamorou-se do quadro, fez sobresahir todas as suas bellezas, abraçou com ardor o artista, e depois, estudando de novo e attentamente a *Visão do Tasso*, apontou para a figura de Eleonora e observou em tom paternal :

— Angelo ! quer me parecer que déste áquelle semblante mais vida real do que devia ter : na visão do poeta o rosto da princeza, radiando de belleza etherea, fantastica e já distincta da formosura plastica pelos reflexos de divina flamma, corresponderia melhor ao arroubo do Tasso que acompanha com a alma nos olhos a amada que sóbe ao céo. Angelo !... a tua Eleonora é como se fora lindissimo retrato...

« O joven pintor sorriu-se.

« Nesse momento entrou na sala... quem?... imagina, Henrique!...

« Angelo foi tomar-lhe a mão e dirigindo-se primeiro ao *Porto Alegre*, disse-lhe :

« — Mestre ! apresento-lhe minha esposa...

« O nosso Porto Alegre exclamou transportado :

« — Era pois um retrato !... eis ahí Eleonora.

« Henrique, a esposa de Angelo é D. Rosina, a filha do italiano Ursini.

« Que dia de festa tivemos ! »

Dous mezes depois, em Abril, Joanna recebeu de Rosina uma carta, na qual, além de outras cousas, lhe dizia :

« Duas boas e alegres noticias !... dentro de poucos mezes serei mãe, e logo depois voltaremos para o Brasil. Se eu dér á luz uma filha e Deos m'a conservar, hei de educa-la de modo que nunca será... *Namoradeira.* »

FIM DA SEXTA PARTE E DO ÚLTIMO VOLUME.

Inferno a Dansa dos Ossos 7.
br. 2 $\frac{1}{2}$ enc. 3\$000
POESIAS. Cantos da solidão. 1 v.
enc. 6\$000

Paulo de Kock.
CAHOTIN. 3 v. in-8 $^{\circ}$ br. 3\$000
GALUCHO. 4 v. br. 4\$000, enc. 6\$000
PAULO E SEU CÃO. 8 v. br. 4\$000

Moreira de Azevedo
OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO,
romance historico. 1 v. in-8 $^{\circ}$
brochado. 2\$000
LOUBENCO DE MENDONÇA, romance
historico. 1 v. br. 1\$500

Camilho Castello Branco
ANATHEMA, romance. 1 v. ca-
carnado. 2\$500
DOZE CASAMENTOS FELIZES. 1 v.
enc. 2\$500
DUAS HORAS DE LETURA: Dous san-
tos não beatificos em Roma, De
Porto á Braga. 1 v. br. 1\$000,
enc. 2\$000

Alex. Dumas
AVENTURAS DE LYDERICO. 1 volume
in-8 $^{\circ}$ br. 600
HISTORIA DE UM MORTO. 1 volume
in-8 $^{\circ}$ 600
SOPHIA PRINTEMPS. 2 v. br. 3\$000
MADEMOISELLE DE BELLE ISLE, dra-
ma. 1 v. 1\$000

Cl. Robert
O MARQUEZ DE POMBAL. 1 v. bro-
chado 1\$000, enc. 1\$600

Engenio Sue
A VIEIRA 1 v. in-8 $^{\circ}$ brochado 2\$000,
encarnado 3\$000
A IRA. 1 v. in-8 $^{\circ}$ br. 2\$000, enc. 3\$000
A SOBERBA, 1 v. in-4 $^{\circ}$ br. 6\$000,
enc. 8\$000

Telxeira e Souza
MARIA OU A MENINA ROUBADA. 1 v.
brochado. 2\$000
O FILHO DO PESCANOR. 1 v. bro-
chado. 2\$000

J. F. Freire
A PAIXÃO DE OLYMPIO. 1 v. bro-
chado. 1\$000

P. Féval
A LOBA. 3 v. in-4 $^{\circ}$ br. 3\$000

Flévee
O POTE DE SUZANINHA. 1 v. b. 5\$000

Guimarães Junior
HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v.
in-8 $^{\circ}$ br. 4\$000

A. C. Louzado
RUA ESCURA. Tradição portuense.
18 v. in-4 $^{\circ}$ enc. 3\$000
OS TRUPEIROS, romance. 1 v. in-8 $^{\circ}$
brochado. 1\$000

A. P. Corrêa Junior
DA CÔRTE Á FAZENDA DE SANTA-FE.
Impressões de viagem 1 v. br.

Victor Hugo
HOMENS DO MAR. 3 v. in-4 $^{\circ}$ br. 3\$000

X. de Montépin
UM DRAMA NAS MONTANHAS. 1 v.
brochado. 1\$000

Max Valrey
MARTHA, romance. 3 v. br. 3\$000

A. Zaluar
CONTOS DA ROCA. 2 v. br. 2\$000
REVELAÇÕES. Poesias. 1 v. in-4 $^{\circ}$
enc. 5\$000
PEREGRINAÇÕES pela provincia de
S. Paulo. 1 v. in-4 $^{\circ}$ enc. 6\$000

Méry
RAFAEL E A FORNARIA, novella. 1
in-4 $^{\circ}$ 800

E. de Mircourt
A ÚLTIMA MAROLEZA. 1 v. in-8 $^{\circ}$
brochado. 1\$000

Molé Gentilhomme
JOANNA DE NAPOLES, romance his-
torico. 1 v. in-4 $^{\circ}$ br. 2\$000, enca-
darnado 3\$000

J. Norberto de S. M.
ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. bl.
3\$000, enc. 4\$000
BRASILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8 $^{\circ}$
enc. 2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS. Contos
poeticos. 1 v. in-8 $^{\circ}$ enc. 2\$000

A. A. de Pascual
A MORTE MORAL. 4 v. br. 8\$000, en-
carnados. 12\$000

**O conselheiro J. M. Perelra
da Silva**

JERONYMO CÔRTE REAL. 1 v. enca-
darnado. 3\$000
MANOEL DE MORAES. 1 v. br. 2\$000,
enc. 3\$000
GONZAGA. Poema. 1 vol in-8 $^{\circ}$
enc. 3\$000

F. T. da Costa Braga
 A HONRA DE UM PORTEGUEZ, comedia-drama em 2 actos e 1 prologo. 1 v. 1\$000
 O QUE É O MUNDO! comedia-drama original de costumes populares em 2 actos. 1 v. 800
 O QUE SÃO AS RIQUEZAS! comedia-drama em 2 actos, seguimento da comedia em 2 actos «O que é o mundo.» 1 v. 1\$000
 PAULA E MARIA, ou a escravatura branca, comedia-drama em 2 actos. 1 v. 1\$000

Félix Pyat
 OS DOUS SERRALHEIROS, drama em 5 actos. 1 v. br. 1\$000

C. A. Cordeiro
 O ESCRAVO FIEL, drama original em 5 actos. 1 v. 2\$000

H. Hostein e Tavenet
 A ESTALAGEM DA VIRGEM, drama em 5 actos. 1 v. 1\$000

J. S. M. Leal Junior
 OS DOUS RENEGADOS, drama em 5 actos. 1 v. 1\$000
 O HOMEM DA MASCARA NEGRA, drama em 5 actos. 1 v. br. 1\$000

D. Lopes de la Vega
 OS INGLEZES NO BRASIL, comedia em 2 actos. 1 v. 1\$000

A. Feliciano de Castilho
 MEDICO A FORÇA, comedia a antiga de Molière, trasladada para o portuguez. 1 v. 2\$500

Quintino Bocayuva
 OS MOURINHOS DA DESFRAÇA, comedia. 1 v. 2\$000

L. C. M. Penna
 O NOVIÇO, comedia 3 actos. 1 v. br. 1\$000

H. Crémieux
 ORPHEO NOS INFERNOS, opera bufa em 2 actos e 4 quadros, musica de M. Jacques Offenbach. 1 v. br. 1\$000

J. Romano
 29 OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros. 1 v. br. 1\$000

Augusto de Castro
 A DE MILHO, pa
 tica do Barbe Bleu 1\$000

Voltaire
 BRUTO, tragedia. 1 v. 610

L. Gozlan
 OS VESTIDOS BRANCOS, drama em 2 actos, ornado de canto, traduzido por A. M. Leal. 1 v. 1\$000

A. M. de Souza
 PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, 1 v. in 4º br. 1\$000

A. Dumas e A. Maquet
 O CAVALHEIRO DA CASA VERMELHA, drama em 5 actos e 12 quadros. 1 v. 1\$000

L. F. Cardoso de Carvalho
 OS DOIS PROSCRIPTOS, ou a restauração de Portugal, drama em 5 actos e 6 quadros. 1 v. 1\$000

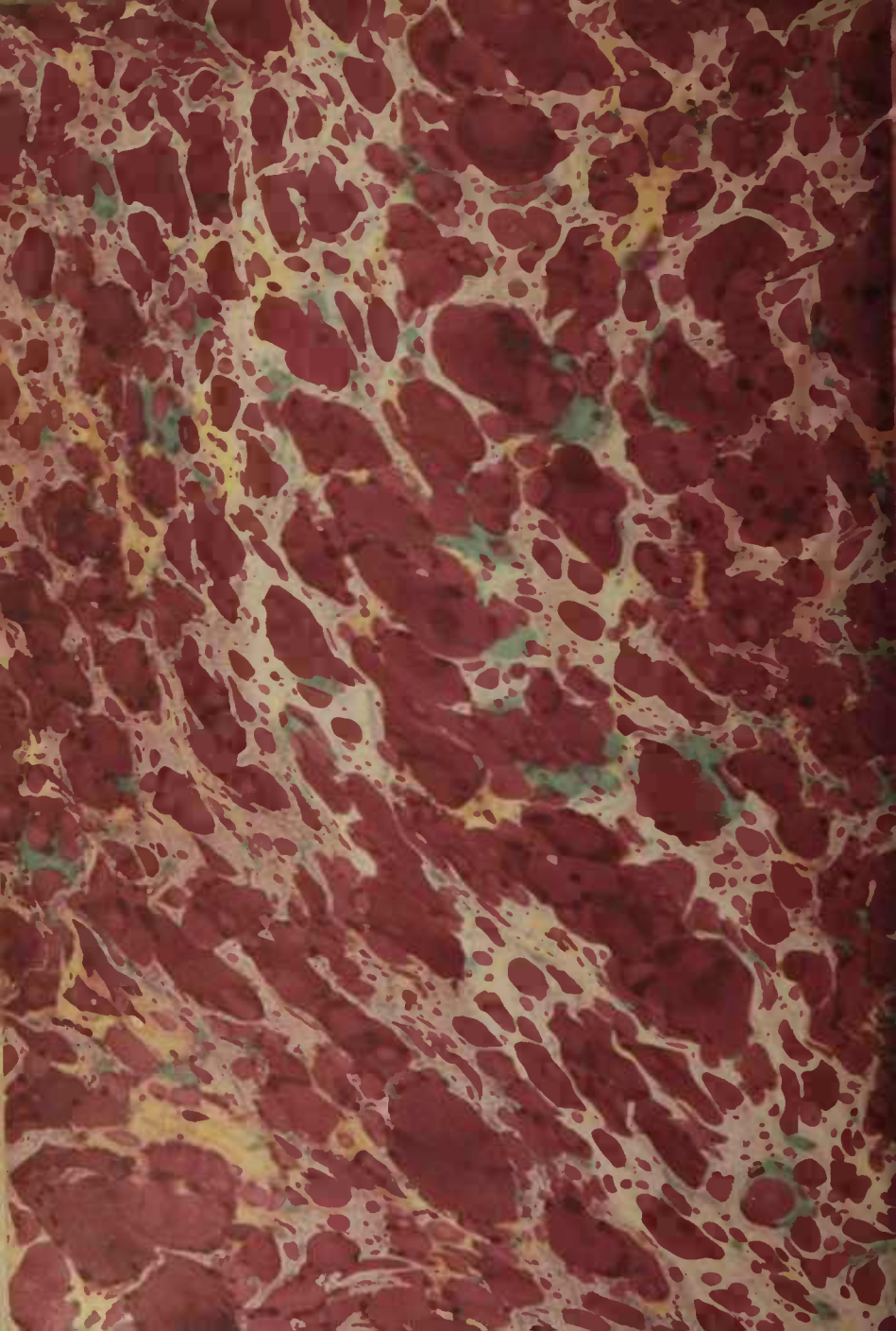
J. A. Ribeiro de Rezende
 POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto. 1 v. br. 500

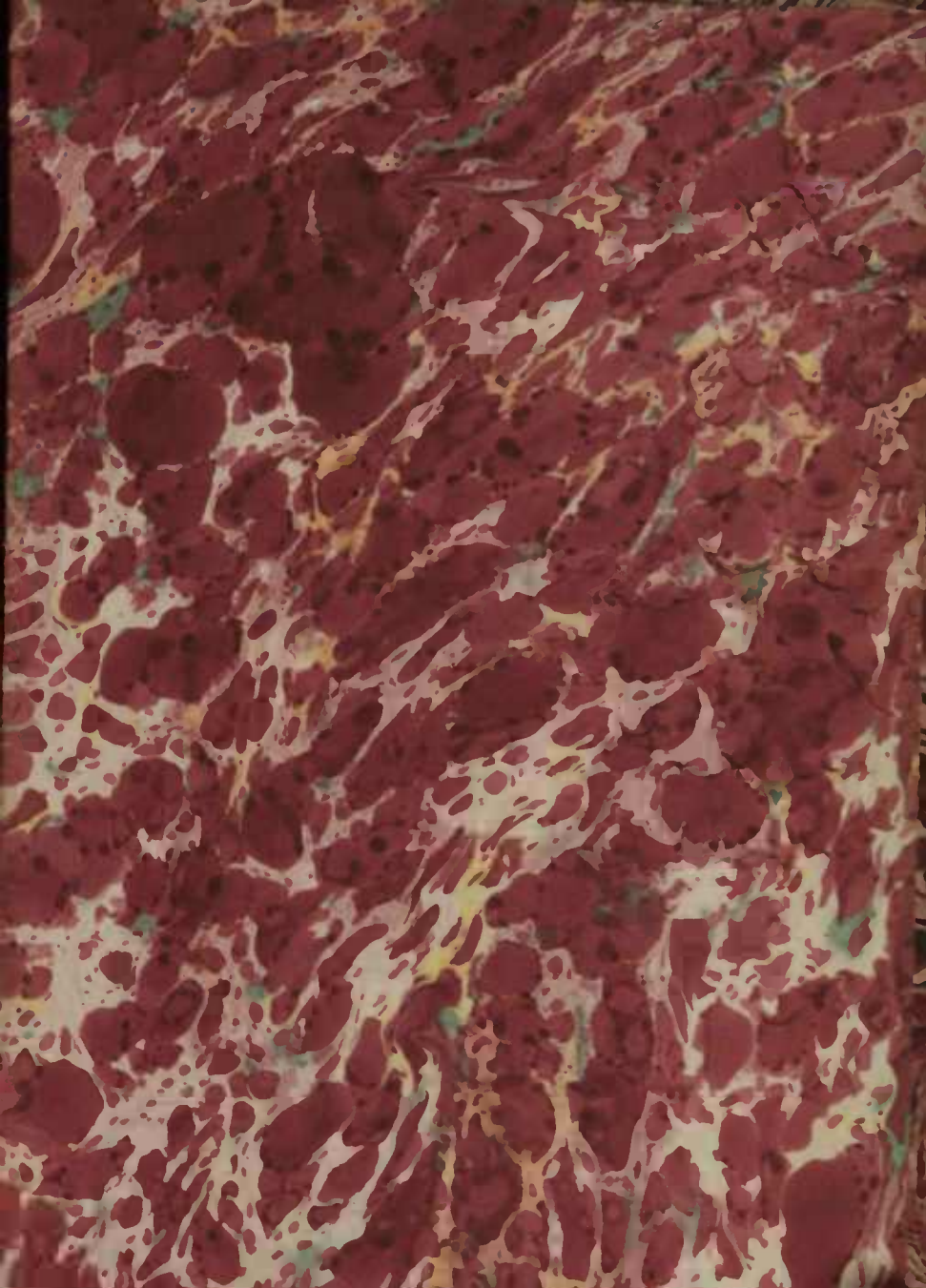
Aristides Abranches
 O REINO DAS FADAS, comedia phantastica em 4 actos e 20 quadros, 1 v. br. 1\$600

Laurencin
 SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos. 1 v. br. 1\$000

J. R. Pires de Almeida
 TIRA DENTES, OU O AMOR E O DIO, drama historico em 3 actos. 1\$500

ROLDÃO AMOROSO, 2 v. enc. 4\$000
 O PHENOMENO, ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 600
 POR CAUSA DE UM SACRISTÃO, ou os infantes improvisados, comedia em 1 acto. 1 v. 1\$000
 REMECHIDO O GUERRILHEIRO, drama em 3 actos e 2 epocas. 1 v. 1\$500
 O CAPITÃO BETTERLIN, comedia em 1 acto. 1 v. 1\$000
 CLARA HARLOWE, drama em 3 actos, entremeiado de canto. 1 v. 1\$000
 ELIZA OU A VIRTUOSA CASTRO. 1 v. in-8º br. 600







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).